

PAULO ROBERTO ROMANOWSKI

A CONSTRUÇÃO DO PODER MONÁRQUICO E DA FIGURA DOS REIS POLANOS NA
GESTA PRINCIPIUM POLONORUM DE GALO ANÔNIMO (1112-1116)

CURITIBA
2009

PAULO ROBERTO ROMANOWSKI

A CONSTRUÇÃO DO PODER MONÁRQUICO E DA FIGURA DOS REIS POLANOS NA
GESTA PRINCIPIUM POLONORUM DE GALO ANÔNIMO (1112-1116)

Dissertação apresentada à banca da linha Cultura e Poder do curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Fátima Regina
Fernandes.

CURITIBA
2009

Romanowski, Paulo Roberto.

A Construção Do Poder Monárquico e da Figura dos Reis Polanos na *Gesta principium Polonorum* de Galo Anônimo (1112-1116) / Paulo Roberto Romanowski – Curitiba, 2009

124 f.:il.(Algumas color); 29cm

Orientadora: Fátima Fernandes

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. História Medieval. 2. História da Polônia. I. Título.

CDD 940.1
CDU 94(100)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me socorrido nas horas mais desesperadoras.

À minha família Osmar, Therezinha e Laertes.

Ao professor Drº Renan Frighetto pelos seus esclarecimentos sobre o Mundo Clássico.

À professora Drª Fátima Fernandes pela orientação e por ter coragem de receber essa pesquisa.

Ao professor Drº Cássio Fernandes pelo auxílio no entendimento do saber histórico.

À professora Alicja Goczyła por ajudar-me a entender a língua polonesa.

Aos professores Drº Paul W. Knoll e Drº Frank Schaer pela determinação de dar acessibilidade às obras eslavas para todos os historiadores no mundo.

À Andrea Dal Pra de Deus pelo apoio e amizade dados durante o estudo para a prova do mestrado e na realização desta dissertação.

À Maria Cristina Przowski pelo auxílio no mundo burocrático universitário.

Aos amigos: Andre Szczawlinski Muceniecks, Arylton da Costa, Camila Dąbrowski, Daniel Orta, Elaine Senko, Érik Wroblewski, Fabiana Sá Regis, Giampiero Pilatti, Janira Pohmann, Priscila Rubiana de Lima, Paula Zanello, Rafaela do Rocio, Rafael Bassi, Rafael Diehl, Ronaldo de Souza Woitechen, Rayana Fridlund, Sérgio Alberto Feldman, Leda Portugal Portella (*in memoriam*), Lígia Quirino dos Santos, Márcio Chinowski, Milena Woitovicz, Monah Nascimento Pereira, Naiara Damas Ribeiro, Otávio Luís Pinto, Valeria Suntack, Walter Lossio. Pelo apoio moral e espiritual.

À CAPES pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

A todos que me ajudaram de alguma forma durante estes dois anos de pesquisa.

RESUMO

A dissertação tem como objetivo discutir a maneira e os caminhos por que o estabelecimento da instituição monárquica existente na Cristandade latina transforma as sociedades eslavas do século X. A partir desse século os reinos passam a se organizar de maneira a recriar sua vida política, conectando o seu passado tribal e citadino com a necessidade de ter no teor de sua vida intelectual uma visão que os aproximasse do resto do continente cristão. O grupo eslavo que analisamos para refletir sobre esse processo é o grupo dos Polanos, os quais se encontram dentro do círculo de hegemonia da dinastia dos Piastes. Durante o século XII, Bolesław III passa a ser a figura central da dinastia Piaste, que vem desde o período do século XI sofrendo com problemas internos e externos de sua posição de poder legítimo. Este monarca eslavo tem a posição de ser o primeiro polano a utilizar os mecanismos culturais para recuperar e ampliar sua condição de superioridade institucional sobre os demais grupos internos e externos de sua sociedade política em formação. A cultura política desenvolvida para o rei polano foi arquitetada por um monge provençal que foi denominado Galo Anônimo. A *Gesta principum Polonorum* é o objeto cultural que trouxe dentro de seu conteúdo os traços das mudanças e das permanências que o monge idealiza para aquela comunidade no primeiro quarto do século XII. Baseados em uma análise histórica do texto, mostramos como as figuras do rei são desenvolvidas com base no aparato intelectual do escritor e nas necessidades que a sociedade de seu comitente apresenta. Indicamos por meio deste caso que as concretudes das relações sociais são importantes para as reflexões sobre os motivos históricos dos fenômenos.

Palavras - chave: Eslavos, História Medieval Polonesa. Cultura Monárquica. Escrita e Poder.

ABSTRACT

This dissertation has as objective discusses the way and the paths that the establishment of the existent monarchic institution in the Latin Christianity transforms the Slavic societies of the X century. Since of that century, the kingdoms pass being organized from way to recreate his political life connecting his tribal past and local power so much with the need of having in the tenor of her intellectual life a vision that approximates them of the rest of the Christendom. The Slavic group that we analyzed to contemplate on that process is that one of the group of Polanos, which are inside of the circle of Piast dynasty hegemony. During the XII century, Boleslaw III became the central person of the Piast dynasty, which comes since the period of the XI century suffering with internal and external problems of his position of legitimate power. This Slavic monarch has the position of being the first poles to use the cultural mechanisms to recover and to enlarge his condition of institutional superiority on the other internal and external groups of his political society in formation. The political culture developed for the king poles were built by a Provence monk that was denominated Gallus Anonymus. The *Gesta principium Polonorum* is the cultural object that brought inside of his content the lines of the changes and the permanencies that the monk idealizes for that community in the first quarter of the century XII. Based on a historical analysis of the text, we showed how the king's illustrations are developed with base in the writer's intellectual apparatus and in the needs that the society of his *comitente* presents. We indicated by this case that the concretudes of the social relationships are important for the reflections on the historical reasons of the phenomena.

Key-words: Slavs, Polish Medieval History. Monarchic Culture. Writing and Power.

STRESZCZENIE

Celem niniejszej pracy jest rozważenie, w jaki sposób ustanowienie instytucji monarchii, istniejącej w łacińskim świecie chrześcijańskim, przekształciło społeczeństwa słowiańskie X wieku. Począwszy od tego wieku, królestwa rozpoczęły proces organizacji, polegającej na tworzeniu nowego życia politycznego, łącząc swoją plemienną i mieszczańską przeszłość z potrzebą wprowadzenia do życia intelektualnego wizji zbliżającej je do reszty chrześcijańskiego kontynentu. Grupą słowiańską, analizowaną w niniejszej pracy w celu zgłębienia tego procesu, jest grupa Polan, znajdujących się w kręgu hegemonii dynastii Piastów. W XII w. Bolesław III stał się centralną postacią dynastii Piastów, która od XI wieku cierpiała z powodu wewnętrznych i zewnętrznych problemów związanych z prawowitością swej władzy. Ten słowiański monarcha jako pierwszy przedstawiciel plemienia Polan zdołał zastosować kulturowe mechanizmy w celu odzyskania i poszerzenia swej państwowej władzy nad pozostałymi wewnętrznymi oraz zewnętrznymi grupami tworzącego się społeczeństwa politycznego. Ta polityczna kultura króla Polan została stworzona przez pochodzącego z Prowansji mnicha zwanego Gallem Anonimem. *Gesta principum Polonorum* jest dziełem, które uwidacznia zmieniające się i trwałe elementy społeczeństwa, kreowane przez wspomnianego mnicha w pierwszym ćwierćwieczu XII stulecia. Bazując na historycznej analizie tego tekstu, zostanie tu ukazany sposób kreacji postaci króla, będący wynikiem intelektu pisarza i potrzeb wyrażanych przez społeczeństwo jego mecenasa. Sytuacja ta będzie punktem wyjścia do wskazania, iż relacje zachodzące w społeczeństwie mają ogromne znaczenie przy analizie historycznych przyczyn zdarzeń.

Słowa kluczowe: Słowianie, Historia polskiego średniowiecza, Kultura monarchii, Piśmiennictwo i władza.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	05
1.1 Novos caminhos para o Ocidente Cristão.....	13
1.2 <i>Gesta pricipium Polonorum</i>.....	25
1.3 Contexto político polano.....	28
2 A FIGURA DO REI GUERREIRO.....	41
2.1 A importância da figura militar dentro da sociedade medieval.....	41
2.2 A crônica e a guerra.....	50
2.3 As virtudes da guerra.....	55
2.4 Estrutura diretiva e as bases sociais da guerra para os Polanos.....	59
3 A FIGURA DO REI CRISTÃO	66
3.1 O rei: vigário de Cristo.....	66
3.2 O rei predestinado Piaste.....	67
3.3 A figura de Santo Adalberto.....	71
3.4 Do paraíso de Bolesław I ao renascimento da <i>Dei Gratia</i>	77
4 A SOCIEDADE POLÍTICA.....	87
4.1 Para uma sociedade política polana.....	87
4.2 A unidade política polana.....	90
4.3 O Pensamento de Galo Anônimo.....	97

5. REFLEXÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXOS.....	114
1. Genealogia da dinastia dos Piastes até 1138.....	114
2. Lista de Imperadores do Sacro Império Romano Germânico (962-1125)	115
3.1 Primeiros reinos medievais da Europa Central.....	116
3.2 O reino dos primeiros Piastes e seu círculo de influência (séculos X e XI).....	117
3.3 Reino polano no período de regência de Bolesław I.....	118
3.4 Organização regional da Igreja durante o período medieval na Europa Central.....	119

1. APRESENTAÇÃO

Iniciamos colocando que a meta principal de nossa pesquisa é entender a teoria de hierarquização da sociedade polana e a institucionalização da monarquia dentro da mesma no período medieval. Nosso trabalho surgiu a partir das pesquisas realizadas no período de graduação em História realizado na Universidade Federal do Paraná. A procura pelo processo de criação da obra fez com que nos deparássemos com um texto que apresenta a montagem da linhagem dinástica. Porém, cruzando com o contexto, vimos que a construção da imagem do rei polano pelo monge é mais do que uma legitimação régia. Dentro de suas folhas Galo Anônimo consegue trazer o aparato cultural latino para a realidade eslava daquela região, uma área recém-introduzida no círculo político da Cristandade medieval. O tempo, a História e a própria comunidade têm em suas idealizações traços elaborados durante o primeiro quarto do século XII pela pena deste eclesiástico que teve de utilizar todos os seus recursos intelectuais para que o seu comitente, Bolesław III, fosse reconhecido como rei válido aos olhos das outras instituições e das comunidades de seu tempo. Durante o percurso, para satisfazer a necessidade de seu patrocinador, o autor cria mais do que mitos fundadores de um monarca, mas uma “teologia Piaste” para a comunidade que o cercava. Uma comunidade que passava por uma crise interna.

Quando temos momentos de crise ou situações de desestruturação, como a dos polanos, o equilíbrio da sociedade é afetado, criando a dúvida de como o grupo pode agir para recuperar, reparar ou amenizar tal situação. Questões assim são respondidas pelos grupos sociais das formas mais variadas, por isso o historiador do político deve analisar as formas pelas quais as respostas são dadas e seus efeitos após sua utilização. Cada período histórico tem sua especificidade para com as respostas que organizam, reorganizam ou inventam a estrutura do poder, isto é, o sistema em que os grupos mantêm vantagens, direitos, posições, hierarquias e o controle das tradições sobre uma parte de sua comunidade, terra, instituição, aldeia ou cidade. Abordar todas as situações em que o poder sofre a ação de mudança de polo ou de estrutura tomaria a vida de muitos homens. Por isso, o pesquisador da história deve se ater às especificidades de seu recorte cronológico, de suas fontes. Entender o poder no tempo em que ele se apresenta, na conjuntura em que nasce ou morre, dialogando com o tempo para apresentar uma reflexão adequada aos problemas apresentados pelos vestígios estudados é a meta da análise Histórica. Procurar uma resposta que seja coerente com o pensamento historiográfico, em nossa perspectiva, somente pode ser feito com a aproximação e o cruzamento do contexto com a fonte. Cada tema deve ser visto na concretude das relações de seus atores.

Os medievalistas têm se debruçado sobre o tema do poder há muitas gerações. O período em que a Igreja, o Império, e os Reinos começam a discutir a maneira e as teorias que vão moldar suas estruturas de relacionamento político é uma das mais ricas para os medievalistas do político. O motivo está em ser esse momento o período em que as instituições cristãs latinas começam a redigir textos que apresentam suas percepções, angústias e soluções para a gestão da sociedade, fundando um pensamento baseado nos vestígios do mundo clássico e tardo-antigo, que, agrupado com a expansão da cultura cristã latina, providencia a produção de parâmetros da hierarquia e da visão do que pode ser nomeado de legítimo no campo institucional.

O recorte que abordamos para pesquisar é o do século XII na Europa Central. Nesse espaço existe a situação da formação de sociedades, antes tribais, em núcleos que seguem a religião cristã e a tradição latina, compreendendo também o momento em que cada uma dessas unidades se mesclasse com outras, formando as bases para elaboração das monarquias, as quais se firmaram nesse território no decorrer dos séculos seguintes. Entre os eslavos ocidentais, a monarquia que foi o objeto de nosso estudo é a formada pela sociedade dos polanos criada ao redor do núcleo familiar-tribal dos Piastes. Grupo que por seu contexto passa a ser o representante oficial do ducado polano para o restante da Cristandade, mas que em seu interior teve de despender muitos recursos para se firmar nesse papel.

A situação de hegemonia dos Piastes perante esse grupo é fomentada pelo fato de conseguirem manter a visão de serem os primeiros evangelizadores do território e por realizarem ações que igualavam aos poderes laicos oficiais. Tornar o poder local mais evidente e legítimo que outros poderes, ao mesmo tempo, obscurecendo seus concorrentes locais, essas foram as metas dos Piastes no século XII. Por isso, Galo Anônimo é incorporado à corte piaste para satisfazer esse objetivo.

Os dois primeiros reis Piastes, Mieszko I e Bolesław I, tiveram atuação importante em seu contexto, como na manipulação da relação de Otão III no caso do corpo de Santo Adalberto, situação a qual apresentamos como sendo um fato importante para a afirmação da família, como abordaremos no corpo da dissertação quando falarmos da figura do rei como protetor da Cristandade e da Fé. A religiosidade trabalha nesse momento da história enquanto a gestora não apenas da espiritualidade, mas também de todos os parâmetros de atitudes do cotidiano. Os homens ligados ao poder espiritual são responsáveis pelas definições e normatizações nos campos teóricos de várias monarquias. Os Piastes têm essa

condição de utilizar o pensamento eclesiástico para formatar sua categoria de superioridade social. O pensamento eclesiástico tem a legitimidade da tradição e a habilidade retórica para instalar ideias dentro de comunidades desde que a Eclésia fez as releituras dos pensamentos clássicos e os combinou com a visão cristã de mundo.

Galo Anônimo é o autor de nossa fonte, sua vida é pouco conhecida, devido em muito ao material de seu tempo não ter conseguido chegar até nosso momento. As informações sobre ele estão dentro do que sua própria obra nos passa e a arqueologia recuperou. Os seus discursos mostram que o autor tem conhecimentos sobre os elementos que devem aparecer como qualidades da monarquia, bem como alguma proximidade com a cultura religiosa e política polana. Também pela via de seu próprio texto sabemos que o autor estava em proximidade com o clero local e dentro deste também nos fala de seus inimigos. A sua capacidade de jogar com as imagens do poder imperial e da monarquia local piaste mostra que tem domínio das discussões políticas sobre os poderes. A missão do autor era dar história aos Piastes e fazê-la ser a história dos cristãos latinos daquela região, mas sua teoria faz mais que fundar a história e a tradição para seu comitente. Seu texto cria a musa da unidade polana, a “Polônia”, a qual nasce no trabalho do monge, que acaba sendo mais que uma apologia à nova forma de sociedade, tornando-se o primeiro elemento jurídico para os reis polanos. É um documento de consulta e educação para as futuras cortes medievais polanas e um documento de identificação do grupo para o restante da Cristandade latina.

O período de 1025 até 1102 é importante para entender a necessidade de produção de um texto com essa configuração. Nesse período ocorre uma mudança na política do Império sobre a área e há uma fraqueza da idéia de monarquia hereditária dentro dos ducados polanos, o que produz um caos político intenso, fazendo os Piastes direcionarem seus esforços para reabilitar sua imagem perante seus pares locais, bem como evitar o desaparecimento de sua condição de representante legítimo do poder real perante as Instituições monárquicas européias e o Papado de Roma. As ações para isso são: as batalhas contra os adversários do poder piaste; os casamentos políticos para pelo sangue resolver algumas crises; e a utilização da erudição eclesiástica para construção de um pensamento político-cultural reestruturado. Este último é o elemento que destacamos em nossa pesquisa e que produziu princípios teóricos da monarquia hereditária para os Polanos, sendo realizado por meio da produção do texto como o que estudaremos a seguir.

A imagem desenvolvida no texto criou uma tradição das características dos reis e da sociedade polana no medievo. A construção do monge Galo Anônimo tem uma penetração

no aparato social de maneira tão sólida, que nos séculos seguintes os direitos por ele criados para Boleslaw III serão a base de concessão de direitos para seus descendentes ou pessoas que procurassem no direito consuetudinário – ou seja, na história e nos documentos – a veracidade de sua condição de superioridade, modificando até mesmo a prática cotidiana dos períodos tribais. A promulgação do poder local dos Piastes é o ponto chave do pensamento de Galo Anônimo. Ele estrutura uma história que recupera e legitima momentos que poderiam ter se perdido no tempo, como a doação de Mieszko I ao papado por seu batizado, documento que nem mais o Estado Vaticano moderno possui, e parece ter sido visto pela última vez, como coloca Paul Knoll, pelos olhos do monge. Faz, assim, a fundação do reino e coloca os Piastes no lugar social ainda não preenchido do poder monárquico legítimo, o qual era, graças a Galo Anônimo, historicamente determinado pelo motor criador da humanidade, Deus. Podemos dizer que a imagem dos reis existente na historiografia polonesa ainda tem muito da imagem construída pela obra. A falta de documentos mais contemporâneos fez daqueles primeiros chefes tribais latinizados reis cristãos predestinados. A imagem criada sobre eles ainda perdura, sua condição de reis verdadeiros está arraigada na história polonesa, mostrando a força que Galo Anônimo tinha por ter feito a primeira fonte de história e moral para aquela comunidade, força que tem ressonância até os dias de hoje e representa em muito a única fonte de saber sobre certos temas medievais poloneses.

Tornando a família dos Piastes um espelho da família de Abraão, tendo em Boleslaw III seu redentor, a história tem uma finalidade no texto, que é chegar ao presente e preparar um futuro, que não se desdobra, pelo fato de o monge ter interrompido a obra. Porém, suas idéias são retomadas pelos cronistas régios nos anos seguintes, bem como os historiadores profissionais, fazendo assim a historiografia polonesa ter como base suas descrições, que são alteradas pela condição volátil da unidade política no século XX. O público desse século XX espera que o historiador lhe revele uma lição sobre o passado que deveria esclarecer o antigo debate sobre as causas da perda da independência. Mesmo com os trabalhos como os de Józef Plebański que condenou em seu curso de historiografia a glorificação do passado dentro dos trabalhos sobre a história nacional, pois estes eram uma afronta aos “*princípios da ciência*”. Todos, porém, acabavam tentando responder à seguinte pergunta: “*Que fez a Polônia morrer?*”. Pergunta que no século XIX produzirá duas escolas (no sentido de possuírem discursos ideológicos e políticos) de debates nominadas como: “*Escola de Kraków*” e “*Escola de Warszawa*”. Kraków, profundamente monárquica, pregava o culto do Estado e da ordem legal e considerava a perda de independência uma catástrofe devida aos defeitos nacionais. Opunha-se, assim, aos movimentos de libertação nacional, atribuindo-os à inclinação dos poloneses para toda a espécie de atividade de conspiração.

A “*Escola de Warszawi*” colocava a nação acima do Estado, rejeitava toda a visão pessimista do passado nacional e afirmava que a perda da independência era resultado de uma violência estrangeira: Tadeusz Korzon demonstrava que a queda do Estado se produzira no momento em que a nação se reerguia e retomava forças. Os historiadores dessa tendência opunham-se ao conservadorismo dos historiadores de Kraków, assim como à justificativa de uma atitude de passividade que eles procuravam extrair da história da Polônia. Por isso, não podemos esquecer que o nascimento da moderna historiografia polonesa coincide com o momento em que a Polônia foi apagada do mapa político europeu. Esse fato pesava na maneira de escrever a história e de encarar o “*ofício*” do historiador.

A historiografia polonesa do século XX tem como característica marcante a construção de uma história voltada para o nacionalismo e para o ideal da procura da pátria. A historiografia, por isso, torna-se carregada de uma aversão ao elemento que impedia a nacionalidade polonesa de expressar sua singularidade. Enquanto os dominadores da nação polonesa criavam uma imagem de falta de unidade; a Academia polonesa procurava trazer a sua ânsia pela liberdade para dentro das fontes de seu território. A Idade Média polonesa é mais que uma parte da História do Povo, o fato de sua entrada para o Ocidente ser mais tardia faz do medievo o momento de “fundação da pátria e da etnia”, que nascem no olhar desses pesquisadores como tendo os mesmos princípios que regiam sua contemporaneidade. Essa situação nos fez procurar um caminho para interpretar o medievo levando em consideração que a “pátria nacional moderna” era um conceito que não poderia ser visto nas fontes polanas. Como mostramos, a Polônia tem origem no pensamento de Galo Anônimo sim, mas não sendo esse pensamento a pátria nacional do século XX, que a historiografia nacionalista tenta atrelar a este conceito medieval de Galo Anônimo.

A meta desta dissertação é criar uma abordagem que não seja apenas uma recuperação da visão do século XX sobre a monarquia medieval dos Piastes, pois isso seria um empobrecimento da análise de uma fonte tão rica sobre a situação humana dos polanos desse período. A maneira que escolhemos para fazer isso é voltar ao trabalho com a matéria-prima, ou seja, se debruçar sobre a *Gesta principum Polonorum*, que, em nossa dissertação, foi revisada e vista não como uma bandeira da nacionalidade, mas como um objeto cultural que é fruto de uma necessidade político-jurídico-cultural, a qual por sua conjuntura torna-se uma das bases do pensamento monárquico e social do grupo polano. A transmissão das informações da fonte foi sendo absorvida pelas pessoas de cada geração, que a transformaram naquilo de que necessitavam. Os historiadores do XX, por sua vez, o fizeram da mesma maneira que diversos historiadores haviam feito com outras fontes de

épocas diferentes, não sendo algo errado, mas sim a maneira como a pesquisa histórica era entendida no seu momento ideológico. Dialogamos com vários textos que tinham em suas páginas esse pensamento para podermos por meio da acareação com a fonte retirar o que é a ideologia da historiografia da época e o que é o panorama medieval original dos polanos. Todos os autores citados nos ajudaram a construir o horizonte historiográfico, não somente dos personagens da produção da fonte como também do que seria a tradição historiográfica daquela região da Europa Central, uma parte do mundo que teve o acesso a seu material bloqueado exatamente pelos conflitos político modernos da segunda metade do século XX.

A valorização da dinastia realizada na *Gesta principum Polonorum* acabou revelando a maneira como aquele grupo eslavo se comportará durante a sua procura pela transformação em uma sociedade latina. A instrução que Galo Anônimo possuía foi colocada em uso para manter os direitos e vantagens da antiga sociedade tribal polana sobre a nova sociedade latinizada e diversificada pelas imigrações, que trazem para dentro de todos os campos sociais e intelectuais mudanças consideráveis no pensamento polano. Era preciso mover as bases da sociedade sem criar o pânico que a inovação causava na mente medieval, como nos dizem as historiografias mais conhecidas, afinal o novo era um pecado nesse período. Mesmo numa situação extrema como a polana, em que o próprio fato de existir um rei já configurava uma quebra com tudo o que o aparato intelectual conhecia, não se poderia deixar os novos elementos sem serem acoplados a um fundamento que os tornava tradicionais.

A História, vinda da ação divina, é real, incontestável. Assim, Galo Anônimo dá a predestinação, que concede à família o monopólio das virtudes, da religião e do motor da história verdadeira, pois é a divina providência que inicia a sua família junto com os polanos. A comunidade é fundada pelos Piastes e, por isso, historicamente esta deve tê-los como cabeça das ações. O cristianismo vindo dos missionários imperiais some e é substituído pelo cristianismo natural, fruto da vontade de Deus na terra, que mais uma vez escolhe uma família para realizar a sua vontade entre os homens. A conversão ao cristianismo não acontece de fora para dentro, mas de dentro para fora. A monarquia não é trazida das fronteiras, mas migrada por via do céu para a terra dos Piastes.

A conversão ao cristianismo no século X foi apenas o primeiro passo para a criação de uma realidade local que não escapava de um contexto maior: o da formação da feudalidade e da idealização do novo Império Romano em terras germânicas. O poder local Piaste vai, por fim, mesclar o universal com o local para criar uma unidade política ideal, “A Polônia”, que surge dentro de um processo de transferências culturais e políticas entre os

diversos grupos, os quais tinham que conviver num mesmo ambiente, mas não tinham ainda os papéis e as posições sociais definidas. Definições estas que Galo Anônimo procura estabelecer pela construção do tempo histórico social dos grupos, manipulando a memória, os símbolos e, talvez o mais interessante de todos, os elementos que são a inovação do aparato intelectual nos campos tanto político como social daquele conjunto de antigas cidades “*Opoles*”.

Dividimos a análise da fonte feita na dissertação em três partes. Na primeira, discorremos sobre a figura do rei como guerreiro, mostrando como a necessidade bélica aparece nos capítulos da obra. O rei tem a sua posição de virtude militar, ou seja, a virtude prática que o fazia ter o reconhecimento público da glória e de sua função administrativa e defensiva. A guerra, como falamos na pesquisa, tem a preponderância tanto na sociedade cristã quanto dentro do grupo eslavo inicial. Visualizamos os mitos e o aparato intelectual que existia sobre a guerra e como as virtudes, tais como a da batalha, têm a função de fazer existir a primeira figura dos reis polanos, reis que para Galo Anônimo serão imbuídos das virtudes clássicas mais evidentes.

Na segunda parte de nosso texto, mostramos a construção do rei como elemento divinizado, no sentido de que sua linhagem possui um pacto com o Deus cristão, criando a função do rei como predestinado e sendo naturalmente guardião em terra da ação das ordens feitas por Deus. Apontamos a maneira do porquê o autor cunha a parte mística dos Piastes, em que o acordo com Deus é abalado e reestruturado várias vezes. Os acordos eram legitimados pelas mais diversas vozes, as quais vinham dos mais variados poderes e das múltiplas figuras legítimas que o medievo conhecia; mostrando, assim, pelo exemplo, que todos reconheciam a legitimidade máxima da casa dinástica Piaste. A autoridade do poder ascendente está presente no contexto eslavo, como em outros contextos, e faz dos Piastes os distribuidores da *Dei Gratia* (Graça de Deus) àqueles que têm relações amigáveis com estes, retirando da história dos Polanos aqueles que não concordavam com os Piastes.

Na terceira parte, refletimos sobre o que seria a monarquia polana e quais seriam as características da sociedade dos Piastes no século XII na teoria presente na *Gesta principum Polonorum*, mostrando como o autor produz um conceito que abrigasse as instituições, símbolos, direitos e obrigações que ligassem aqueles que participavam dela aos Piastes. Com isso, recria em parte o ambiente intelectual daqueles que deveriam ser atraídos ao perímetro da unidade política patrocinada e nascida com os Piastes, a qual é denominada de “Polônia”, cunhando a imagem de que a casa real era uma das instituições que deveriam ser seguidas para que o indivíduo estivesse dentro dos parâmetros de

aceitação da comunidade, podendo assim usufruir a condição de cristão latino legítimo sem sofrer nenhuma forma de retaliação por parte dos Piastes. Respeitar a família de Bolesław era, em teoria, um dos pilares da sociedade medieval, porém esta idéia não evitou que os Piastes tivessem inimigos ou que o poder fosse dividido entre os filhos de Bolesław III.

A teoria de Galo Anônimo não deixa o poder unido, mas cria um ganho estrutural para a dinastia e para os polanos, que passam a ter referenciais teóricos para gestar e desenvolver sua sociedade política. A resposta que os Piastes procuram de como manter a sua hegemonia depois do período de calamidades do século XI é dada em parte pelas ações em batalha e em parte pela construção ideológica que descrevemos no corpo da dissertação. Essa ideologia conjuga os ganhos militares e diplomáticos do século X com os tratados locais do XI, formando no XII a teoria de legitimidade dos monarcas eslavos do século XIII.

A obra mostra que o pensamento político existe em várias épocas e que no medievo versa não somente sobre burocracias, mas também fala de como a sociedade política deve ser em seus vários âmbitos – seja institucional, administrativo ou religioso – e procura determinar quem deve ocupar cada uma das posições dentro dela. Galo Anônimo é um cronista que pelo contexto acaba esboçando um trato político para os Piastes, um eclesiástico que, pela conjuntura do local em que escreve, acaba podendo criar teorias que se tornam o princípio de várias funções dentro do reino polano. O trabalho desse autor produziu um caminho para criar a harmonia entre a necessidade de seu comitente e o que ele entendia por função, organização e até natureza do poder monárquico, que se solidifica em uma realidade a qual acabou se tornando um exemplo e uma tradição para os poderes locais.

1.1 Novos caminhos para o Ocidente Cristão.

O século X é o ponto de partida para nosso contexto pelo fato de que nele ocorreu uma movimentação da sociedade cristã latina para novas bordas do território da futura Europa. A figura de Otão I, que toma o trono real e se sagra imperador em 962¹, tem importância significativa para a chegada, nos territórios onde habitavam as comunidades denominadas de eslavas, das práticas, tanto sociais, quanto religiosas, que existiam nas terras da Cristandade. Ao norte da Hungria encontramos os eslavos ocidentais, que viviam em um território inóspito, isolados de outros reinos de maior poder². Os grupos que são deslocados pelo Sacro Império Romano Germânico até essas partes do continente realizam o “descobrimento” dessas populações. Os Imperadores e os governantes eslavos têm sua história relacionada por vários momentos a partir do final do século IX. A Eslavônia surgia na vida da Cristandade juntamente com os desenvolvimentos que o ano mil traz. O crescimento da Cristandade ocorre junto com uma prosperidade econômica, transformando as comunidades em “canteiros de obras” da cultura cristã que alarga seus braços para reformar e solidificar uma identidade de época em todo o espaço físico a que seu pensamento pudesse ir. A idéia de missão de conversão do pagão faz com que os eslavos sejam visitados, exatamente por estarem em um território próximo, mas ainda distante, dessa cultura das instituições latinas cristãs. Tanto o Imperador quanto o Papado têm como objetivo aproximar esses grupos a seu círculo de influência, seja pela questão econômica, pois eram áreas ricas em oportunidades e matérias, seja pela própria necessidade mental de obter uma evangelização ou submissão política dos grupos principais daquelas comunidades. A maior riqueza que uma terra poderia ter para os grupos cristãos eram os indivíduos, as pessoas eram o bem mais importante para o medievo. A fé somente existe se alguém a praticar ou se ela nele habitar. Os eslavos têm valor pelo motivo de constituírem uma riqueza importante para que a meta de expansão da fé cristã fosse sentida na prática.

Ao Império Romano Germânico interessava tais áreas para suprir a necessidade ottoniana de espelhar o antigo Império Romano, pois os reis germânicos queriam reviver as glórias dos latinos. Porém, o Império Romano tornou-se vários reinos ao Oeste, que não mais entrariam na hegemonia do Império Germânico. Além do projeto dos otões de criar uma Cristandade unida, a introdução dos eslavos compensava a necessidade de um espaço

¹ ORTON-REVITÉ, C. W. **História da Idade Média**. Vol III. Lisboa: Martins Fontes, 1980. p.115.

² GUILLEMAIN, B. **O Despertar da Europa do ano 1000 a 1250**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980. p.222.

mais amplo do que os domínios comuns herdados pelos imperadores de Arnaldo, o Germânico. O casamento de Otão II com uma princesa bizantina demonstra essa necessidade de aproximar o presente com o passado imperial dos romanos. As partes do antigo território são revisitadas, tanto que Roma foi local de permanência de Otão III. A missão religiosa do Império vem do pensamento dos tempos dos Francos, provocando a transformação da religião cristã num elemento que dava a condição de superioridade de um grupo sobre outro. Ter a função de promulgar e manter a fé cristã foi uma função social procurada pelos poderes laicos, imitando também nessa ação a imagem recuperada dos carolíngios. Otão I tentava suplantar seus rivais nessa condição, que eram Bizâncio e França³. Por isso, a Eslavônia⁴ é anexada: a antiga região é pensada como um grande reino que vai ter na Moravia e depois na Bohemia e a figura dos eslavos é totalmente incorporada ao corpo social do Império Germânico, tanto que a Bohemia fez parte do conselho eleitor do imperador nos anos seguintes.

A realidade encontrada nessas partes do mundo não é a de um reino, mas a de uma área coberta de grupos os quais se dividem em tribos que possuem diversos níveis de organização. A sua linguagem indo-européia foi o fator responsável por fazer os primeiros colonos cristãos acreditarem que aqueles povos fossem membros de um reino único. Mas essa situação com o tempo iria mudar, pois observar-se-ia que a despeito da imagem lendária daquelas comunidades, que já tinham sido citadas em fontes bizantinas e árabes como sendo grandes reinos ou somente um reino, havia na realidade uma quantidade variada de agrupamentos. O conhecimento da cristandade sobre os eslavos provinha apenas de relatos de geógrafos árabes ou de autores que recuperavam memórias de viajantes. O termo “eslavo” tem uma série de teorizações sobre sua origem, podendo ser do grego *sklabenoic*, *sthboi*, *esklabinoi*; do latim *sclavi*; do árabe *saqaliba*. Porém, a palavra *slovo* em eslavo significa “aqueles que falam” ou “o povo que tem glória”. A origem lingüística dos povos não é nossa meta, que também não é entender todos os eslavos. Apenas colocamos essa informação para mostrar como esses povos têm uma condição de “anônimos” para as sociedades que formariam a cristandade latina no medievo. P. M. Bardford mostra que os eslavos apareciam em diversos textos do século VIII ao X, obras que apenas mencionam sua existência. No entanto, documentos vindos de dentro dessas sociedades não foram descobertos. As relações também parecem ser poucas, atesta-se a existência de algumas rotas de comércio com certos grupos na parte mais oriental do

³ FOLZ, R. **The Concept of Empire in West Europe**. Londres: Edward Arnold Ltd, 1969. p.63.

⁴ Slavdom em língua inglesa. **N do A.**

continente. Estas foram as vias por que as informações chegaram até os escritores dos séculos anteriores à marcha imperial da Idade Média plena.

Concentraremos nosso trabalho no medievo por este ser o momento em que os eslavos começam a ser descritos e modificados pelos missionários, sendo a preocupação inicial desses religiosos anotar e desmanchar as formas de culto local. Seu trabalho serviu para mostrar a variedade e a maneira pela qual os grupos mantinham sua relação com a realidade e a natureza. O indivíduo missionário é um dos elementos transformadores mais interessantes para a compreensão de como esses grupos aproveitam os elementos cristãos para criar a sua própria cristandade, que não se fecha apenas em um círculo de concepção religiosa, mas também, como em outras sociedades medievais, com a religião fazendo parte da estruturação do pensamento social em seus níveis mais variados. Por ser uma parte inexplorada, o cristianismo migra tanto pelo lado “oriental” como pelo “ocidental” para dentro dessas sociedades. Os povos eslavos são apresentados aos dois tipos de cultos e de tradições cristãs: tanto o latino, vindo dos grupos do Império Germânico, quanto o culto ortodoxo, proferido pelos missionários ligados ao lado bizantino do mundo. Estudaremos a região que ficou conhecida como o local onde existem os eslavos ocidentais. Estas áreas também são locais em que a região oriental não conseguiu fixar-se. O mundo eslavo que está próximo do Império é o aquele que segue o culto latino e escreve em latim. A cultura cristã oriental é difundida por Cirilo e Metódio entre os eslavos, mas nem todos os grupos aceitam essa forma de cristianização. A questão da separação dos eslavos em orientais e ocidentais está ligada a essa recepção da religião ortodoxa e da escrita glagolítica, a qual se aproximava do grego cursivo. Os grupos eslavos mais próximos do oriente recebem melhor essa forma cultural que tem tendências ao sistema oriental de religião cristã. Como exemplo mais notório temos o ducado de Kiev, que assume a posição de religião cristã oriental.

A Igreja de Roma também tem sua posição de tentar aproximar os eslavos para a sua perspectiva de religião cristã, pois os membros missionários citados acima eram representantes de Miguel III e participantes ativos da corte de Constantinopla. Por isso, sua atuação sempre foi prejudicada em certos pontos pelos missionários imperiais, tanto que sua estadia na Morávia foi marcada por confrontamentos com os religiosos locais que poderiam estar tentando proteger suas tradições, dando diferenciação a seu culto em relação ao grupo próximo. Lembramos Kiev e os grupos piastes que possuíam relações diplomáticas, extremamente instáveis, com casamentos e guerras sempre acontecendo entre esses dois grupos. Porém, ficou sempre a posição de que um possui uma tradição totalmente diferente do outro na questão do culto e da cultura. A “Ocidentalização” e “Orientalização” dos eslavos era uma guerra entre os poderes laicos e religiosos das

instâncias maiores na civilização cristã. Destacamos que essa guerra penetra no interior das comunidades, pois os meios de ligação de cada um dos centros eslavos criam uma tradição com um centro missionário. Porém, o passado de cada grupo não é esquecido totalmente. A necessidade de uma diferenciação com o antigo adversário fez os grupos diretivos usarem como arsenal ideológico as disputas entre as línguas e liturgias que nasciam durante os anos das conversões. A Bohemia serviu de ponte para que o Império chegasse às regiões localizadas nas planícies e pântanos que cercavam a trajetória dos rios da Europa Central. As caravanas imperiais são nosso foco pelo fato de levarem os princípios que a fonte a qual abordaremos a seguir possui.

Os missionários têm a preparação e a meta de avançar a partir da Bohemia para o interior desconhecido das terras eslavas. Autores importantes para a pesquisa histórica dos eslavos, como Norma Davis, sempre frisam a posição de que certas “*Opoles*”⁵ tinham de estar geograficamente afastadas dos centros eslavos que serão visitados primeiramente pelos religiosos participantes dessas expedições para a Europa Central⁶. Membros ilustres dessas caravanas são conhecidos até hoje por terem deixado documentos importantes para que tivéssemos alguns dos traços das necessidades intelectuais dos homens do período medieval. Saxo Gramaticus, Adam de Bremen, Thietmar de Merzemburg, entre outros, proporcionaram dados importantes para as pesquisas atuais. Estes indivíduos são os elementos que faziam parte do grupo superior das instituições que chegam aos eslavos. Homens que possuíam cargos importantes eram bispos, prelados, arcebispos. Esta informação é importante para refletirmos que estes homens representavam e tinham lugar no corpo da Igreja, porém não eram os únicos a serem enviados em campanhas de evangelização. Suas caravanas contavam com mais membros, os quais não tinham posições de destaque nem influência no corpo de sua instituição. Os homens que foram deslocados nesses grupos foram para uma área na qual sua instituição não existia. Esse fator dá aos conhecimentos adquiridos em seus estudos um poder que possibilitava a esses indivíduos de pequena ou nenhuma posição no mundo latino cristão mais antigo obterem postos nas hierarquias monárquicas em construção dos eslavos latinizados. O autor que abordaremos em nosso texto é parte desse grupo de desconhecidos que acompanhou os homens que estavam em posições privilegiadas na Igreja ou nas cortes laicas.

⁵ O termo “*Opoles*” é utilizado para identificar as aglomerações humanas que formam proto-cidades, como o nome “*Poleis*” representa as organizações humanas que existiam na região da Grécia antiga. **N do A.**

⁶ Utilizaremos a expressão Europa Central para definir geograficamente a área estudada. Seguiremos essa nomenclatura para adequar a pesquisa às linhas atuais de pensamento sobre a região. Para maiores explicações indicamos o trabalho de Paul Robert Magocsi que se encontra listado em nossa bibliografia. **N do A.**

Galo Anônimo é uma figura que ainda não é totalmente conhecida pela historiografia medieval européia pelo fato de que seu objetivo ao redigir a *Gesta principum Polonorum* era tornar seu texto recente algo feito, como ele diz, “*não para fazer faixas de seu espírito*”, afirmando que aquilo que escreveu “*não era um exercício de escrita*”, mas sim uma ação imposta pela grandiosidade dos primeiros reis (cristãos) daquela região. Este objetivo de dar ao texto latino um cunho de veracidade e “mística” fez o autor maquiar ou omitir seus dados pessoais. A tentativa de esconder sua pessoa pode ter sido motivada pela condição de ser um elemento de baixa posição na área onde estudou. Há menções sobre a sua habilidade, como também colocações que apontam que recebia críticas, vindas talvez dos membros de posições mais altas entre os clérigos migrados para a terra Polana. Decifrar o enigma que cerca uma produção histórica requer a aproximação entre a meta do objeto cultural e o produtor dela. A situação da produção do texto de Galo causa certo desconforto nos pesquisadores por esta omissão de dados, causada em grande parte pela situação em que o reino polano estava. Sabemos que muitas informações anteriores da monarquia piaste teriam se perdido se o autor não as tivesse guardado e provavelmente manipulado. Porém, muitas informações se perderam durante a realização de sua meta.

Jan Długosz⁷ tentou demonstrar que Galo Anônimo era talvez Martins Gallus, conclusão que, segundo o professor Paul Knoll, foi realçada pela escola alemã da metade do século XX. Outro expoente na procura pela identidade de Galo Anônimo é Maximilian Gumpłowicz, que no início do século XX nomeou o clérigo provençal de Balduin Gallus. Todos norteados pela leitura paleográfica do bispo Marcin Kromer⁸ no século XVI, que tentou encontrar um nome dentro dos manuscritos de Zamoyski. O nome verdadeiro do autor desapareceu, mas a pesquisa para tentar encontrá-lo continua, Maria Plezia estudou os inventários da catedral de Kraków para tentar solucionar esse problema histórico polonês, porém até o momento da escrita de nosso trabalho a questão do nome verdadeiro de Galo Anônimo continua sendo uma incógnita para medievalista que se debruça sobre a questão polonesa do governo de Bolesław III. Resolvemos partir dos vestígios deixados pelo autor em seu texto e voltamos ao contexto do missionário para colocar uma hipótese da formação e origem do autor, não para criar uma biografia pura deste, mas para trazer à tona o que era Galo Anônimo na sua formação intelectual. Existe uma relação muito forte entre membros da Igreja e a necessidade da construção da história na Polônia. Os cinco primeiros

⁷ Jan Długosz é um historiador importante no século XVI na Polônia, autor do *Annales seu cronicae incliti regni Poloniae*. **N do A.**

⁸ Marcin Kromer, autor de obras históricas encomendadas pelo rei Zygmunt I em 1555. **N do A.**

séculos foram marcados por essa relação entre clérigos e as cortes ⁹. A diferença de Galo Anônimo para com os seus sucessores está primeiramente em sua condição de “pai fundador” da história da sociedade. Com relação à sua figura também há a peculiaridade de não se possuir informação sobre sua vida de forma mais concreta, como dos demais membros da Igreja que trabalharam junto aos reis e chefes de estado para desenvolver o “espírito de povo polonês”.

Todos os indícios mostram que a formação de Galo Anônimo ocorre em áreas externas ao reino polano. Mesmo existindo teorias de que ele não seria monge, observamos a sua posição nos vestígios os quais mostram que este tinha traços da “literatura” monástica como os *topoi* da pobreza e da simplicidade e além de uma série de menções a monastérios, o que faz a hipótese da origem monástica do autor ser forte em relação à daqueles que esboçam a idéia de ele ter sido bispo. Sendo como exemplo os monges de Saint-Gilles vistos como os portadores do milagre do nascimento de Bolesław III, os monacatos e os conventos têm uma força política importante para os Piastes, pois, como veremos, Piotr Górecki aponta que estes eram os braços da monarquia nas terras distantes dos eslavos sob hegemonia polana. O peso da figura do monge é ampliado pelo fato de ele ser o membro mais simples dos missionários.

Então, a chance de um desses indivíduos de baixa posição, mas de conhecimento parecido ao de outros membros, alcançar o posto de “homem de saber” dos Piastes cresce, mostrando que a condição de falta de uma hierarquia nas instituições plenas na região serviria para elevar pessoas que não teriam a chance de alcançar esse posto em outras terras cristãs. Galo Anônimo torna-se um membro importante e até atemporal para os eslavos polanos, mesmo sendo um estrangeiro, algo que perturba um pouco a nacionalidade historiográfica polonesa, situação que não nos preocupa, pois nenhum elemento cultural da monarquia é “nacional”, nem os deuses eslavos são somente polanos. O território e a população dos Polanos são muito pequenos em relação ao mundo eslavo total, pois este foi criado da junção de inúmeras tribos, por isso não podemos cair na idéia de naturalidade ou propriedade cultural pura destes grupos. Galo é um elemento de fora que traz consigo milhares de elementos que não eram dos eslavos.

As passagens do texto por vários momentos indicam que ele era um estrangeiro, que era atacado por grupos, os quais parecem tentar retirar as vantagens que ele havia recebido

⁹ BURGUIÈRE, A. **Dicionário das Ciências Históricas**. Tr. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Editora. pp 599-611.

para escrever seu texto. A afirmação de estrangeiro aponta para várias teorias de que ele era um monge de fora da terra polana, que poderia ter procedência étnica mais variada, sendo inclusive húngaro, pois a região dos *Magyares* tinha grande desenvolvimento no campo da cultura monástica que servira aos reis daquela área. Existe um predomínio da hipótese de ser a escola de formação do autor a Provença. A conexão dele com a Provença e o Vale de Loire e até mesmo Flandres, é apresentada devido a que em sua obra haja várias menções a Saint-Gilles. Essas menções produzem a hipótese da relação dele com Somogyvár na Hungria, mosteiro que é uma casa irmã de Saint-Gilles e é regularmente povoada por monges da França. O que procuramos fazer em nossa pesquisa não é apontar a origem definitiva do autor, mas sim mostrar a origem possível de seus conhecimentos e apresentar o modo como sua aprendizagem passa na prática ao uso de que a monarquia piaste necessita.

Saint-Gilles é o local que o autor cita em seu trabalho, indicando, assim, que este é um local importante para localizarmos as bases de estudo do monge. Localizado na Provença, este mosteiro está inserido em uma área que possui uma ligação com os diversos momentos da Cristandade, tendo sido inclusive uma província romana. O cristianismo parece ter se espalhado na região por volta dos séculos III e IV; e, entre os séculos IX e XIII, temos o desenvolvimento de uma produção cultural forte, realizada principalmente por grupos monásticos. O pensamento beneditino parecer ter sido o primeiro ponto da tradição que circunda Saint-Gilles. Durante o período de 1091 a 1099, temos como abade em Saint-Gilles Odilo, que, como aponta Etienne Gouffon¹⁰, era um beneditino, o qual foi citado por Galo Anônimo como um nome a ser lembrado durante passagens de seu primeiro livro.

Mostrando que o mosteiro era guiado por um indivíduo que se baseava na regra monástica que serviu em muito para a construção do monaquismo ocidental, o qual passava pela necessidade de organizar-se, impondo-se rapidamente o pensamento de São Bento devido ao seu equilíbrio que criava a situação de austeridade e moderação, da autoridade do abade e do respeito pelos monges – bem como pelas práticas pias e atividade econômica (trabalho manual) e intelectual (cópia e leitura de manuscritos) –, afasta-se do extremismo ascético do monaquismo oriental irlandês, sendo esta uma tradição ocidental¹¹. Galo está envolto em um ambiente marcado por uma regra de trabalho, por isso sua ênfase dada nas primeiras partes de seu livro na sua situação de estar realizando uma tarefa

¹⁰ GOUFFON, E. **Bullaire de l'Abbaye de St Gilles**. Nîmes: Comité de l'Arte Chrétienne, 1882. p.45.

¹¹ LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. v. II. p.269.

divina. A cultura monástica é a cultura da escrita¹². A posição dos clérigos de guardas do conhecimento fez que fossem um elemento com uma função social importante para outro personagem-chave das comunidades medievais: as casas reais utilizaram essa capacidade dos monges de trabalhar o conhecimento. Gostaríamos de lembrar um caso importante da função que os monges têm no medievo. A sociedade castelhana absorveu os monges para primeiro sanar sua necessidade religiosa causada pelo isolamento decorrente da presença mulçumana, o que teve um papel fundamental na uniformização da religião e, conseqüentemente, da forma de governo. Os reis ibéricos aproveitaram Cluny para arquitetar sua nova sociedade¹³ batizada, de acordo com os textos do professor Hilário Franco Júnior, sobre o feudo-clericalismo. O que importa nesse exemplo é a reflexão sobre como a necessidade de organizar a peregrinação de Compostela fez os poderes locais utilizarem a Cluny francesa. Saint-Gilles é um mosteiro ligado também à tradição cluniacense, mostrando que Galo Anônimo teve em sua formação exemplos fortes de um grupo de religiosos que possuía a capacidade de trabalhar com a cultura espiritual das sociedades nas quais intervieram.

Cluny conseguiu até mudar a data de peregrinação para uma época do ano na qual o clima era mais ameno¹⁴, mostrando a maneira como a tradição e a cultura eram manipuladas para que as necessidades imediatas fossem sanadas. Galo Anônimo, como veremos no decorrer do texto, tem uma grande parcela no desenvolvimento da política cultural dos Piastes, criando ao redor da necessidade de seu comitente novos padrões de ação para o restante de sua comunidade. Nas terras onde o cristianismo e a monarquia eram mais antigas, as ordens de Cluny conseguiram desenvolver mudanças importantes. Do mesmo modo, em região onde os princípios monárquicos e cristãos eram elementos ainda não integrantes do pensamento social, o poder de qualquer membro instruído dessa ordem ou de outra passa a ganhar um patamar de importância histórica elevado, afinal, o indivíduo poderia mudar e criar a sociedade da maneira que fosse necessária para satisfazer a vontade teórica de seu comitente político.

Atrelados ao conhecimento monástico de transformação do pensamento e reparação das necessidades cotidianas, voltamos ao caso de que os indivíduos enviados àquelas

¹² LAUWERS, M. "Religion Populaire", Culture folklorique. **Revue D'Histoire Eclésiastique**. Université Louvaine. LXXXII (1987). p.238-240.

¹³ FRANCO JR, H. **Peregrinos, Monges e Guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela Medieval**. São Paulo: HUCITEC, 1990. p.113.

¹⁴ Ibid. p. 124.

áreas também possuíssem a instrução de missionário. A tarefa de transformar exigia a capacidade de assimilação das informações que o cercavam. Galo Anônimo apresenta dados sobre a língua e os deuses eslavos, o que indica que não era apenas um monge peregrino, como diz ser, mas alguém instruído nas práticas de catalogação de informações sobre as áreas a serem convertidas. A sua aproximação com o círculo político dos Piastes é um pouco obscuro pela falta de informação, como mencionamos acima. O que podemos ver, no entanto, é o fato de ser estrangeiro, o que serviu de caminho para aproximá-lo dos círculos eclesiásticos polanos, os quais eram formados por membros de famílias recém-convertidas ao cristianismo. Os membros da monarquia e do clero faziam parte das antigas famílias que formavam o *Wieć*. Estes núcleos dos anciãos dos clãs existiam em cada agrupamento citadino da região. O grupo piaste é parte de um desses agrupamentos que se desenvolveram.¹⁵ O que queremos colocar é que o monge missionário acaba se aproximando de um desses antigos *Wieć*, os quais uma vez cristianizados criaram as figuras da sociedade medieval eslava. Os primeiros bispos, reis e chanceleres são membros de grupos pagãos que tiveram a possibilidade de conseguir se converter em postos institucionais o que valeu como meio de obter vantagens sobre outros clãs. Estes grupos estavam necessitados de auxílio para tornar suas posições hegemônicas, algo que tinha de ser obtido não somente pela via militar, mas também pela via intelectual. Parece que o contexto ajudou o monge provençal a obter um posto de auxiliar desses indivíduos que estavam se desenvolvendo no pensamento cristão de sociedade.

Os clérigos possuem os conhecimentos espirituais para construir a parte mística dos Piastes, porém Galo Anônimo traz consigo mais do que os seus métodos de modelar a parte religiosa das comunidades; os fundamentos e princípios adquiridos pelo estudo dos autores pagãos tem um eco no texto de nosso escritor, mostrando como a instrução dele não era a de um simples clérigo local. As referências ao Mundo Clássico, que apontaremos no decorrer do texto, nos dão a margem para colocarmos que o autor, por estar trabalhando com as necessidades reais de administração e com a meta de elaborar um plano ideológico, faz a recuperação de alguns desses princípios, que provavelmente foram apresentados a ele em seu período de estudo. Aristóteles é um dos autores que possui referências nos livros da *Gesta principum Polonorum*. Aristóteles chega à Cristandade através dos árabes e foi difundido em vários campos do pensamento. Desde Pedro Abelardo, grandes nomes do conhecimento, artes e política do medievo liam e se apropriavam daquilo que parecia mais útil no grande filósofo grego. Os ensinamentos contidos nos textos traduzidos do grego nos

¹⁵ Explicaremos melhor essa ação e o sistema interno do *Wieć* no capítulo sobre a sociedade política. **N do A.**

séculos XII e XIII causaram grande polêmica quando as universidades firmaram-se como instituições sociais de grande peso na vida pública dos grupos da cristandade.

O ponto que fazia de Aristóteles um conhecimento polêmico estava no fato de que quem aplicasse sua filosofia natural dentro da teologia era visto como alguém que seguia um pensador pagão, o qual via o mundo como um local que não possuía um criador, fazendo do estagirita uma fonte de heresia¹⁶. As universidades ainda estavam em institucionalização no tempo de Galo Anônimo. O pensamento universitário não era algo real para o monge por sua localização no tempo e espaço, porém os pensamentos filosóficos estão circulando antes de serem absorvidos pelas instituições universitárias. Lembramos que a região de procedência do monge está próxima de vários locais onde as universidades surgem; centros que em pouco tempo seriam referências – como Paris, Toulouse – encontravam-se espacialmente em ligação com as prováveis áreas de estudo do monge. Geograficamente as idéias tinham vias de chegar até as terras da parte central do continente europeu. Os pensamentos clássicos eram interessantes para o autor por falarem em virtudes e na natureza do poder. A cultura monástica tem três fontes que construíram as suas bases intelectuais: as sagradas escrituras, a tradição patrística e os textos de autores clássicos¹⁷. A maneira de escrever, os exemplos para cada espécie de situação vêm desse vasto número de obras. Temos consciência de que as informações dadas por cada um desses grupos de fontes foi interpretado de maneira diferente por cada época. No Medieval as informações contidas nos textos anteriores dos padres da igreja, nos livros bíblicos e nos autores pagãos redescobertos foram vistos de formas diferentes. Porém, não somente épocas têm interpretações diversas, dentro de cada época e cada situação temos variadas leituras do pensamento clássico, do bíblico e do patrístico. Podemos ver que toda a cultura monástica trabalha como toda a matéria intelectual: ela é filtrada e ordenada de acordo com a necessidade prática que o cotidiano exige dos indivíduos.

A situação do monge era a de procurar dar à figura de seus patrocinadores a consistência necessária para que estes tivessem uma condição de hegemonia dentro do corpo de sua sociedade. As lições que Galo Anônimo teve durante sua possível permanência junto aos grupos monásticos provençais foram selecionadas e otimizadas de maneira a podermos dizer que existe um conhecimento de Galo Anônimo sobre os assuntos bíblicos e princípios clássicos. Existe, então, uma transformação e uma utilização dos conhecimentos da cultura monástica, que é retirada de dentro dos mosteiros e colocada

¹⁶ ULLMANN, R. A. **A universidade medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.165.

¹⁷ LECLERCQ, J. **Cultura y Vida Cristiana**. Salamanca: Sígueme, 1965. p.71.

dentro das cortes eslavas recém-cristãs. Os fundamentos clássicos importantes para o monge em nosso estudo são aqueles ligados ao poder natural e às qualidades pessoais de um rei. Talvez por trabalhar com a idéia de criar uma origem piaste para a sociedade e fazê-la, ao mesmo tempo, lembrar que por isso deve sempre respeitar e conceder direitos aos membros da família de Bolesław III, o monge fala à comunidade que receberia seu texto por meio de passagens selecionadas dos autores clássicos. As idéias aristotélicas contidas, por exemplo, no livro da *Física* falam da relação entre tudo o que existe no universo e como todas as coisas têm uma relação inicial de movimento¹⁸. A *Política* é uma obra repleta de referências para alguém que deseja construir uma comunidade, pois nela aborda-se o que faz da *polis* uma unidade política¹⁹, tornando todos os seus livros um conjunto de reflexões válidas para a montagem intelectual que Galo Anônimo tem de realizar junto aos polanos. Destacamos também a importância dos pensamentos contidos nos escritos que formaram a obra de Aristóteles conhecida como a *Ética a Nicômaco*²⁰, que são conhecidos por terem uma influência nos escritos políticos medievais, não sendo apenas do conhecimento de mestres universitários, mas também até mesmo de ordens mendicantes, as quais tiveram acesso a essa espécie de material²¹. O nome exato do mestre de Galo Anônimo não temos. Por reflexo do que encontramos nos livros de seu trabalho, sabemos que os temas pensados pelos antigos – Aristóteles, Cícero – nele encontram eco. Seria porque suas obras falam de momentos de mudanças? O fim da República Romana e a ação de Alexandre Magno pressionaram aqueles pensadores a escrever, ficando suas realidades marcadas em seus pensamentos. E essas reflexões foram acolhidas pelo monge provençal por lembrar sua posição dentro da sociedade polana, que precisava de parâmetros político-culturais de acordo com o pensamento da cristandade. Todas as idéias – pagãs, cristãs e eslavas – que prendessem a comunidade aos Piastes foram utilizadas pelo autor.

O pensamento clássico é importante, mas temos de colocar que o primeiro exemplo intelectual para um indivíduo que teve contato com o pensamento cristão é o pensamento contido dentro dos livros bíblicos. Até o filtro da realidade, como demonstraremos, que tem maior valia nos textos da obra em análise é o paralelo com os livros sagrados. A maneira pela qual o autor decidiu contar os feitos dos príncipes polanos foi a de imitar os livros do Velho Testamento, opção explicada pela obrigação de criar uma imagem de guardião e

¹⁸ ARISTÓTELES. **Física**. Madrid: Editorial Gredos, 1998. p.140-146.

¹⁹ ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2007. Podemos observar a questão das virtudes como elemento para a existência da comunidade no livro III. **N do A.**

²⁰ Cf. ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

²¹ MIETHKE, J. **Las Idéias políticas de La Edad Media**. Bueno Aires: Editorial Biblos, 2007. p.78.

criador da cristandade local para os Piastes. Os escritos bíblicos, como os clássicos, dão os exemplos para a mente do escritor. A idéia de um povo escolhido que tem em uma família sua ponte entre o criador e a terra foi aproveitada para montar a função dos Piastes dentro da comunidade. Em uma sociedade onde as leis de Deus passavam a ser vistas como algo que se tornou humano na figura de Jesus, a encarnação da palavra toma a figura dos Piastes e estes se tornam apóstolos tardios em terras que não estavam nem próximas de ter alguma menção dos livros originais da Bíblia. Temas bíblicos aparecem na obra de Galo Anônimo, como a ênfase dada na conversão de Mieszko I por sua mulher, tema que está contido nas escrituras de São Paulo, quando, em sua carta aos Coríntios, fala sobre como a mulher muda o marido e santifica os filhos²². Esse pensamento é parecido com o utilizado para falar de Clotilde, esposa de Clóvis, rei dos Francos, que consegue convencê-lo a tornar-se cristão²³. Apresentamos esse paralelo para demonstrar que existe a possibilidade de o autor ter lido outros textos os quais serviram de padrão para a sua obra. Ele poderia ter lido a história dos Francos, pois sua posição geográfica facilita o acesso a esse material. Porém, a obra de Tours tem influência dos textos bíblicos. Privilegiamos a possibilidade de o autor ter aproveitado o pensamento bíblico e, juntamente com os exemplos externos contidos em outras obras monárquicas, apresentado as questões que faziam de seu texto uma obra aceitável entre os grupos medievais cristãos. Assim, trabalha a construção intelectual por meio da absorção dos elementos e utilização deles no cotidiano. Os temas da obra de Galo Anônimo são os mesmos de outras obras medievais e religiosas, porém a sua finalidade é única: criar os Piastes para a intelectualidade medieval. Ele dá a seu pensamento uma “forma de Aristóteles” própria, a qual vai beber nas fontes de outros que utilizaram Aristóteles, mas o Aristóteles polano somente existe em Galo Anônimo.

O missionário vem com o intuito de espalhar a palavra da fé cristã, mas em sua bagagem traz tudo o que compreende como realidade. A sua religião vem acompanhada da sua cultura política, literária e de todas as formas de práticas e de representações que a cristandade cunhou antes de chegar aos vales dos polanos. Porém, por mais que existam modelos, eles nunca são o suficiente para resolver as especificidades das situações. Os caminhos que trazem Galo Anônimo até aquela corte eslava fazem com que revise seu conhecimento em prol de uma meta que provavelmente não espera realizar: a de construir uma monarquia e uma história e se tornar um dos “pais fundadores” de uma cultura política. Seus escritos são tão importantes que podemos até colocar que os reis polanos poderiam

²² “Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos.” In: 1 Cor 7:14.

²³ TOURS, Gregori. **The history of the Franks**. New York: Penguins Books, 1974. p.17.

ter caído no esquecimento de seus feitos, se não tivessem sido recriados nos livros da *Gesta principium Polonorum*. Passamos a apresentar considerações nossas baseadas na historiografia e em nossa própria reflexão sobre o gênero e estrutura do texto do autor provençal.

1.2 *Gesta pricipium Polonorum*

O título que utilizamos é o de *Gesta pricipium Polonorum*, por este definir o conteúdo da obra. A tradução para o português seria a de “Feitos dos Príncipes dos Polanos (poloneses)”. Essa maneira de interpretar o título da obra segue a linha de raciocínio criada pelos professores Paul Knoll e Frank Schaer. Segundo a explicação destes dois medievalistas, a obra tem em seu título uma discussão que achamos relevante marcar em nosso trabalho. A fonte de nossa pesquisa por muito tempo foi denominada de *Cronica et gesta ducum sive principium polonorum* e seu texto foi por muito tempo visto como um documento para estudo literário²⁴. O título foi cunhado, pelo que indica nossa tradução, pela glosa de Marcin Kromer que, em 1555 a mando do rei Zygmunt I, o Velho, produziu obras para seu comitente e que, como seus antecessores, tinha apenas em Galo Anônimo a referência mais antiga sobre a comunidade. A escolha do autor por colocar que a obra seria uma Crônica e uma Gesta demonstra uma especificidade do texto que é o de trazer elementos que lembram essas duas variações de estilos medievais. Foram consultados léxicos sobre a definição de Gesta e Crônica, como a definição de H. R. Loyn, que, no verbete crônica, coloca que existe semelhança entre a crônica e os anais, porém a primeira descreve os acontecimentos com mais detalhes que os anais, sendo assim, marcos para a construção da literatura medieval. As primeiras crônicas são histórias universais ou crônicas do mundo, as quais respeitam uma cronologia. Aqui a definição e exemplo de crônica já entram em conflito com a obra de Galo Anônimo. Os fatos são contados em uma ordem cronológica, sem preocupar-se com a história do mundo ou da criação. A história do mundo resume-se à história dos Piastes, provavelmente por o autor saber que a região em que estava era pagã. O mundo deveria começar com Cristo; então, mantendo sua linha de pensamento de que aquela família havia promulgado a religião na área, entendeu que sua obra deveria falar da criação do cristianismo local.

A canção de gesta é apontada como sendo um nome genérico para poemas épicos feitos em Francês arcaico, obras que tem como personagem Carlos Magno; obras de

²⁴ KRZYŻANOWSKI, J. **Historia Literatury Polskiej**. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1963. p.17.

caráter descritivo sobre feitos militares, como a obra de Galo Anônimo. Em sua maioria são escritos em poesia, a obra do monge, possui partes em verso, mas não versa somente sobre batalhas. Fala do cotidiano e conversa com leitor sobre o valor dos Piastes. Existe também na obra do monge o fator de ele mostrar um lado muito “místico” dos acontecimentos. A gesta é um produto cultural de grande abundância na região de origem do monge, então temos de considerar que essa forma de escrita deve ter influenciado os parâmetros utilizados para compor a obra dos Piastes. As crônicas eslavas são notórias por serem em muitos casos as únicas fontes sobre essas regiões no medievo pleno ou no período pré-cristão, como a crônica de Nestor que, até o presente momento, é um das poucas fontes sobre o surgimento dos grupos que formaram a Rússia²⁵. A crônica de Galo Anônimo tem a diferença de não trazer tanta informação sobre a cultura dos grupos quanto em outras obras eslavas. Assim, diferente da crônica dos russos que fala sobre o nome e outras informações entendidas como étnicas pelos pesquisadores, a dos poloneses foge do padrão eslavo no texto do monge, pois posteriormente outras obras ganharão os traços de serem descrições dos “povos”, não apenas de um grupo como é a analisada neste trabalho.

A vantagem dos grupos eslavos está em poderem criar, ou melhor, terem como única saída criar “novos textos” baseados nos antigos, como a “liturgia de São Pedro”, uma obra baseada nos escritos gregos e latinos que deveria ser uma liturgia legítima, mas era apenas um híbrido dos textos originais²⁶. O mesmo processo parece ter acontecido com a *Gesta principum Polonorum*. A junção das fontes reais que os clérigos conheciam fez surgir uma obra que trazia elementos dos dois “gêneros” medievais mais conhecidos pelos pesquisadores. Sabemos que “gêneros” para esse momento é algo anacrônico, não existe uma padronização que faça o autor escrever de propósito em um estilo. Galo Anônimo não teve em seus anos de formação métodos que diriam a ele: caso fale de “povos” faça uma história; caso fale de guerra faça uma gesta. O que o autor teve foram exemplos que combinou para passar da melhor forma possível e para obter o resultado que visava: manter os Piastes na memória e fazê-los atemporais e imprescindíveis para a sociedade política, situação que posteriormente criou essa ambigüidade que Kromer trouxe à tona em seu século. Fica a incerteza de qual seria a natureza da obra do monge, questão que é de difícil resolução, pois a leitura do texto na íntegra causa dúvidas. Por isso, temos simpatia pelo pensamento dos tradutores da obra para o inglês: pensá-la como a transcrição dos feitos

²⁵ HITA JIMÉNEZ, J. A. Sobre los Orígenes de Rusia y La Crônica de Néstor. **Stvdia Histórica**. Salamanca: Ediciones Universidade de Salamanca, 18-19, 2000-2001. p.166.

²⁶ ROBISON, D. The Slavic version of liturgy of St. Peter. **American contributions to the tenth international congresso of slavist**. Colombus: Slavica Publishers, Inc., 1988. p.329.

dos príncipes para a sociedade, refletindo não tanto no “gênero”, mas na função que a obra tem. O seu conteúdo foi manipulado dentro de casulo híbrido das formas aceitáveis de redação, foi devidamente fidedigno quando preciso e imaginado no momento certo.

Alguns anos depois as obras polanas ganharão feições mais de crônicas, como aponta Margaret Schlauch, quando demonstra que mestre Wincenty será um seguidor de Geoffrey de Monmouth em suas obras²⁷. Galo Anônimo apresenta aos polanos as formas de escrita a que teve acesso e as utiliza para contar as ações interpoladas dos membros da família que o patrocina. A transformação dos feitos dos príncipes em texto pode ser definida como uma cronologia de traços legitimadores que, por meio dos artifícios da prosa e do verso, revive e refaz os eventos importantes para aqueles que dela necessitam, produzindo um compêndio dos escassos documentos reais que existiam na corte, criando uma chancelaria literária para a instrução dos nobres que quisessem ter mais informações sobre os Piastes, ou precisassem aproximar-se deles. Galo Anônimo faz da escrita da sua obra um elemento que tem o mesmo sentido que outras obras régias, o de se tornar um instrumento na apreensão e ordenação do mundo²⁸. Cada cronista tem a singularidade de sua produção; as situações do reino e da cultura que o cerca fazem o cronista criar seu trabalho. A *Gesta principum Polonorum* é um exemplo de como uma especificidade pode causar divergências e enriquecer os conceitos sobre os temas medievais. A obra analisada completa essa época medieval que, além de ser um momento de batismo e de alfabetização da sociedade²⁹, é o da própria criação da comunidade com um corpo político que pensa sua própria situação interna e externa. A gesta polana tem como principal estilo lembrar os Piastes e seus feitos.

²⁷ SCHLAUCH, M. Geoffrey of Monmouth and early Polish Historiography: A supplement. **Speculum**. Cambridge: medieval Academy of America. v.44, n.2 (Apr., 1969), p. 258.

²⁸ FRANÇA, S. S. L. **Os reinos dos cronistas medievais (século XV)**. São Paulo: Annablume, 2006. p.49.

²⁹ SIEWIERSKI, H. **História da Literatura Polonesa**. Brasília: Editora UNB, 2000. p.21.

1.3 Contexto político polano

O contextualizar é um princípio que entendemos como importante para o desenvolvimento de pesquisas no campo da história. Então, por esse motivo trazemos ao leitor o resumo dos fatos que cercam a chegada de Galo Anônimo ao território polano.

O tratado de Verdum, em 843, fragmentou em três partes o território que Carlos Magno havia deixado, cada qual para um de seus filhos: Luís, o Germânico; Carlos, o Calvo; e Lotário. O último recebe o título de imperador por ser o primogênito, mas seu poder fica mais restrito, iniciando-se a divisão e morte da dinastia Carolíngia, a dinastia imperial. O Tratado de Verdum acaba com o sonho de um retorno à época clássica imperial. O Império Carolíngio não durou nem cem anos, mas produziu um eco nas terras germânicas, devido ao fato de que um dos últimos Imperadores Carolíngios, Carlos, o Gordo – rei da *Francia Oriental* (879-888), bisneto de Carlos Magno – transmite seu título moribundo de Imperador a Arnolfo da Germânia; fazendo, assim, com que essa região ganhasse um dispositivo capaz de introduzi-la na tradição imperial.

No final do século X, uma figura emblemática para a história medieval aparece no cenário da Cristandade pós-Carlos Magno: Otão (936-973). Seu nome é lembrado por ter sido o primeiro rei saxão a tentar transpassar o limite de sua soberania para além dos limites de seu reino. A procura pela integração de grupos diversos era sua meta, pois naquele momento passava-se a ver na Cristandade uma base de coesão que supria o espaço que a queda do Império Romano havia deixado em aberto. A Cristandade buscava um equilíbrio e nesse momento os saxônicos realizam uma tentativa de serem os guias dessa área latina da Cristandade à beira do ano 1.000.

A reabilitação da dignidade imperial por parte de Otão I fará ressurgir a procura do domínio universal, relembrando seus antepassados que receberam de Verdum o imaginário do Império. A corte do então possível Imperador tenta se aproximar do passado Carolíngio e Romano, porém o elemento ecumênico cristão associa-se a essa nova realidade produzindo um novo conceito de Império.

Após conquistar a coroa dos Lombardos e vencer os húngaros e os saxões, como Carlos Magno, o título de Imperador parecia inevitável e sua concretização ocorre pelas mãos de João XII em 962. Roma concede o título de Imperador buscando um protetor, e Otão o recebe procurando a legitimidade total, voltando às glórias dos Romanos pela

associação ao último baluarte institucional e cultural do Império do Mediterrâneo, a Igreja de Roma.

O conceito de Império é uma discussão que parece interminável, mas alguns atributos dessa noção parecem ser comuns. Na Idade Média, o termo aparece, pelo menos no período ottonino, ligado ao pensamento romano, uma vez que segundo Cipião Emiliano: “*As conquistas de Roma eram guiadas pela realização da união dos povos civilizados; seu propósito, e ao mesmo tempo sua justificativa, trazer paz, ordem e justiça para os homens*”. Mas qual era a justiça que o Império iria espalhar pela Cristandade do século X? A missão ecumênica passa a ser incorporada às metas do novo Imperador. Deus era o protetor do Império, a Igreja procurava um protetor – um álibi, porém, à expansão do poder temporal sobre as regiões não tão próximas da cristandade. A própria Igreja sente que a sua tentativa de se proteger causa danos à sua “liberdade” de ação. As famosas *Privilegium Ottonis* são um exemplo da incompatibilidade de pensamentos entre o poder da Igreja e o do Império, os quais precisavam um do outro, mas tendo ambos aspirações de hegemonia total. Não vou estender-me sobre como foram os confrontos entre esses dois poderes, uma vez que essa explanação é apenas uma introdução sobre como o Império conseguiu receber legitimação em suas ações contra outros povos que até então eram desconhecidos do Ocidente Cristão latino. O Império poderia a partir do século X levar a “Civilização” a outras partes do mundo.

Quando inicia sua retomada do Império Carolíngio, Otão I tem primordialmente a visão do eixo territorial do que seria a atual Alemanha-Itália. A *Francia Occidentalis* permanece fora da área de influência do Império, fazendo, assim, a diferença entre Carlos Magno e Otão I. A novidade de se aproximar destes povos que estavam à beira do Ocidente cria novos aliados, bem como focos de problemas para o Império, pois no decorrer dos séculos X e XI as aspirações de soberania local das dinastias autóctones dessas áreas se fazem presentes. A noção de reino pode ser algo difícil de definir entre esses grupos, mas podemos dizer que dois grandes grupos – o dos Bohemios de Praga e o dos Polanos – ganharam destaque por se aproximarem mais da Cristandade Latina. Os registros sobre esses povos antes do período ottonino são poucos, suas aparições são geralmente rápidas e com pouca descrição, como esta feita por viajantes árabes no século X:

A terra dos eslavos estende-se do Mar da Síria para o Oceano no norte... Eles constituem-se de numerosas tribos, cada qual diferente da outra... No presente, há quatro reinos: o rei dos búlgaros; Bojeslav, Rei de Faraga, Boiema e Karako; Mieszko, Rei do Norte; e Nakon na fronteira do Oeste...

Nesse trecho de Ibrahim-Ibn-Jakub, geógrafo que acompanhava o Califa de Córdoba em uma embaixada na Europa central em 965, temos o primeiro relato de como os povos eslavos se organizavam politicamente.

Os dois povos citados acima têm destaque por terem uma homogeneidade política maior do que outros grupos eslavos. A Bohemia surge dos restos do reino da Morávia, que fora desmembrado por apresentar certa resistência às forças de Henrique I. Este agiu sobre essas terras para evitar que os Přemyslid, uma família ducal de Praga, conseguissem ganhar força e pudessem vir a complicar o rei germânico na sua fronteira. A própria tentativa de aproximação com Constantinopla cria esse medo de que a Bohemia fosse um inimigo de peso na fronteira. Otão I inicia uma conquista dessa área por meio de uma colonização, bem como pela introdução e controle da Igreja de caráter latino-germânico, dividida em duas marcas controladas por Herman Billung e Gero; fazendo, assim, da Bohemia um aliado importante para patrulhar seus vizinhos.

O sistema germânico de tributo ou vassalagem das tribos eslavas é definido pela historiografia polonesa como tendo seis objetivos: 1) Manter o território dividido entre vários vassalos para evitar a formação de um grande território; 2) Sustentar a intervenção do rei germânico sobre a sucessão da dinastia; 3) Aumentar a tributação e fazer o pretendente ao trono procurar a ajuda dos Germânicos; 4) Exacerbar as rivalidades entre os vários grupos eslavos; 5) Interferir na criação de uma monarquia e de um estado unitário; 6) Prevenir o surgimento de uma Igreja independente, pois isso poderia proporcionar a formação de um reino independente.³⁰

Todas essas preocupações são para criar uma paz nas fronteiras, bem como uma fonte de recursos e, possivelmente, um auxílio em confrontos bélicos. O Reino da Bohemia sofre um desmembramento rápido e a perda de autoridade. As demais tribos eslavas são fracas e pouco organizadas, geralmente mantendo-se sob o poder germânico, tendo em certos momentos ações de levante, mas sem grandes conseqüências. Otão III procurara trazer os eslavos para mais perto do Ocidente e os Polanos ganharam certo destaque por possuírem uma estrutura dinástica saliente. O Imperador teve laços fortes com membros da Igreja na região da Bohemia, como é o caso de São Adalberto de Praga.

³⁰ MANTEUFFEL, T. **The Formation of the Polish State**: the period of ducal rule (963-1194). Detroit: Wayne State University Press, 1982. p.43.

Os Polanos se encontravam separados das áreas de expansão germânica pelas terras dos Luticianos e dos Bohemios da Silesia; dos Prussianos, pelos pântanos e pelas regiões selvagens; e dos Russos, pelas terras desertas e sem donos. Tal condição é vista para alguns autores como ideal para que as tribos dessa área tivessem tempo para se organizar politicamente. A geografia e a alta densidade demográfica na região central do que seria a Polônia atual provocaram uma interação centrada em uma unificação do culto religioso, originando um governo do *Wież* – uma espécie de convocação de todos os membros importantes das tribos – que mais tarde criou um poder consolidado, o qual produziu a necessidade de um príncipe, que passou a ser eleito. As tribos apresentam um sistema de clãs, compostos por indivíduos que têm um ancestral comum. Mesmo passando para o sistema político ocidental, as tribos continuarão sendo termômetros da estabilidade interna. Quando o príncipe enfraquece, elas se manifestam procurando substituí-lo por alguém mais forte.

O período de formação do reino polano sob a casa dos Piastes é envolto em lendas e perguntas que a arqueologia tenta resolver. Teorias de que a unificação seria fruto de uma leva de agentes externos, provavelmente normandos, ainda causam polêmica, mas o fato é que em 963 os Polanos têm como seu chefe a Mieszko I (960-992). Os Piastes são considerados análogos aos Carolíngios e Stuarts e provavelmente eram oficiais da dinastia dos Popiels. A palavra *piastwać* origina o nome dessa casa real que vai perdurar até o século XIV, seu significado é “aquele que carrega em seus braços as armas”. Isso demonstra que a organização dos Piastes era aparentemente recente, mas já consolidada no momento em que Otão I chega à região, embebido pela ilusão do Império universal.

Batizado em 966, Mieszko I entra para a cristandade com seu casamento, arranjado pelos germânicos, com Dąbrówka, filha do Duque da Bohemia, Boleslav I, e sacramenta sua proximidade como o Império Romano Germânico. Como a ação de hegemonia do Império baseava-se na cristianização do “mundo”, não pertencer à cristandade era o decreto de guerra e violência ao seu reino. Mieszko I, para evitar ter o destino de seus vizinhos que sofreram violência, recebe a fé latina de forma rápida, mesmo que seu aparato eclesiástico não existisse antes do século XII, pois sua Igreja é praticamente formada por clérigos de Rengeshurgo. Mieszko I demonstrou habilidades diplomáticas sagazes para evitar que fosse atacado, ao mesmo tempo em que conseguiu um alibi para se expandir e ter certa “liberdade” de ações sobre seus vizinhos e mesmo sobre o Império. Reinando durante quase todo o período otonino, o primeiro rei histórico da Polônia conseguira conquistar seus vizinhos pagãos e tentava tomar os Lusatianos em 967. Nesse momento, Wichman, um dos inimigos de Otão I, se junta às tribos eslavas dos Obodritas, prometendo-lhes acabar com a

expansão polonesa e com a submissão imperial. Mieszko I acaba vencendo esta liga e ganhando mais ainda o respeito Imperial. Tal fato gera um dos primeiros tratados que provam a audácia diplomática do rei polano, que realizou um trato, no qual ele ficava encarregado da paz no Leste e em troca o Império abriria mão da região da Pomerânia e em lugar receberia um tributo anual, para provar a sua fidelidade.

Em 972, um *margrave* de nome Hodo invade sem sucesso o reino de Mieszko I. A vitória sobre esse elemento germânico movimenta o Imperador ao ponto de trazê-lo a Quedlinburg. Então, a parcialidade do Imperador fica clara, Hodo é absolvido e Mieszko I é obrigado a deixar um filho na corte como prova de lealdade. Após esse evento, Mieszko percebe que necessita ter mais uma via de apoio, enviando, então, uma mensagem a Roma, nela contendo um tufo do cabelo de seu filho Bolesław, futuro Bolesław I. Este ato simbólico coloca seu filho sob a guarda da Santa Sé. Provavelmente temendo que a sucessão de Otão I provocasse problemas para o seu reino, Mieszko I inicia a aproximação com Roma.

Otão I morre e Mieszko I e Boleslav II de Bohemia se declaram a favor de Henrique, o Bríguinto, príncipe da Baviera, para suceder o Imperador. Porém, Otão II é mais forte e vence. Os Bohemios acabam sendo reincorporados em 978, por meio de um tratado com Boleslav II. Com a morte da princesa Bohemia que desposou Mieszko, as relações entre esses reinos enfraquecem e Otão II realiza a primeira campanha do Império de caráter belicoso nas regiões dos polanos. Devido à forte resistência, porém, o Imperador sofre derrotas e, também por causa dos problemas com Lotário na França, o reino polano é deixado de lado por um tempo. Devido a esses confrontos, o Imperador desiste de tentar vencer o inimigo à força e faz um acordo casando Mieszko I com Oda, filha do *margrave* de Dietrich. Isso pacificará a relação polano-imperial, porém a relação com os Bohemios fica comprometida, inclusive até a própria invasão do Duque de Kiev em 981 é, ao que tudo indica, uma retaliação em nome de sua aliança com os Premislides.

Após a morte prematura de Otão II a terra polana inicia um período diplomático e bélico extenso e complicado. Várias batalhas e acordos são feitos e desfeitos. As batalhas contra os Bohemios são intensas até a vitória de Mieszko I e seu filho Bolesław em 990, quando os territórios invadidos pelos russos são retomados e novos territórios são anexados, como é o caso do que será a futura Eslováquia. Os territórios recém-adquiridos foram consolidados rapidamente para evitar problemas e Mieszko decide procurar apoio fora do Império. Vira-se, com isso, para a Sé Apostólica, com a qual anteriormente havia estabelecido laços. Após sua campanha contra os Bohemios, Mieszko coloca todo o seu

reino sob a proteção de Roma, com a esperança de que com a ajuda da Cúria papal pudesse manter a preservação dos ganhos obtidos. Mieszko também solicita junto a uma Igreja independente na província o reconhecimento daquela região como reino cristão autônomo, para isso realiza uma doação da qual, infelizmente, não existe mais registro material, apenas a descrição de Galo Anônimo.

Mieszko I é apresentado à corte como cristão em Quedlinburg em 991 e, mais tarde, se junta a Otão III contra Branderburg. Poucos são os relatos desse evento. Mieszko I morre em 992, deixando Bolesław I, o Bravo, em seu lugar. Continuando a meta de tornar os Piastes uma dinastia duradoura e integrada à Cristandade, Bolesław I enfrenta uma crise interna. Lembremos que até então o sistema tribal imperava e o príncipe era eleito. Devido a lacunas com relação ao período anterior ao século X, não podemos constatar como foi o momento de transição antes de Mieszko, mas, ao que tudo indica, a hereditariedade parece não ter sido aceita em algumas tribos imediatamente, causando a necessidade de uma ação rápida e diplomática para evitar a divisão territorial. Além de focos internos de revolta, sabemos que a madrasta de Bolesław e os filhos dela também causavam problemas ao novo rei, bem como seus agora parentes, os germanos, ligados ao Imperador do Sacro Império.

Por meio de casamentos e divórcios a situação é contida, em parte. O Império era obrigado a manter boas relações com o reino, pois este era necessário para a defesa militar em Branderburg. Oda, madrasta de Bolesław I, é expulsa junto com seus filhos e possíveis adversários eram cegados. O feito mais importante para a soberania dos Piastes acontece no governo de Bolesław I: Santo Adalberto, bispo em Praga e depois em Kraków, membro da família Slavnikovc, que fora deposta do poder na região da Bohemia, foi morto na região da Prússia. A morte dele serviu como pretexto para que Bolesław I conseguisse a tão desejada Sé Metropolitana para seu reino.

Os registros sobre a vida de Santo Adalberto assinalam que ele se sentia desconfortável por ter um cargo tão alto na hierarquia da Igreja. Conta-se que ele tentou sair do cargo para criar seu próprio monastério, porém foi convencido pela Igreja a retornar ao seu posto. Atuava diretamente em Roma, exatamente no período em que Otão III passou a ficar mais tempo na cidade italiana. Santo Adalberto e Otão III eram muito próximos, pois o jovem Imperador se via muito interessado pelas idéias de monges e ascetas e ambos participavam das mesmas idéias, criando, assim, um relacionamento forte. Porém, Santo Adalberto não tinha como escapar das ordens da hierarquia da Igreja, mesmo sendo próximo ao Imperador; assim, foi enviado para as terras dos pagãos do Leste.

Santo Adalberto escolhe a terra polana como base de trabalho, pois sua terra natal, a Bohemia, estava nas mãos de membros adversários à sua família, e ali também se encontravam membros fugidos de sua família. Naquele momento Adalberto pede que Bolesław I reforce a cristianização das terras que os polanos retiram das mãos dos pagãos. Um importante passo para a aproximação com a hierarquia da Igreja é dado quando um mosteiro beneditino é fundado em 997. Naquela primavera uma expedição oficial parte para a Prússia e Santo Adalberto vai junto.

O santo é morto e martirizado pelos pagãos da região da Prússia. A atenção do Ocidente volta-se para a Polônia pelo fato de o Imperador sentir muito pela morte do bispo, a dor sendo tanta, que Otão ordena a construção de um monastério em Aachen e solicita a canonização do mesmo. Bolesław I age rapidamente, gasta muito ouro e consegue recuperar o corpo do mártir. Aqui uma das ações mais audaciosas da política polonesa ocorre: o corpo é recuperado e é enterrado em solo polonês. Automaticamente uma carta é redigida a Roma, solicitando a criação de uma Igreja metropolitana na região em homenagem à presença do corpo do mártir. Com isso, os Piastes conseguem a Igreja metropolitana e a manutenção das terras conquistadas. Otão III acaba iludido e torna os Piastes os verdadeiros governantes dos Polanos para a Cristandade. O Imperador realiza uma peregrinação até a tumba do mártir e ali inaugura a construção da catedral de Santo Adalberto em dezembro de 999. Gniezno recebe Gaudenty, irmão do Santo, como Arcebispo e ali são criadas dioceses em locais estratégicos, como é o caso de Kolberg, na Pomerânia pagã. Com essa inauguração existe um pequeno movimento das antigas Igrejas contra o novo bispado, mas somente na primeira metade do XI ocorreram problemas por causa dessa situação. Otão renuncia a sua autoridade imperial sobre a Igreja na terra polana, o que incluía o poder da lei de investiduras e o direito de determinar a organização eclesiástica nos territórios pagãos.

Essa ação parece insensata, porém devemos lembrar que Otão III era o Imperador do ano 1.000, época em que a insegurança se fazia presente e havia a necessidade de se apoiar na solidariedade do grupo para evitar uma danação possível. Este fator, juntamente com a imagem de “Imperador messias”, provocou a brecha de que o reino polano precisava. Ao procurar constituir uma grande federação de reinos cristãos, o Império deixou que os grupos internos ganhassem aspectos de soberania total. Bolesław I não precisava mais pagar tributos e, em uma cerimônia, Otão coloca sua coroa na cabeça do rei polano e o declara “amigo dos romanos” e “irmão e ajudante do Império”. Alguns historiadores veem

isto como um ato de favor entre o Imperador e seu vassalo. Tal ato quebrou, no entanto, com os objetivos de subordinação dessas áreas ao Império. A morte prematura do Imperador leva junto com ele a estabilidade política de várias áreas, pois a personalidade na política medieval faz com que tratados sejam rompidos com a morte de um dos integrantes do pacto. De novo a sucessão imperial causa embates entre os possíveis candidatos à coroa. Henrique da Bavária é um desses contendores ao trono e tinha o apoio de Bolesław I, porque seu pai havia sido apoiado por Mieszko I. Durante a guerra interna em que o Império caiu, Bolesław I realiza expedições para ocupar a Alta Lusatia e Meissen, regiões que eram de um dos inimigos de Henrique da Bavária, Eckhard.

Bolesław I achava que a política germânica com Henrique continuaria igual e que, por estar apoiando diretamente a ele, teria vantagens maiores e poderia manter sua política de submissão de territórios eslavos. Porém, quando o novo Imperador assume, com o título de Henrique II, as promessas ao rei polano se desmancham no ar. As conquistas prévias do reino polonês são reincorporadas aos germânicos. Em decorrência, a retaliação de Bolesław é feroz: ataca as regiões de Meissen, por meio da diplomacia e das conquistas; aproxima-se de grupos contrários ao Império; e consegue colocar sob seu controle as regiões da Bohemia.

Henrique inicia seus ataques contra os Piastes um pouco atrasado devido a outros problemas externos, como o levante de Arduino de Ivrea. Primeiramente, enfrenta os aliados germânicos dos Piastes, que se constituíam de membros insatisfeitos da família imperial. Rapidamente os apoios de Bolesław são desmantelados. Durante essas campanhas Henrique começa a criar divergências com seus pares, pois utiliza aliados pagãos contra um reino cristão. Esse contraste mais tarde provocará a diminuição da credibilidade dos Imperadores.

Finalmente, em 1018 um tratado é feito em Bautzen, realizado por Henrique para diminuir a pressão que vinha sofrendo de sua corte por causa de suas incursões em territórios cristãos. Após realizar campanhas independentes em Kiev, restabelecer a ordem nessas áreas e acabar com um foco de possível ataque por parte de Jaroslav, Bolesław finalmente emprega seus esforços para obter a coroa, pois até então o reino polano era visto como uma terra de duques: os Piastes eram para o Ocidente príncipes vassalos do Império.

O grande obstáculo para a obtenção da coroa era o fato de que Henrique II tentava diminuir a importância do tratado de Otão III com o reino piaste. Somente depois da morte

do Imperador em 1024 e aproveitando a desordem em que o Império se encontrava é que Bolesław obtém a coroa das mãos de João XIX. A coroação é uma cerimônia de grande importância para a Cristandade latina, pois com ela o monarca concretiza a unidade de seu poder, ou melhor, a legitimação de sua dinastia. Um rei coroado em Roma representava que as terras eslavas dos Piastes eram agora um reino de uma casa real cristã.

Recapitular esses dois reis polanos é importante para entender como a futura Polônia, em menos de setenta anos, passou de reino desconhecido e pagão a um posto avançado da política da Cristandade latina. Algumas questões são suscitadas, pois, se os Piastes conseguiram chegar tão rápido a uma imagem de cristãos latinos, até que ponto essa imagem é uma idealização de seus contemporâneos? Assim, se a estrutura construída por Mieszko I e Bolesław I se desmanchasse tão rápido após a morte do último, as crises internas não seriam fruto dos resquícios tribais? Os embates com os clérigos locais seriam decorrentes de uma consciência da falta de prática cristã dos reis que sucederam aos dois fundadores do reino Polano? Tais questões são difíceis de serem analisadas, mas demonstram que a teoria política e a prática andam muitas vezes em caminhos distantes. Os anos de 1025 a 1102 são considerados anos de declínio das conquistas do reino polonês. Não vou me alongar sobre cada fato que constituiu o cenário de “calamidade” que se instalou na terra dos Polanos, mas pretendo apresentar somente os pontos mais importantes desse momento.

A questão da independência com relação ao Império Romano Germânico é ponto importante, pois, mesmo tentando conseguir certa autonomia frente aos germanos do Império, os Piastes não poderiam deixar de convergir em certos momentos com Imperador. Pois, ser coroado somente era possível tendo pelo menos relações próximas. As derrotas que o Império Germânico havia sofrido no campo das ações fizeram os sucessores de Henrique II manter um patrulhamento dessas áreas. A perda das conquistas polanas foi decorrência das ações imperiais, das perturbações internas, das revoltas pagãs e do fim do reinado do Bolesław I. Esse quadro enfraqueceu em muito a casa dos Piastes, que teve de reagir e procurar várias estratégias para se manter no poder.

O Império coloca adversários e cria discórdias entre os membros da corte e do poder local. Mieszko II enfrenta a perda dos territórios ganhos por seus antecessores, bem como invasões de vizinhos, sendo que a mais contundente foi a dos Bohemios, que invadiram e pilharam as Igrejas, levando inclusive as relíquias de Santo Adalberto, fazendo os Piastes perder aquilo que dava independência à sua Igreja. A perda das relíquias de Santo Adalberto, que foram levadas para Praga pelos Bohemios, não trouxe somente a perda de

vantagens para a corte polonesa, mas também fez a imagem de Mieszko II ficar debilitada. O custo da perda desse símbolo de autonomia foi a demonstração de que a substituição do sistema tribal não vingou após a morte de Bolesław I, quando Mieszko II perde as relíquias. Sua fraqueza faz com que grupos lancem-se de volta a seus costumes pré-cristãos, procurando substituir o rei. O paganismo ressurgiu, talvez, para tentar promover a substituição de um chefe fraco.

Após a morte de Mieszko II ocorreu um *interregnum* que foi encerrado com a posse de Kazimierz I, o qual foi criado dentro da corte imperial, devido ao fato de sua mãe ser da família do Imperador. Mesmo na condição de fantoche do Império, seu pedido à Sé Apostólica para que as relíquias de Santo Adalberto fossem reincorporadas ao patrimônio da Igreja Polana não é atendido e ele é quase excomungado por isso. Tal fato demonstra que a independência da Igreja Polana pode ter sido um ato não desejado pela própria Sé, porém o que se pode constatar é a fraqueza de Kazimierz I. Poucas foram suas vitórias, mas no final de seu reino ele conseguiu diminuir seus problemas; conseguiu a paz com a Bohemia, ainda sim pagando tributo. O Império ganha em sua época poder e a hegemonia dos Piastes conseqüentemente enfraquece. Quando morre, em 1058, deixa a chamada “lei de *seniorate*”. As leis de *seniorate* geriam a forma da sucessão, fazendo com que o príncipe mais velho tivesse o poder de suserania no reino, deixando ao mais novo uma província independente dentro do reino. Entre os príncipes temos duas figuras que são de destaque: Bolesław II e Władysław Herman.

Bolesław II, o Temerário, surge na história polonesa como um sucessor à altura de Bolesław I. Realiza campanhas que asseguram o território e aproveita a crise entre Henrique IV e Gregório VII para recuperar a coroa para os Piastes. Enquanto o Imperador e o Papa discordavam e lutavam em vários campos, uma monarquia ressurgia no Leste. Conseguindo a coroa por meio da adoção das reformas de Gregório VII, Bolesław parece tentar recuperar um pouco das ações de seus ancestrais. Curioso é que para sua coroa foi necessário trazer membros de outros episcopados para lá, pois os polanos não tinham suficientes clérigos para a cerimônia. No mesmo ano, 1076, Henrique era excomungado em Canossa, iniciando o esvaziamento da noção de Império que Otão I inaugurou.

A coroa provocou a insatisfação dos *seniorates* que temiam a volta da unificação das províncias, bem como uma exaltação dos que contrariavam as reformas gregorianas. Durante essas revoltas o nome de Władysław Herman surgiu como possível paladino. Kazimierz I somente não sofreu mais baixas, por causa de acordos com os *magnatas*,

concedendo-lhes vantagens dentro da administração real. Mas, isso custou para Bolesław II sua estabilidade no poder, já que a aristocracia queria reis fracos.

Essa divisão, que ocorre na metade do século XI na sociedade polana, gera confrontos e antagonismos entre os membros dos Piastes, repartidos entre os que queriam a monarquia e aqueles que queriam a fragmentação, entre os que apoiavam a reforma da Igreja gregoriana e aqueles que não admitiam sua existência. Pode-se dizer que essa novidade na organização da Corte polonesa promoveria conflitos e novas estratégias de poder na região.

Ao lutar contra a conspiração, Bolesław II cai em uma armadilha maior, feita pelos membros contrários a ele. Ao enfrentar o Bispo de Kraków, Stanisław, capturando-o e o matando, o rei polano cai em desgraça perante a Cristandade. A execução do bispo resultou em uma desarticulação de seus oponentes em um primeiro momento, mas o jogo político fez com que Bolesław fosse excomungado. As Igrejas foram fechadas e a região dos polanos caiu em desgraça. Bolesław foge para Hungria, onde morre misteriosamente.

A conspiração venceu e a dinastia dos Piastes esvaziava-se de legitimidade, seu novo líder, se assim posso dizer, era o fraco e incipiente Władysław Herman. Assume e logo seus decretos deixam claro sua posição de fraqueza. Quebra com a reforma gregoriana e renuncia a todas as aspirações de poder frente ao Império Germânico. Sem nenhuma aspiração dinástica, casa-se com Judite, uma princesa bohemia, em 1080. O Imperador designa Vratislav, rei da Bohemia, como rei no lugar dos Piastes, mostrando que, após a morte de Herman, a meta era destruir as aspirações locais e colocar em seu posto indivíduos mais próximos ao Império Germânico, no caso os Bohemios, que pareciam ter sido absorvidos de forma eficiente pela máquina de transformação imperial. Parece que Władysław estava cercado, por um lado pelas aspirações do Império e, por outro, de um paladino de nome Sieciech, o qual já dominava a Corte ao ponto de ter os favores da segunda mulher do rei polano, que era irmã de Henrique IV. Władysław tem dois filhos Zbigniew e Bolesław. O primeiro é filho de uma nobre pomerânia e o segundo da filha do rei da Bohemia. Durante uma campanha Władysław Herman morre (há teses de que teria sido envenenado) e a luta passa a ser, então, entre seus filhos e o paladino.

Zbigniew e Bolesław unem-se para manter a sua dinastia viva. Porém, após vencerem seu inimigo direto e cada um receber uma parte do reino, a situação de paz não chega a se desenvolver ali. Ambos têm aspirações de controlar a Pomerânia, área que há muito incomodava os reis polanos. Eram dois indivíduos de tendências diferentes: Zbigniew,

um diplomata e Bolesław, um guerreiro, criado na corte de cavaleiros. Tenta-se fazer um trato de aliança entre eles, porém, cada um acaba se aproximando de um grupo. Zbigniew quebra o tratado e tenta, com a ajuda de Henrique V, ser o único no poder. Porém, todos os seus esforços são em vão, visto que o Imperador Germânico é derrotado e ele, aprisionado. Bolesław cega seu irmão, que morre em seguida, o que quase gerou uma excomunhão. Tomando o título de Bolesław III, esse monarca de mentalidade guerreira tenta manter a hegemonia dos Piastes nesse período, que Tadeusz Manteuffel designou de “Período Ducal” – uma época rica na produção cultural e um momento de desenvolvimento das monarquias nacionais, no qual o rei ganha a força e o Império se transforma em lenda. É o início do século XII.

Bolesław III (1086-1138) inicia seu reinado após um período extremamente conturbado para os Piastes. A realidade que enfrenta não é mais aquela que seus antecedentes tinham, ou seja, as glórias de Mieszko I e Bolesław I, as quais foram muito debilitadas pelas crises e reestruturações políticas. Agora o reinado estava dividido pelo sistema de *Seniorate*. As tribos sofreram uma transformação, tornando-se núcleos cristãos. Ganhar a confiança delas era, provavelmente, agora diferente de nas épocas de glória dos Piastes.

O reino polano entrava no século XII não mais como um desconhecido, mas como um protagonista, ainda meio exótico, na história da Cristandade. Como reino cristão, a área polana não fugia do padrão de outros reinos recém-cristianizados. Entre as novidades que esses eslavos haviam recebido, além da fé e da organização política, estavam os novos instrumentos de manutenção do poder. Um deles é a escrita. Ter um texto contando e descrevendo a vida de um rei, de um imperador ou de um santo, sempre foi recorrente na História da humanidade. Porém, essa tradição tão remota na História aparece na região dos polanos, pela primeira vez, na corte de Bolesław III.

Nesse período de formação de novas monarquias, as quais precisam ocupar os vazios que o desmoronamento do Império deixou, as sociedades passam a ter na figura do rei um equilibrador do grupo. Mas como tornar essa novidade atrativa para uma sociedade que, neste período, valoriza a tradição? A solução era voltar seus olhos para o passado e convertê-lo em legitimador daquele novo presente.

Entre os instrumentos literários de legitimação dinástica, a Crônica e a Gesta são as principais formas de propagação de idéias junto aos grupos diretivos da Cristandade. A literatura como instrumento político chega aos Piastes durante o reinado de Bolesław III. O

primeiro relato histórico dos polanos em língua latina é escrito por encomenda do Piaste. Foi Galo Anônimo quem realizou a primeira Gesta dessa região, a qual recebeu o nome de *Gesta principium Polonorum* (GpP)³¹. Sua importância na historiografia polonesa é enorme, sendo uma fonte narrativa e descritiva que serve de base para diversos tipos de abordagens históricas, entre elas as que procuram entender como foram as influências literárias latinas na região, passando também pela definição da figura do rei e chegando até a funcionar como bandeira do ufanismo pós-segunda Guerra Mundial.

O escritor de Bolesław legou o primeiro objeto cultural de cunho legitimador dentro da sociedade da futura Polônia. Pretendo observar nesse seu legado a figura que ele tenta construir do rei e de seus antecessores, demonstrando que, como o restante da Cristandade latina, o reino polano também teve crises políticas, as quais fizeram seus líderes ou pretendentes ao poder movimentar o aparelho cultural em prol de sua dinastia. Fundam-se, assim, bases teóricas, culturais e políticas para todos os eslavos polanos.

³¹ Título original do manuscrito: **Galli Anonymi cronicae et gesta ducum sive principum Polonorum/ Anonima tzw. Galla kronika czyli dzieje ksazat i władców polskich** . ed. Carolus/Karol Maleczynski, Monumenta Poloniae Historica, Serie Nova, Tomus II. Cracóvia: Polska Akademia Umiejętności, 1952. **N do A.**

2. A FIGURA DO REI GUERREIRO

2.1 A importância da figura militar dentro da sociedade medieval

O texto de Galo Anônimo traz como uma das qualidades do soberano Piaste, desde seu passado inicial, a glória da guerra, a vitória na batalha e a sabedoria do combate. Essa qualidade está até nas palavras usadas pelo monge, pois Bolesław III é adjetivado como sendo “o filho de Marte”³² e sua capacidade marcial existe desde sua infância, que é repleta de feitos incríveis como a capacidade de derrotar um urso³³. As palavras, ao descrever os primeiros anos de vida do garoto Bolesław, são construídas para apresentá-lo como alguém que tem o traço de habilidade militar, como vemos nesta passagem: “Então havia grande esperança num menino com tão boas qualidades e em quem já se mostravam claros sinais de glória marcial”³⁴. Isso demonstra que a qualidade militar tem uma importância chave na edificação da figura do rei polano.

A sociedade medieval tem na guerra um elemento importante, pois ela serve de critério para a configuração do indivíduo como sendo pleno para o exercício de uma função laica de autoridade. A crônica dos Polanos apresenta o rei piaste como um guerreiro, que tem uma virtude importante para o imaginário da época, algo que transpassa o tempo, uma virtude social medieval que prova como o escrito de Galo Anônimo é parte integrante de seu momento. O rei guerreiro é o nosso primeiro ponto de análise da figura construída na *GpP*³⁵. Passamos a ver a sua importância no recorte de tempo de nossa pesquisa. Apresentaremos os pontos que interessam a nós para o entendimento das possíveis explicações sobre a necessidade de nosso cronista produzir várias passagens que fomentam a predestinação guerreira do rei polano. O monge coloca dentro de sua crônica a meta do texto, em suas

³² *Puer martis* (GALLUS, Anonymus. **Gesta principum Polonorum**. The Deeds of The Princes of the Poles. trad. para o inglês de Paul W. Knoll & Frank Schaer. Budapeste/New York: Central European University Press, 2003. p. 136). Utilizaremos o texto latino como base para a realização de nossa tradução do documento. **N do A.**

³³ Cf. GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p. 138.

³⁴ *Unde quia spes in eo iuvenis bone indolis pullulabat iamque magnum in eo glorie signum militaris apparebat.* (id.). **T.A.**

³⁵ Utilizaremos esta sigla para abreviar *Gesta principum Polonorum*. **N do A.**

palavras: “Eu escrevo sobre a guerra dos reis e duques e não um evangelho”³⁶. Assim, iniciamos falando de todo o aparato social que cerca o produtor e a obra para entendermos a conjuntura intelectual da fonte de trabalho.

Os trabalhos sobre a estrutura da Sociedade Medieval mostram que a sua construção passa por uma teoria da divisão das funções, visto que as sociedades tendem a distribuir as obrigações entre os seus membros. Um dos marcos da procura pela essência dessa segmentação no medievo vem da “clássica” pesquisa de Georges Duby, a qual resultou no livro *as Três Ordens*³⁷. Esta obra apresenta o corpo social na época medieval teorizado em uma tríade de funções. Essa divisão teve seu eco da estrutura indo-européia, a qual é conhecida cientificamente graças aos trabalhos de Georges Dumézil. A teorização tem suas origens em um princípio que muitos consideram a do equilíbrio: três são as ordens no medievo; três são as formas de Deus; três são as formas, portanto, necessárias para o equilíbrio. A necessidade do equilíbrio passa, em nossa perspectiva, como um dos pontos fundamentais para que as ordens fossem pensadas, transformando assim os elementos da tripartite da sociedade em um instrumento teórico para o desenvolvimento de um poder concreto. A produção de idéias, como a da divisão das funções, mostra que a Idade Média produz teorias de gestão sócio-política. Orar, lutar e trabalhar são as obrigações principais da ideologia funcional européia no medievo latino. A escrita da trifuncionalidade tem seu marco com os textos eclesiásticos no século X. A sua retomada é importante para termos um apanhado geral sobre como a teorização da sociedade conecta a guerra a todo o aparato administrativo, político e, podemos dizer, religioso.

Quando as proposições de Gerardo de Cambrai e Adalberto de Laon tornam-se, nos séculos X e XI, a forma textual dessas teorias, fazem com que estes escritos clericais sejam as diretrizes da autoridade, as quais vão forjar os parâmetros do poder Medieval. A discussão da autoridade vai ganhar mais um capítulo de sua história durante as disputas Papais e Imperiais do século XII. Cada uma das ordens começa a procurar ter inserção dentro das demais. O mundo guerreiro é atacado pelos teóricos clericais, fundando, assim, a discussão que produziu padrões de aceitação para os poderes locais. O espiritual e o guerreiro andam juntos nas figuras de autoridade européias, graças à tentativa de organização dos clérigos do grupo guerreiro, organização que tem como primeiro motor a própria proteção das instituições religiosas. A proteção passa pela “racionalização” da atividade guerreira: ensina-se ao laico como e quando a força pode ser usada. A guerra

³⁶ *Respondebo bella regum atque ducum non euuangelium me scripsisse.* (GALLUS, Anonymus. **Op cit.** p. 212). **T.A.**

³⁷ DUBY, G. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

recebe definições como: tipos de inimigos e períodos em que se pode investir no combate. A guerra justa, tema tão agradável aos romanos, tem um renascimento durante o embate das ordens. Fazer guerra justa é uma virtude, a qual auxiliará uma parte dessa sociedade na utilização desse princípio em proveito próprio.

Como em toda divisão, mesmo que tenha a finalidade de equilibrar, existe sempre a tendência de hierarquizar, ou melhor, de conceder a uma das partes certo direito a mais de autoridade. Politicamente, a trifuncionalidade produziu um vasto debate sobre qual ordem era a autoridade sobre a sociedade. Os *Laboratores* ficaram em uma situação de inferioridade e tal condição em alguns séculos se transformará em desafeto, gerando mudanças nessa ordem. Porém, as duas ordens que mais nos interessam são as dos *Oratores* e *Bellatores*, pois suas discussões conduzirão o raciocínio que os círculos reais criarão sobre sua função. Apesar de uma série de escritos que tentam colocar o guerreiro sob a guarda do clérigo, o *Bellator* tem sua figura modelada em um indivíduo protetor dos demais, situação causada pela necessidade eclesiástica de proteção, que acaba sendo revertida para o próprio grupo guerreiro.

Oratores trabalharam muito para incorporar sua importância junto aos guerreiros, tentando, ao mesmo tempo, ganhar sua proteção e evitar que a violência deles prejudicasse a sua ordem. A violência permanece durante a Idade Média em grande parte como o fundamento das hierarquias de poderes³⁸. A legitimidade da posição de um soberano depende em muito de seus feitos militares, que podem ser considerados símbolos de uma prática que efetivamente dá ao rei, ao nobre ou ao cavaleiro o status de legítimo. Os *Oratores* passam a necessitar desviar as ações de violência, criando assim regras que normatizam o ato do *Bellator*, o que cria mais uma série de elementos que tornam a ação bélica legítima. As práticas da guerra são, no medievo, lembradas pelo seu personagem mais ilustre: o cavaleiro – um personagem que se forma a partir da criação de uma instituição, a qual vai ganhar contornos próprios em um tempo curto. Isso produz nas discussões sobre sua prática uma tendência a que os poderes laicos acabassem imitando os preceitos da ordem dos clérigos ou, ao menos, apresentassem alguma característica que servisse de argumentação para a solidificação de uma hegemonia ou ideologia por parte daqueles que querem ter autoridade ou respeito em um círculo social. Das bases guerreiras a figura do rei recebe uma das qualidades mais importantes, em nossa perspectiva, para a consolidação de sua figura entre os pares da sociedade política em que vive. O rei torna-se o protetor – que tem a virtude do guerreiro –, sendo, assim, capaz de realizar em armas a

³⁸ LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2002. p.610.

sua função, a qual é intrínseca à sua personalidade, graças à sua ligação direta com a divindade.

O rei medieval receberá em seu atributo a virtude da glória e da vitória. Sua denominação passa pela eficiência militar: a vitória no campo de batalha fomentará a argumentação de sua “superioridade” em relação aos demais membros de sua sociedade política. Em nosso trabalho estamos procurando a figura do rei legítimo. O rei que não possui as armas perde uma parte importante de sua veracidade como cabeça do grupo e sua efetividade sobre outros grupos também é afetada. Se sua imagem não for ligada à belicosidade, seu ofício não se torna inteligível aos demais. A guerra não é apenas uma ação, ela é também constituída pela memória. Ouvir sobre batalhas faz parte da instrução no mundo clássico e, como consequência, a aristocracia medieval terá em seu imaginário a necessidade da aparição da guerra, não como um flagelo, mas como o momento em que ocorre a conciliação entre os favores da graça de Deus e a correta utilização dos preceitos de soberania: a supremacia do monarca em ser o árbitro, bem como o protetor e, talvez o mais importante, o libertador da comunidade, o transformava no representante capaz de fazer na terra o que é correto em relação ao divino. No campo de batalha esses ofícios dos reis tornam-se plenos.

O rei inicia sua aparição nos textos medievais como sendo esse personagem do herói mortal, que na adversidade demonstra todo o seu empenho e predestinação para conferir segurança ao mundo cristão e, talvez mais importante, cuidar de seu grupo. O cronista medieval tem a preocupação de fundar o guerreiro em seus textos, pelo fato de que seu comitente tem a perspectiva de que sua história deve apresentá-lo como guerreiro. A paz é obtida na guerra e isso também mostra os motivos pelos quais as batalhas devem fazer parte do corpo dos textos régios. A guerra é um elemento “burocrático”. A conquista pela batalha honrada cria legitimidade do ganhador sobre o perdedor no confronto. Quando revista em texto dinástico, a vitória passa a ser, em nossa perspectiva, um ganho “eterno”. Ao mostrar a linhagem como guerreira, o escritor dá ao seu patrocinador direto os ganhos de todos os seus antecessores. Como nossa fonte é uma crônica, temos que observar todos os elementos que possam servir de ligação entre o presente da escrita e o passado reconstruído. A herança militar desempenha uma função no texto de Galo Anônimo: a de refazer na figura dos primeiros reis uma situação de equilíbrio, prosperidade e paz. Essa situação é abalada na metade do século XI pelo levante dos pequenos grupos eslavos que tinham na figura de Bolesław I um elemento de união, símbolo esse que não resiste aos princípios eslavos da sucessão por aclamação. Seus descendentes tiveram que demonstrar que estavam à sua altura nas virtudes, ações e poderes.

O início do texto do monge apresenta o descendente mítico dos Piastes, Siemowit – o qual teria substituído a família dos Pumpils pelo fato de estes não terem a predestinação que os pais de Siemowit receberam em uma “noite de tosa”³⁹ –, como o elemento que firmara o contrato entre a família real e Deus. O príncipe, como coloca Galo Anônimo, “Siemowit tendo ascendido ao poder não empregou sua juventude em prazeres ou em veleidades, mas por seus esforços e coragem marcial ganhou fama e a glória da honra e estendeu os limites do reino a espaços nunca antes obtidos por ninguém”⁴⁰. A vitória militar é uma das heranças do sangue dos Piastes. Os primeiros reis, que não tiveram problemas marcantes e realizaram as ações de expansão, são lembrados pelo autor para reforçar a legitimidade do rei contemporâneo. A virtude militar é a virtude dos Impérios, quando lembrado por qualquer grupo o próprio mundo Romano é citado como “O Império Romano”, ou seja, tem uma conotação de ação de força bélica.

O Império Romano, quando retomado na Idade Média pelo desenvolvimento do Império Germânico dos otonidas, traz em sua figura a vitória militar. Virtudes como a glória, a figura do rei como um elemento totalmente nobre e até o imaginário da *Dei Gratia*, que inflama a situação de predestinação dos reis, têm de utilizar a guerra como um elemento de legitimação, não somente para os fins práticos, mas também teóricos. A violência fez a Idade Média parecer um “teatro de uma violência endêmica e sem limites, verdadeiro contraponto à ordem jurídica moderna”⁴¹. Porém, essa “violência” é parte integrante da prática social e jurídica. A evolução da guerra, como indica Franco Cardini, a fez transformar-se num elemento guardado por instituições. Primeiramente, um conjunto de *milites*, que vai tomando a forma da monarquia e, dentro de suas instituições, se transforma de grupo de cavaleiros em uma corte real, vai à guerra, fixando-se, com isso, como um

³⁹ A tosa seria uma apresentação do filho à comunidade, um ritual de iniciação pagão da região. O batizado de Siemowit, filho de camponeses pobres e humildes, aconteceria no mesmo momento da do filho do Duque Pumpil. O primeiro livro narra nesse momento a chegada de dois estranhos que entram na cidadela e tentam participar do banquete do duque, porém, tendo ele os afugentados, acabam sendo recebidos por Chościsko, pai de Siemowit. Por receber esses dois estranhos e oferecer-lhes o pouco que tinha, a família Piaste teria um destino traçado pela divina providência de Deus, mesmo sendo pagãos os pais do futuro rei. A predestinação começa aqui, o autor dá ênfase até ao fato de que não devemos falar dos feitos dos Pumpils, pois estes não estavam dentro dos planos de Deus. **N do A.**

⁴⁰ *Semouth vero principatum adeptus non voluptuose vel inepte iuventutem suam exercuit, sed usu laboris et militie probitatis famam et honoris gloriam acquisivit, atque sui principatus fines ulterius quam aliquis antea dilatavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.25). **T.A.**

⁴¹ SILVA, M. C. da. Autoridade pública e violência no período Merovíngio: Gregório de Tours e as *Bellas Civília*. In: **Instituições, Poderes e Jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007. p. 181. **T.A.**

parâmetro para a autoridade legítima, o que torna a belicosidade um instrumento de privilégio aristocrático a serviço público⁴².

O pretendente à autoridade deve construir a sua obrigação militar no imaginário social de seu grupo político, pois somente com a cristalização de sua obrigação ele consegue ter direito e privilégio perante aquela facção da comunidade. Por isso, a guerra tem tão grande importância nos textos dinásticos na Idade Média. O ótimo guerreiro pode defender sua comunidade e, tendo essa obrigação, pode ter o “monopólio” das atividades jurídicas e ganhar talvez um dos atributos mais importantes para o período: a autoridade conseguida e legitimada pela tradição. A guerra justa pode ser feita por aquele com maior capacidade de ação, o que traz a possibilidade de o elemento que tem essa capacidade qualificar sua ação como justa. Ele pode também manter e expandir sua hegemonia social com certa facilidade. Porém, ele necessita expor suas qualidades de forma correta. A Idade Média apresenta uma figura que vai ganhar destaque na construção do imaginário do rei justo, o qual possui e pode realizar todas as tarefas administrativas políticas que quiser, por ser um elemento diferenciado em sua comunidade. Utilizaremos a expressão “Homens de saber” para designar os escritores e teóricos régios desse período, pelo fato de que parece mais certo pensar em uma pessoa que conhece a maneira de escrever e tem noção de como articular as figuras e descrições com as necessidades políticas pedidas por seu comitente.

O “homem de saber” tem grande importância na elaboração da tradição que serve ao político. A sua arte de trabalhar a história de um grupo social faz dele o elemento que consegue produzir o ambiente para que a autoridade floresça dentro do imaginário social. Vemos que muito do que a historiografia polonesa tem a respeito dos reis guerreiros dos primeiros anos da região é fruto dos textos de Galo Anônimo. Ele reproduz na figura histórica de Mieszko I e Bolesław I a era de ouro que, segundo o autor, tem seu fim exatamente com a morte de Bolesław, ou como ele diz: “Assim, retirando-se o rei Bolesław da morada mundana, à era de ouro sucedeu uma era de chumbo”⁴³. A paz é rompida, porque os reis seguintes a esse tempo de glória são indivíduos que o autor apresenta como tendo perdido a aliança com Deus por não terem ou não praticarem as virtudes que os primeiros Piastes possuíam. O grande momento em que o grupo tribal conseguiu estender os Piastes até o Báltico fica perdido na história, como canta o poema da morte do rei: “Ah

⁴² LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. **Op. cit.** p. 473.

⁴³ *Bolezlauo igitur rege de mundana conversatione decetente, etas aurea in plumbeam est conversa.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.68). **T.A.**

Bolesław Ah Bolesław, onde está toda a sua glória?”⁴⁴. Ao remontar aos feitos destes dois primeiros reis, Galo Anônimo solidificou sua imagem para a posteridade, mesmo além do medievo. Mas, é exatamente dentro de seu período que o autor mostra sua capacidade de eficiência ideológica.

As duas figuras são perfeitamente construídas para que no final de sua narração Bolesław III recupere todas as virtudes e glórias sumidas no final da vida de seu tataravô, mostrando, junto com a fundação das tradições, que os Piastes tinham eficiência militar. Era ele totalmente completo e devidamente instruído na arte da guerra, sem mencionar que era também divinamente agraciado com as virtudes que somente os primeiros Piastes – os quais ainda estavam envoltos em uma aura de lenda – e o patrocinador da *GpP* poderiam ter. Serão os textos dos “homens de saber” que ajudarão a modificar regras e aspectos sociais. Porém, esses textos não pertenciam propriamente aos “homens de saber”, pois, como coloca Jacques Verger, pessoas como Galo Anônimo estavam “servindo um mestre – indivíduo ou coletividade, de providenciar ou aplicar as decisões ou regulamentações aqueles que eram, verdadeiramente falando, os detentores do poder”⁴⁵. A pena dos autores trabalhava de acordo com a necessidade. A glória militar era uma necessidade impossível de não ser abordada pelo monge.

A glória militar ensaia um retorno em figuras mais carismáticas, mas elas possuem sempre pequenos defeitos: Mieszko II não tinha a mesma qualidade, por isso foi surpreendido pelos Bohemios⁴⁶; Kazimierz, o Grande, realiza muitas ações militares e consegue recuperar uma parte da hegemonia dos Piastes, mas ele não era completo, pois tinha a formação de monge, não sendo um guerreiro pleno⁴⁷; Bolesław II tem perfil de guerreiro e quase consegue igualar seu homônimo antepassado, mas não possui temperança, por isso perde o poder. O rei tem de ter o controle das emoções. Alguém descrito como quem não controla suas emoções é visto como alguém que não consegue manter suas obrigações. O fato de representá-lo como incompatível com o ofício militar régio e não tendo virtudes é uma artimanha do autor para preparar a queda do tio de Bolesław III, que passou por uma “conspiração” contra seu poder. O mesmo ocorre para amenizá-la: ele acabou por assassinar um bispo, o que manchou a história piaste interna e

⁴⁴ *Heu, Heu Bolezlaue, ubi tua gloria.* (*Ibid.*, p. 70). **T.A.**

⁴⁵ VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999. p.169.

⁴⁶ GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.75.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 78.

externamente. Por isso, as suas qualidades são restringidas e sua história é contada de uma forma rápida. Todos os reis que antecederam Bolesław III no trono têm suas histórias recriadas. O texto inteiro é montado para a “ressurreição” do rei piaste na figura do comitente de Galo Anônimo.

A autoridade pode ser exercida plenamente a partir dele, pois este é o Piaste que possui aquilo que faltou para que a providência divina retornasse à terra polana. Em seu capítulo II, que apresenta “as profecias sobre Bolesław”, ele mostra como dentro do círculo de cavaleiros o garoto venceu os Cumanos em uma batalha em que Deus “revelou” a cavalaria àquele jovem, o que é visto pelos membros do conselho de guerreiros como uma benção. Além dessa colocação, o que os guerreiros olham no menino é que: “já as façanhas de sua juventude provam que a Polônia um dia será devolvida por ele ao seu estado primevo”⁴⁸. Os pares militares são as vozes da legitimidade da figura guerreira do rei piaste. A utilização de “vozes” dotadas de legitimidade é uma estratégia do autor, que poderemos observar em outras “faces” da figura do rei de Galo Anônimo. Aquele que tem autoridade ou uma posição usa a profecia – seja ela dita pelo Imperador, por um soldado ou ainda por um ancião – como um veículo para persuadir o leitor ou ouvinte da crônica de que os Piastes tinham uma aura de superioridade na comunidade. A autoridade parece necessitar que outra autoridade reconheça a sua capacidade e em alguns casos a igualdade de forças.

A autoridade não é exclusividade de uma pessoa, mas de um grupo. A figura do rei guerreiro piaste é feita não somente pela pessoa do rei, mas por todo um círculo que quer manter sua posição e, para isso, deve convencer outros de sua condição. As ordens batalharão para criar sua posição. Porém, cada grupo menor vai tentar utilizar um pouco do que cada uma dessas ordens produziu para desenvolver seu poder. O rei medieval cristão latino nasce nessa “batalha das ordens” e “apropriação de saberes” pelos grupos locais. Sua figura é considerada como uma novidade, sendo um elemento que tem a tendência a deter o *officium* do equilíbrio, passando a ser um *Bellator*. Os Piastes querem ter o privilégio da autoridade, por isso a sua crônica tem um grande volume de narrações de batalhas, pois sem elas seu texto seria estéril para a finalidade que a obra tinha. O grupo de Bolesław III utiliza o imaginário do guerreiro para seus fins, não sendo uma manipulação total, pois sabemos que existe a crença no rei guerreiro. As teorias têm de criar uma perspectiva que se compõe em uma realidade concreta, em muitas vezes, não criticável, mas com a possibilidade de que uma necessidade tente redimensionar ou alterar uma parte desse todo

⁴⁸ *Quia iam in factis eius puerilibus comprobatur, quod Polonia quandoque per eum in statum pristinum.* (*Ibid.*, p.156). **T.A.**

por meio dos instrumentos culturais disponíveis nas relações humanas firmadas entre os grupos de uma área.

As virtudes – tais como a *fortitudo*⁴⁹, que é uma das quatro virtudes cardinais – são recorrentes nos Piastes. A maneira pela qual a *fortitudo* aparece se aparenta muito com a maneira por que *Saxo Grammaticus* a mostra em seu texto quando faz referência a *Skyoldus*, o qual inicia a sua virtude na infância, matando um urso⁵⁰. O cronista polano utiliza a mesma figura cênica para introduzir o personagem de seu comitente. Bolesław, na infância, é retratado em dois capítulos, que parecem, em uma primeira leitura, mais uma recorrência da necessidade de mostrar a vida do personagem piaste. Porém, destacamos os trechos nos quais o jovem Bolesław III aparece combatendo um urso e um javali. Esses trechos mostram a *fortitudo* de seu patrocinador, como alguém que é mais completo do que seus ancestrais, pois na sua infância apenas se interessava por atividades que mostravam que sua personalidade não era como a de um jovem comum. O personagem mais importante da obra é o único a ter a aparição desse elemento. O rei guerreiro tem qualidades presentes em sua família, mas elementos como a *fortitudo* são exclusivos de um indivíduo, o qual tem a posição de ser um “clímax” da história polana.

⁴⁹ “Força” ou “coragem”, podendo significar também “força de alma”, “bravura”, “firmeza”, “decisão”, “ardor”, “intrepidez”, “energia”. **N do A.**

⁵⁰ MUCENIECKS SZCZWAŁINSKI, A. **Virtude e conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)**. Dissertação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008. p.70.

2.2 A crônica e a guerra

O gênero cronístico nasce diretamente a partir de um gênero distinto: a cronografia, que, a partir dos textos de São Jerônimo, nos quais os elementos históricos começam a ganhar mais importância, como na sua obra *De viris Illustribus*, moldará a maneira de se pensar a produção das cronologias na Idade Média. Nas páginas dos primeiros cronistas começa a existir uma convicção de que o Império havia sido criado por Deus para preparar o advento de Cristo. Assim, a Cristandade ganha muito mais força nas linhas dos primeiros cronistas ocidentais. As instituições passam a ser parte integrante do discurso dos textos cronísticos, talvez pelo fato de seus autores fazerem parte delas ou de sua figura ser algo impossível de não ser citado daquele momento em diante. A história universal começa, a partir de Próspero de Aquitânia, a incorporar a regionalização, assim como temos obras que passam a trazer uma recapitulação da “História do Mundo” para explicar algum fato encomendado nos textos de crônica durante a Idade Média⁵¹. Outro fator que as crônicas herdaram dos pioneiros da cronologia é a apologia. A utilização dos textos do início do mundo tardo-antigo para divulgar o Cristianismo fez seu eco no mundo medieval, pois, para introduzir uma doutrina ou uma ideologia régia, os autores seguem em muito a maneira como os primeiros cristãos faziam em seus textos universais para explicar a nova religião e os novos poderes, dentro de uma sociedade que tem na tradição uma base sólida de seu pensamento. A apologia a um ideal tem ressonância dos textos cristãos primitivos. A função da crônica como instrumento apologético existe em nossa fonte. As origens parecem servir, no texto do monge, para edificar uma tradição, que é confeccionada de maneira a não parecer algo recente.

Destacamos, porém, que o regionalismo tem mais efeito do que o universalismo. O fato de que o autor está em uma região a qual não possui uma tradição evidente no mundo cristão o faz evitar as ligações muito recuadas no tempo. A construção do passado piaste não remete a períodos muito recuados, o máximo que o autor faz é remontar ao momento da divinização de seu ancestral Siemowit. A sua concentração no corpo da dinastia parece ter fundamento na posição de que o autor deve apenas falar da dinastia e da seqüência de parentes que se ligam a Bolesław. Assim, o universalismo seria um fator pelo qual o autor

⁵¹ SANCHEZ GALÁN, P. J. **El género historiográfico de la *Chronica***. Cácer: Universidade de Extremadura, 1994. p.52.

não se interessava. O mundo Polano era persuadido a crer que os Piastes eram as raízes da sociedade cristã latina, ou seja, a preocupação do texto está em atrelar a fundação do mundo cristão latino na região à figura da família de Bolesław, tendo os primeiros membros da dinastia uma “predestinação”, que foi somente confirmada com o casamento e o batizado, dentro dos costumes cristãos, de Mieszko I. A partir dele um elemento importante é apresentado conjuntamente com os Piastes: o Imperador Germânico.

O momento de Galo Anônimo é o período em que ocorrem os embates entre o Império Romano Germânico e o Papado. Em 1073, Gregório VII inicia um período de afirmação teórica da supremacia do pontífice romano, após um período em que o poder temporal se construiu com os reis, como Carlos Magno. A estruturação do papa como um poder transcendental que guia essa sociedade cristã faz espalhar o pensamento que concebe a sociedade como um organismo ordenado segundo os desígnios de seu Criador⁵². Tal proposta faz essas duas instituições entrarem em uma disputa intelectual sobre quem possui uma autoridade sobre a sociedade. Isso criou uma série de tratados que a historiografia medieval conhece por versar sobre a incumbência e delimitação dos poderes e jurisdições de cada uma destas entidades – discussões que inflamaram o cenário político medieval, mas não ficaram apenas no âmbito de suas paragens. Essa discussão foi importante para as monarquias conceberem algo de sua própria instituição. Os argumentos do Império Germânico serviram para florescer a posição dos ofícios régios, os quais se espelham nas explicações do poder universal do Imperador. Os polanos criam as linhas gerais para sua monarquia também por meio do aproveitamento das teorias construídas nesse contexto. Os momentos de discussão teórica entre os poderes criam a argumentação dos Piastes contra o Império Germânico. Os discursos dos papas contra os Imperadores são as bases para os discursos dos Piastes contra os Imperadores Germânicos, principalmente Henrique IV. A aproximação dos Piastes a Roma foi acelerada logo após a morte de Otão III, pois seus sucessores boicotaram os ganhos jurídicos do poder polano em construção. A Igreja era, graças a sua disputa com o Império, uma maneira de o poder piaste afastar a sombra de seu inimigo laico, aproveitando os argumentos da instituição clerical que depreciavam os Imperadores. Podemos observar isso nas passagens, como a do último livro da crônica, em que ele utiliza a posição de descrédito de Henrique IV junto a Roma para valorizar Bolesław III. Neste capítulo, o autor relembra, por meio da leitura de uma carta do rei a Henrique, que este não tinha virtudes e nem protegia a Igreja romana. Os discursos papais e imperiais são utilizados por Galo Anônimo para construir a dinastia piaste, que inicia com Mieszko sua trajetória, indo até o século XII.

⁵² SOUZA, J. A. de C. R.; BARBOSA, J. M. **O reino de Deus e o reino dos homens**. Porto Alegre: EDIPUCS, 1997. p. 28.

Mieszko é um rei considerado “histórico”, pois possui registros em outros documentos medievais, sendo sua figura associada à do rei cristão. O monge edifica a figura do rei a partir de uma perspectiva mítica. Os atributos da guerra ainda não ficam evidentes na construção desse ator do teatro de Galo. O foco principal do autor é, no primeiro livro, Bolesław I, homônimo de seu comitente, o que podemos levar em conta como uma estratégia de construção da obra, pois eleva dois reis homônimos, fazendo assim uma analogia entre o passado e presente do reino. A força militar entra em cena na crônica a partir do instante em que Bolesław I encontra o Imperador Otão III. A troca de presentes entre os dois é destacada, afinal ocorre: “E como insígnia triunfal deu-lhe como presente uma das unhas da cruz de Nosso Senhor com a lança de Santo Maurício, e devolveu Bolesław um braço de Santo Adalberto”⁵³.

A crônica evidencia em sua construção a figura militar e os artefatos que lembram essa atividade. A entrega da lança de Santo Maurício está inserida no momento em que o Imperador dá a Bolesław a coroação e o título de “amigo e aliado do povo romano”⁵⁴ e, ao mesmo tempo: “garantiu-lhe sua autoridade sobre qualquer honra eclesiástica pertencente ao Império em qualquer parte do reino da Polônia ou outro território conquistado ou que possa ser conquistado entre os bárbaros”⁵⁵. A lembrança de que os Piastes tinham o direito sobre a administração dos territórios conquistados e, principalmente entre os bárbaros, mostra como as idéias apologéticas de fundação são construídas: os direitos nascem nos primeiros reis e são corroídos até o presente de Galo Anônimo. A cronologia dos direitos do rei é devidamente apresentada. A guerra é uma qualidade que existe no passado e que sofre baixas, mas renasce em Bolesław III, pois até as tropas imperiais admiram sua condição de guerra, como coloca em seu poema contra o Imperador Henrique IV:

O que seria, se ele sempre usasse toda a sua força:
Nunca irá o Imperador prevalecer contra ele na luta!⁵⁶

⁵³ *Et pro vexillo triumphali clavum ei de cruce Domini cum lancea sancti Mauriti donum dedit, pro quibus illi Boleslauus sancti Adalberti brachium redonavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.36). **T.A.**

⁵⁴ *Et populi Romani amicum et socium appellavit.* (*id.*). **T.A.**

⁵⁵ *Insuper etiam in ecclesiasticis honoribus quicquid ad imperium pertinebat in regno Polonorum, vel in aliis superatis ab eo vel superandis regionibus barbarorum, sue suorquem suorum potestati concessit.* (*Ibid.*, p 39). **T.A.**

⁵⁶ *Qui, si forte suos omnes simul congregavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.242). **T.A.**

A comparação militar na crônica parece um atributo apologético quando dá à figura régia de Bolesław condições iguais ou superiores ao do poder imperial no campo de batalha, o que era um recurso eficiente para doutrinar um dos receptores dessa fonte: o círculo guerreiro, o local onde a nobreza primária dos polanos se concentrava. Galo Anônimo enfatiza até a leitura de sua obra nas “escolas e palácios”, veremos essa comparação em outros tópicos dessa pesquisa. Pois, a comparação ao poder temporal do Imperador, o qual era o mais evidente do século XII, representava a possibilidade de legitimação dos Piastes como poder laico central do território polano, o qual era, como veremos, formado por vários ducados menores. Aproximar da ordem dos guerreiros a figura régia dá uma característica para essa figura antiga, uma novidade no medievo, pois ganha adaptações vindas da cristandade, das quais a mais marcante é o fato de ter tanto a graça de Deus como a vitória militar⁵⁷. As qualidades são importantes para solidificar o guerreiro, o imperador que Galo Anônimo retrata é exatamente Henrique IV, imperador que passa por sérias crises com a cristandade e com o Papado. O autor instiga o leitor a lembrar dessa situação, mostrando por via da transcrição de cartas a falta de honra do Imperador. O monge pode fazer essa colocação no texto para reforçar as qualidades de seu comitente. As qualidades têm destaque, pois com elas o indivíduo pode, com veracidade, construir uma posição de superioridade no seio da sociedade política de que faz parte.

Em seu texto, Galo Anônimo enfatiza os feitos dos reis quando inicia o livro III de sua obra com: “Assim como os homens santos são celebrados pelos seus bons atos e milagres, os reis e os príncipes deste mundo são exaltados no triunfo das guerras e das vitórias”⁵⁸.

Por isso, vamos apresentar as virtudes que as descrições de guerra do autor apresentam, uma vez que bravura, temperança, coragem, honra são atributos indispensáveis ao monarca desde a época clássica e helenística. O *bellator* régio é uma figura diferenciada, pois tem de conseguir vitórias no campo das ações e criar sua imagem vitoriosa nos combates. A figura do rei guerreiro ganha as páginas das primeiras canções de gesta francesas. O rei começa sua jornada de imortalização no imaginário e prática política do período em cerca de 80 a 100 poemas épicos, a maioria versando sobre o rei Carlos Magno. Essa literatura, dominada por preocupações feudais e aristocráticas, narra as façanhas guerreiras dos grandes barões merovíngios e carolíngios. Sendo a literatura

⁵⁷ LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. **Op. cit.** p.398.

⁵⁸ *Nam sicut sancti viri bonis operibus et miraculis celebratur, ita mundani reges et principes bellis triumphalibus et victoriis sublimatur.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.212). **T.A.**

secular em latim, ficou largamente confiada a assuntos derivados, diretamente ou indiretamente, de modelos clássicos⁵⁹.

O texto medieval recebe influência dos clássicos até construir, por volta do século XII, novos mecanismos de soberania. Estes mecanismos se apoiam em escritos que mesclam os pensamentos clerical, clássico e a ideologia local em um novo formato da aristocracia laica, a qual cria uma literatura preocupada em apresentar as genealogias nobiliárquicas, compondo as canções de gesta. O texto da *GpP* é parte integrante dessa troca cultural entre a terra dos Polanos e as áreas de produção cronística, como é a de Galo Anônimo⁶⁰:

O texto medieval tem de ser visto como algo que o leitor veria no conteúdo dos livros que lia não como uma expressão da personalidade e uma opinião de outro homem. Ele via os textos como parte deste grande e total corpo do conhecimento, a *scientia de omni scibili*, a qual uma vez fora propriedade das antigas sagas. Contudo, lia em um venerável livro antigo não tomando ele como sendo a afirmação de alguém, mas um pequeno pedaço do saber adquirido por alguém há muito tempo atrás de alguém ainda mais antigo.⁶¹

A meta do autor é também fazer com que seu texto seja parte do “conhecimento”, mesmo sendo algo regional. Os seus escritos são por nós vistos como montagens, mas para seus contemporâneos são exemplos verdadeiros de condições reais, fontes da verdadeira realidade para seus leitores.

⁵⁹ LOYN, H. G. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 237.

⁶⁰ A sua procedência é indicada na fonte no prefácio do primeiro livro quando relembra a Provença e o mosteiro de St. Gilles. **N do A.**

⁶¹ BOULHOSA, P. P. Sagas Islandesas como fonte de história da Escandinávia medieval. **Signum**, Porto Alegre, n. 7, 2005. p.25.

2.3 As virtudes da guerra

A latinização é propagada, sobretudo, pela via literária. Os textos deveriam trazer o que se deseja apresentar dentro de uma argumentação consistente – esse meio de divulgação tem nos clássicos sua gênese. Apresentar o “melhor meio de governo” ou o “rei perfeito” tem suas raízes em textos mais recuados no tempo. Na Idade Média essa lógica parece não se perder: mostrar a melhor forma de governo passa por incorporar as virtudes conhecidas às figuras ou personagens das crônicas. Por isso, Galo Anônimo mergulha sua obra no mar das virtudes mais comuns e mais aceitas da política clássica para assegurar que a latinidade de sua área não esqueça os seus primeiros nobres. A *GpP* quer fazer com que os eslavos acreditem que o rei polano piaste pode fazer a condução da política local. As virtudes, por isso, são importantes. Em nossa perspectiva de análise da hierarquização social proposta pelos Piastes, elas representam um instrumento de argumentação indispensável para a Crônica de Galo Anônimo: “Pois, Bolesław [I] elevou-se até esta glória e dignidade por seu senso de justiça e equidade, virtudes as quais desde o início desenvolveram o poder e o império dos Romanos”⁶². O primeiro Piaste coroado consegue edificar virtudes que lhe possibilitarão expandir a sua hegemonia. Os Piastes parecem poder conduzir sua força como os romanos o fizeram.

As canções, crônicas e demais textos régios são os escritos históricos que relembram batalhas, ou melhor, relembram atitudes perante a guerra, atitudes que corroboram a necessidade de um grupo que se espelha em um indivíduo, produzindo pela escrita de seus feitos a incorporação da guerra. Esta é um momento interessante, pois nela temos a junção, nos textos, de duas virtudes caras ao mundo clássico: *gloria* e *honor*. Duas virtudes que, como coloca Maria Helena da Rocha Pereira, estão ligadas à *res publica*, isto é, à sociedade política. Quando a autora cita Cícero, em *Dos Deveres*, vemos o motivo de o texto colocar a *gloria* nas passagens de guerra. Pois, se a glória precisa de três condições para ocorrer – “ser amado pela multidão; ter a sua confiança; ser admirado e digno de honrarias”⁶³ –, criar a admiração por meio das virtudes clássicas mais amplas e que remetem à guerra faz da tópica do guerreiro um artifício que lembra em muito os romances

⁶² *Iustitia nimirum et equitate ad hanc Boleslauus gloriam et dignitatem ascendit, quibus virtutibus initio potentia Romanorum et imperium excrevit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.50). **T.A.**

⁶³ PEREIRA, M. H. da R. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: 1993. p.345-347.

arturianos, criados durante os séculos XII/XIII e que revestem os heróis das virtudes e dos objetos monárquicos e destinam-lhes um lugar que só aos reis cabia no seio da sociedade⁶⁴. Os romances arturianos serviram em grande parte para educar a nobreza régia na cristandade. A figura do rei como exemplo é adotado pelo monge, que, ao invés de remontar a um rei que tivesse sua imagem mais enraizada no imaginário, deve transformar os Piastes no personagem instrutor da Cristandade local, não somente como um exemplo, mas também para fundar o respeito e a necessidade dessa casa real nos círculos mais elevados da autoridade. Arthur pode ter sido a leitura que Galo Anônimo teve em seus anos de instrução na Provença, mas a nobreza local tem de ler no lugar de Arthur o nome dos Piastes.

Assim, nossa idéia é que os Piastes, como o modelo de educação para a sociedade, devem ser adotados pelo motivo de a região Polana ser composta de vários pequenos ducados. Essa situação faz necessário edificar, via o texto da *GpP*, uma posição superior dos reis piastes sobre seus pares, fazendo, assim, do ducado piaste uma monarquia que deve servir de exemplo, estimulando, dessa forma, a obediência e manutenção dos direitos da dinastia. Pois, sendo estes os elementos que conseguem fazer parte da educação, teriam uma posição superior na comunidade. Os Piastes tentam ser o pilar dessa instrução da nobreza para evitar o levante ou mesmo a fixação de algum paladino em seu lugar. A função do rei é tardio na terra polana, pois é por volta do século XI que a monarquia latina começa a substituir o sistema tribal de governo. Então, os Piastes são lembrados como exemplos comparáveis a qualquer figura que possa ser edificante a seus pares para que estes sigam, no momento da institucionalização do sistema monárquico na região, a casa que tem sua origem na família de Mieszko I e não a de algum paladino do século XII.

O rei piaste usa a figura de sua pessoa e de seus antecessores para produzir o efeito de educação que visava à incorporação dos Piastes como base do poder. Os feitos militares moldavam a “*res gesta*” quando colocavam a comparação de suas ações com as de grandes generais da história clássica, como na vitória realizada de dentro do território bohemio descrito no capítulo XXI do III livro: “então Bolesław, o guerreiro, seguido de uma horda de combatentes, abriu um novo caminho para a Bohemia, um maravilhoso feito pelo qual ele podia ser comparado a Hanibal. Pois, como este na sua marcha contra Roma pelo

⁶⁴ PEREIRA, R. de C. M. Representações da Realeza nas fontes históricas e literárias da Idade Média em Portugal. In: ANDRADE FILHO, R. de O. (Org.). **Relações de Poder, Educação e cultura na Antigüidade e Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Solis, 2005. p.105.

esquecido caminho do monte de Júpiter”⁶⁵. As virtudes da guerra não eram somente atributos de ação, mas também de sabedoria. O rei tinha de ser sábio, conseguir tomar as decisões mais certas e frutíferas. Aquele que possui mais qualidades pode e deve ser o único a conseguir guiar e instruir na guerra e nas decisões do cotidiano. Por isso, as virtudes devem aparecer no texto da *GpP* e solidificar os Piastes como exemplo que deve ser obedecido, protegido e seguido.

Os trechos acima citados provam que o grupo interno dos Polanos possui uma tendência a conhecer os grandes nomes da história até aquele momento, sendo que, por isso, a maior parte dos citados tem uma ligação direta com o ato guerreiro. Elevar seu comitente ao mesmo patamar dessas figuras valorizava a situação do rei polano. A própria obra nos mostra a situação contemporânea de Bolesław III. A partir do livro III temos a mudança da “narrativa” para a “narração”.⁶⁶ Então, vemos nas páginas desta parte da obra de Galo Anônimo como que a expansão da luta contra paladinos internamente e uma preocupação externa forte, devido aos embates com os imperadores Henrique IV e V. A instrução tem de passar uma ideologia régia e para isso deve usar esses elementos clássicos, pois, pelo que indica a fonte, a situação era muito delicada e o texto deveria ser claro e direto. Como os textos têm uma “*função citativa*”, isto é, um discurso cita o outro para construir o seu próprio, podemos ver que as virtudes são elementos dos textos clássicos, as quais são retomadas para tentar fazer a monarquia polana se estabelecer nessa região que, há pouco menos de um século, era apenas território de tribos esparsas. Os conceitos e fundamentos ideológicos do passado greco-latino são os preceitos dos ocidentais, transferidos para os eslavos na forma da monarquia legítima dos Piastes.

Michel Zink aponta que

Atualmente em nosso espírito, a literatura opõe-se a outras disciplinas intelectuais, como a filosofia ou a história, para não falar das matemáticas ou das ciências da natureza. Ela supõe, ao mesmo tempo, sem dúvida confusamente, o fictício e o gratuito. Essas oposições não são verdadeiramente pertinentes para a Idade Média⁶⁷.

⁶⁵ *Inder belliger Bolezlauus, collecta multitudine militari, novam viam aperuit in Bohemiam, quo potest Hannibali facto mirabili comparari. Nam sicut ille Romam impugnaturus per montem Iouis.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.254). **T.A.**

⁶⁶ GUIMARÃES, M. L. **Estudo das Representações de Monarcas nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV):** O espelho do Rei: “Decifra-me e te devoro”. Tese. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.p.7. O exemplo dado nas crônicas de Fernão Lopes mostra que a idéia do texto mudar sua voz narrativa de passado contado para um presente observado pelo autor tem recorrência em fontes regias. **N do A.**

⁶⁷ LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. **Op. cit.** p.80.

As Crônicas e Gestas, por serem textos escritos, têm uma importância ao poder, pois, como registros deste tipo, ganham um caráter jurídico e de veracidade. Escrever é um poder importante, tudo que cerca o texto tem força de superioridade. Os textos nesse momento são os únicos modelos autorizados, tudo se consolida na escritura. A própria Bíblia em seu corpo fomenta o valor da escrita e do texto. Contudo, não somente os textos bíblicos são fundamentais para que uma obra seja vista como um símbolo de grandeza e de verdade. As letras antigas são a herança dos medievais, que as imitam e perpetuam; são elementos importantes para a legitimidade de qualquer texto produzido. Os textos mais recentes devem imitar os clássicos, primeiro, por serem a norma e base do conhecimento e, segundo, para parecerem ter a mesma origem. A crônica de Galo tenta utilizar a força da escrita e incorporar seu texto aos contemporâneos no que tange à veracidade, à importância e à legitimidade. A latinidade monopoliza a intelectualidade. O ensino não pode estar desvinculado da leitura dos clássicos, a educação é baseada no latim e as artes liberais, as artes técnicas, a medicina, o direito e a história são frutos de uma mescla da educação clássica latina com as novas abordagens cristãs do mundo. A validação do texto do autor, bem como o reconhecimento do reino, passam pela analogia com outros mitos políticos clássicos. Afinal, como mostra Ernst Curtius, todos os escritos latinos são didaticamente dotados de autoridade⁶⁸. Fazer o texto em latim é mais que a forma aceita, é introduzir sua obra no rol de documentos válidos e equipará-lo aos escritos militares de outras épocas ou de outros pontos da Cristandade do século XII, nas palavras de Galo: “Ficaria a fama marcial dos Romanos ou dos Gauleses tão celebrada ao redor do mundo, se não fosse preservada nos testemunhos dos escritores para a posteridade, para lembrar e imitar?”⁶⁹.

A crônica latina de Galo Anônimo é posta pelo autor, sem vanglórias, em patamares que a deixam em posição de igualdade para com os demais textos latinos que falem sobre os feitos militares, lembrando mais uma vez como Polanos e Romanos podem ter algo em comum. Se Bolesław tem as glórias que fizeram os Romanos ser o que foram, os Polanos também conseguem ter seus feitos militares imortalizados e ter o seu próprio texto latino, totalmente dotado de legitimidade.

⁶⁸ CURTIUS, E. **Literatura européia**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 85.

⁶⁹ *Nunquid enim fama vel militia Romanorum vel Gallorum sic celeberrima per mundum haeretur, nisi scriptorum testimoniis memorie posterorum et imitationi servaretur.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.212). **T.A.**

2.4 Estrutura diretiva e as bases sociais da guerra para os Polanos

Mencionamos ao longo do trabalho que o mundo eslavo tem seu encontro com o Ocidente tradicional por fins do século X. A sua estrutura anterior é conhecida, em sua maioria, pelos vestígios arqueológicos nos povoamentos que se situavam dentro de fortificações, circundadas por pântanos ou florestas densas (*Przecieka*). O século VII foi marcado pelo desenvolvimento desses núcleos populacionais em toda a área denominada “Eslavônia”. Nós nos concentraremos no recorte espacial dessas terras que foram o berço do reino polano: a extensão de território que vai do vale do Odra e Vístula até a planície entre os Cárpatos. Neste trecho de solo as armas e os casamentos são importantes para a construção do poder principal entre várias tribos, que resultaram em vários novos núcleos. O que nos interessa neste trabalho é o da tribo dos Polanos.

As regiões principais do futuro reino polano, como indica P.M. Barford, arqueólogo da Universidade de Warszaw, são áreas que nos séculos VIII e IX serão o palco de uma incorporação dessas fortificações de paliçada por tribos mais numerosas e mais equipadas. Um “estado de guerra”⁷⁰ instala-se entre os povoados que vão sendo incorporados uns aos outros, sendo que a região polana é um caso peculiar, pois as fortificações nessa área eram derrubadas e em seu lugar povoados maiores eram estabelecidos, não ocorrendo a simples troca de “chefe” do local⁷¹. Isso é algo que pode ter constituído um fator importante para a solidificação de um poder mais amplo no povo polano, pois fazia deles um grupo que, aos olhos da Cristandade, tinha uma estrutura parecida com a da medievalidade latina. A belicosidade que rege essa região é visível nos vestígios arqueológicos e é um traço social o qual se fixou de tal maneira que mesmo nosso cronista não a pôde descartar na sua apologia aos Piastes. Um dos feitos piastes foi usar as armas para aproximar de seu círculo as demais tribos.

A batalha representou uma situação cotidiana para os eslavos que formaram o reino polano. A tribo denominada de “Polane Wielkopolska” é a responsável pela criação da “Ópole” eslava, que entrará em contato com as forças Imperiais em pouco menos de

⁷⁰ BARDFORD, P. M. **The Early Slavs**: Culture and Society in Early Medieval East Europe. New York: Cornell University Press. p.139.

⁷¹ *Ibid.*, p.147.

duzentos anos, quando Czerwień torna-se uma fortificação já com características de “cidade” e ponto de intersecção de várias rotas de transporte vindas dos outros centros importantes do mundo eslavo – Kiev, Narew e Biebrz. A tribo polana, que guarda essa fortaleza, passa a ser comandada pela família *Piastować* que, ao que indica Norma Davis, era um grupo que fazia parte administrativa da família Pumpil⁷². A etimologia de seu nome é identificada na historiografia polonesa como tendo o significado de “cuida ou exerce um serviço”. Era um grupo de serviço, que obtém a liderança dos clãs por volta de 950/960. O sistema que comandava os polanos no início era o do governo do *Wieć*. Esta unidade de poder primitiva dos polanos merece uma explicação de sua função para se compreender como a guerra fazia parte do cotidiano dos grupos com os quais trabalhamos em nosso estudo.

Um primeiro passo é conceituar sua função. Segundo o historiador Tadeusz Manteuffel, a denominação mais comum é a de uma convocação de todos os homens livres da tribo; depois, quando a segurança demandava um poder mais consolidado, eles eram governados por um príncipe eleito⁷³. A guerra era o momento em que os conselhos elegiam um representante para trazer a paz. As tribos consistiam em clãs (*ród*) – grupo de indivíduos que tinham relação sangüínea e descendentes comuns. O *starosta* é a cabeça do clã, exercendo sobre ele o poder tanto militar quanto judicial, mas fazendo-o com maior freqüência em conjunto com a assembléia dos antigos. Existia dentro dessa unidade uma solidariedade⁷⁴. Neste esquema que regia os grupos superiores dos eslavos, temos de refletir sobre quais atributos vão continuar a existir no período de Bolesław III. Primeiramente, observamos que a condição de eliminar o inimigo externo, que aparece como atribuição do “antigo príncipe” eslavo do *Wieć*, é essencial para acharmos um significado nas descrições das batalhas. Além das conhecidas posições sobre a função da guerra que as historiografias medievais já comentaram, tentamos procurar a especificidade do “*background*” da comunidade política polana.

A posição do autor da crônica é a de tentar fazer de Bolesław este “príncipe” perdido no tempo dos eslavos. Como era do ofício do príncipe combater, geralmente, o inimigo externo, fica evidente que o direito de comandar estava atrelado à necessidade de combater um elemento considerado perigoso, ou construído como sendo, para a comunidade. Um rei

⁷² DAVIES, N. **God’s Playground: A History of Poland (The origins to 1795)**. New York: Columbia University Press, 2004. v.1. p.62.

⁷³ MANTEUFFEL, T. **Op. cit.** p. 77.

⁷⁴ *Ibid.*, p.44.

eslavo teria de manter sua posição por meio da necessidade da comunidade. A maneira de fazê-lo era demonstrando que o rei estava continuamente honrando sua função. Especulamos que a idéia de “*libertas*” do texto é um instrumento importante do autor para reviver, além dos conceitos clássicos, a matriz do “príncipe” do *Wieć*. A guerra contra os inimigos dos Piastes é sempre retomada, não na qualidade de autodefesa ou de resolução de problemas seus, mas como “libertação” da terra. A utilidade dos Piastes é apresentada por essa função, a qual lembra em alguns aspectos o princípio clássico da *Libertas*. Este conceito é polêmico por vários pontos, porém, vamos tentar colocá-lo dentro da sua lógica de época. No mundo latino clássico, era uma virtude que tinha de ser realizada por uma autoridade. O próprio Otávio declarava ser legítimo por passar a *libertas* para o senado. Liberdade era restaurar a condição tradicional, geralmente reclamada como obrigação daqueles que queriam tornar-se o elemento principal na política de um grupo: “A *Libertas* era invocada com muita freqüência na defesa de uma ordem existente por indivíduos ou classes que gozavam de poder e riqueza.”⁷⁵.

A utilização clássica da *libertas* parece ter influenciado a idéia de liberdade no medievo como uma maneira de o grupo construir sua posição dentro da comunidade em que está. A liberdade que Bolesław guardará pelas armas e por outros meios, os quais veremos mais à frente, é parte desses ecos na intelectualidade da época. Personificando os Piastes como os que trouxeram essa condição até aquelas antigas tribos eslavas por meio da remontagem do passado, a obrigação de mantê-la continua. A figura da *libertas* dada a Bolesław tem, em nossa visão, uma lembrança da *eleutheria* grega – lembremo-nos de Alexandre quando diz trazer a liberdade aos gregos. Assim, também Bolesław traria liberdade aos polanos. A *libertas* somente poderia ser assegurada pelas magistraturas⁷⁶; a monarquia espelha-se nas magistraturas clássicas, fazendo a *libertas* ser uma obrigação imposta, que conseguia fundar direitos para quem tivesse essa virtude. A virtude clássica tem na antiga estrutura tribal um agente potenciador: o sistema de pensamento do *Wieć*, que, agregado ao pensamento político medieval, faz dessas duas realidades – latina e tribal – uma forma de pensamento político própria para os polanos. O texto de Galo Anônimo invoca passagens – como quando Bolesław II, um personagem negativo para a história piaste, diz defender a terra por meio das armas contra os pagãos –, as quais mostram que a idéia de agente pacificador contra o elemento externo não foge de nenhum membro piaste. O trecho a que nos referimos mostra no campo de batalha os Pomerânios em uma incursão num território dito pelo monge como sendo da Polônia e em que está também o rei Bolesław

⁷⁵ PEREIRA, M. H. da R. **Op. cit.** p.372.

⁷⁶ *Ibid.*, p.371.

II, como descreve o monge: “o qual desejando com espírito fervoroso libertar a terra das mãos dos gentis (pagãos)”⁷⁷. Passagens assim colocam essa obrigação da liberdade nos ombros da dinastia polana, fazendo o que vemos como um início da preparação da sociedade política e da base celular dos futuros reis piastes, que será o conceito de Polônia que abordaremos com mais detalhes no decorrer de nosso texto.

Aristóteles na *Ética* e na *Política* defendia que “o príncipe deveria ser a fonte da lei e dispor de todos os meios apropriados para proteger o interesse, a honra e a liberdade”⁷⁸. O autor recupera e parece fazer eco dessas palavras, o que nos remete em muito ao rei piaste e à sua situação de figura guerreira, bem como a suas atitudes na batalha. A metáfora da liberdade circula nos textos que influenciaram os teóricos dos sistemas de governo no medievo, Galo Anônimo não foge dessa realidade. O político que se apresenta na *GpP* é o da Europa Cristã. Porém, a figura do defensor tem no grupo local uma forte ressonância, como citamos. As estruturas intelectuais têm um importante papel na configuração das ações de um grupo. Os símbolos têm efeito apenas se existir alguma base preexistente, a história apresentada pelo autor não é apenas um conjunto de criações do imaginário, os fatos do momento de Galo Anônimo pesam na construção de seu texto. O simbólico e o factual são trabalhados para tornarem-se instrumentos da aproximação da comunidade aos Piastes. O texto do monge é uma fonte das maneiras de como o poder era recebido pelos leitores, porque, por meio do modo com que o autor cria essa mescla de símbolo e fato, podemos ver o que era tido como legítimo pelos receptores do texto. Galo Anônimo possui uma formação de estudo e conhecimento que o faz inserir essa figura do libertador, mas seus receptores têm nesse símbolo algo que produz uma posição que poderia servir aos interesses piastes de solidificação de sua hegemonia. Podemos retomar até as antigas formas de crenças religiosas eslavas para complementar a necessidade de o rei ter aspectos de beligerância.

Além de apresentarmos a estrutura do *Wieć* como um dos elementos que teriam a função de influenciar a aceitação da monarquia polana, outro elemento que nos parece importante para a reconstituição das bases simbólicas mentais que deveriam existir entre os membros diretivos dos ducados que compunham a área de hegemonia de Bolesław III é a recuperação da figura do elemento divino ou mágico dos grupos eslavos. Por isso, observando as descrições das divindades eslavas, podemos acrescentar mais um argumento para a necessidade da figura militar estar presente no texto do monge. Para

⁷⁷ *Qui cupiens animo ferventi de manu gentiliū patriam liberare.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.92). **T.A.**

⁷⁸ SOUZA, J. A. de C. R.; BARBOSA, J. M. **Op. cit.** p.153.

relembrarmos os mitos eslavos que circulavam no período anterior, recorreremos ao trabalho de Stanisław Jakubowski. Todas as divindades eslavas pagãs são descritas por bispos, cronistas e missionários – entre eles nomes conhecidos, como os de Saxo Gramático, Thietmar, bispo de Metzburgo –, sendo os relatos datados do início do século XI. Muitas das descrições foram feitas no momento da derrubada das estátuas ou “templos” dessas divindades ou em descrições de zonas não conhecidas ainda. A função de cada divindade e a comparação mitológica não são metas de nossa pesquisa, o que nos interessa são as características gerais do panteão eslavo de um modo genérico, pois isso é algo que acaba fazendo parte do aparato intelectual das sociedades daquela região. As divindades registradas são as divindades que aparecem e têm estruturas mais elaboradas, por isso vemos a possibilidade de que suas características tenham algum traço comum com o que aos olhos dos nobres eslavos seria simbolicamente e teoricamente necessário para a aceitação de um indivíduo como “superior” ao grupo.

A primeira característica que destacamos é a recorrência da representação das divindades como seres que têm instrumentos de guerra: Rugiewit aparece cercado de armas⁷⁹; Jarowit possui machados⁸⁰; Prowe, o Deus da lei, tem um escudo e uma arma parecida com um machado⁸¹; Perun, a divindade mais difundida entre os eslavos, tão importante que seu atributo de ter a força dos raios é transferido para a figura de Santo Elias, o qual os usa para lutar contra o demônio, a fim de conseguir introduzir o Cristianismo em alguns grupos eslavos⁸². As divindades apresentam também ligação com a figura do cavalo: Światowit e Radgost têm em destaque suas montarias. Por essas descrições podemos observar que a militarização do rei não satisfazia somente aos aspectos cristãos, já descritos, mas também pactuava com o modo como os grupos eslavos pensavam seu cotidiano. A maior parte dos chefes eslavos recebia proteção dessas entidades, que funcionavam como “aliados” contra aqueles que eram contrários ao grupo. Sabemos que Galo Anônimo tem algum conhecimento da língua eslava⁸³, tendo também, como os missionários dessas áreas, conhecimento das características que as divindades deveriam

⁷⁹ JAKUBOWSKI, S. **Bogowiesłowian**. Kraków: Drukarnia, 1933. p.27.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 28.

⁸¹ *Ibid.*, p. 32.

⁸² *Ibid.*, p. 40.

⁸³ No primeiro capítulo da crônica o autor explica que Gniezno significa “ninho”, demonstrando assim um conhecimento do eslavo polaco. Quando diz: *Erat namque in civitate Gneznensi, qui nibus interpretatur scauonice*. (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.36). **T.A.**

ter. Esses fatores podem nos ajudar a entender como mais de um símbolo de guerra aparece no texto do monge.

No capítulo intitulado “Um milagre de Santo Adalberto”⁸⁴, o autor faz uma interrupção da narração do cerco de Kruszwica para contar um milagre protagonizado por Santo Adalberto⁸⁵. Uma cena – que relembra muito as ações das divindades eslavas mencionadas anteriormente – na qual os justos, no caso os cristãos piastes, são protegidos pela divindade na figura de um santo. Essa inserção parece trabalhar também na valorização da predestinação guerreira dos Piastes, pois interrompe a narrativa de cerco que mostra o início do conflito entre os irmãos Bolesław III e Zbigniew, criando um momento de amenização da questão da disputa entre os irmãos e preparando para a aparição do jovem Bolesław. Este é representado mais uma vez com os ares da coragem, pois na infância, nas palavras do monge: “não costumava participar de vãs brincadeiras, da maneira como geralmente as crianças fazem, mas esforçava-se ao máximo possível a um menino para imitar com vigor os feitos militares”⁸⁶. A montagem coloca a figura do santo para amenizar o problema com o irmão e valorizar Bolesław na perícia marcial, como quando conta que em Gniezno “o precioso mártir Adalberto observava a cristãos e pagãos durante a vigília da dedicação. Acontece que naquela mesma noite traidores em um dos castelos polanos tinham deixado entrar na fortaleza os Pomerânios com ajuda de cordas”⁸⁷. A descrição seguinte mostra o Santo vigiando e, quando observa que os pagãos invadem a fortaleza, o personagem sobrenatural materializa-se em uma figura que poderia lembrar muito Swiatowit, em seu cavalo branco aterrorizando aqueles que não merecem ser protegidos, porque atacam os cristãos piastes. Em uma descrição simples o monge fala: “Apareceu para os Pomerânios uma figura armada montada em um cavalo branco, que com o gládio impôs

⁸⁴ *Miraculum de sancto Adalberto*. (*Ibid.*, p.131).

⁸⁵ Santo Adalberto teve uma importância grande para a dinastia dos Piastes, pois foi por meio da recuperação de seu corpo martirizado nas terras prussianas que Bolesław I consegue a Sé Metropolitana para seu reino; porém, seu corpo é roubado em 1050. Isto causa problemas da monarquia com a sociedade política. Vemos também nessa inserção a tentativa de redimir essa perda, pois o Santo estaria ali, mesmo com seu corpo retirado do solo Polonês. **N do A.**

⁸⁶ *Interim ne sit alicui aliquatenus admirandum, si quid scripserimus de Bolezlai puericia memorandum. Non enim, sicut assolet plerumque lascivia puerilis, ludo inanes sectabatur, sed imitari strennuos actus ac militares, in quantum puer poterat, nitebatur*. (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.134). **T.A.**

⁸⁷ *Et quoniam ecclesie mencio Gneznensis in hoc fieri forte tigerit, non est dignum preterite miraculum, quod in vigilia dedicaionis preciosus martir Adalbertus et paganis et christianis ostenderit. Accidit autem eadem nocte in quoddam castrum Polonorum quosdam traditores eiusdem castris Pomoranos sursum funibus recepisse*. (*Ibid.*, p.130). **T.A.**

o terror neles”⁸⁸. Esta passagem mostra como o autor reúne uma simbologia que lembra muito as formas locais de divindades, que trabalham na mesma lógica da proteção do elemento legítimo. Relembra Santo Adalberto, que seria um guia até depois da perda de seu corpo para os Bohemios. Desvia a atenção da cronologia da briga dos irmãos e com isso consegue entrar na figura guerreira de seu comitente mais uma vez. Explora, pois, em passagens assim a condição de guerra pedida ao rei e mostra como o círculo de elementos que compõem a forma do imaginário local é utilizado pelo autor para construir a figura de seu comitente.

A construção de um poder legítimo tem de passar pela ligação de todos os elementos que possam servir à união entre a realidade e maneiras de observar o universo. A figura legítima do rei eslavo constrói o primeiro alicerce dos Piastes. O rei guerreiro é mais uma faceta da figura legítima que procuramos mostrar. A junção da estrutura latina cristã com o passado político e religioso polano forma o primeiro elemento de nossa idéia da constituição do que será a Polônia. Desde as palavras empregadas até os símbolos escolhidos para lembrar os antepassados, a guerra mostra seu lado essencial da cultura da civilização medieval, seja latina ou eslava. Ambas têm no elemento do confronto mais que uma simples demonstração de poder, não sendo ela, pois, algo inumano, mas, para esse período, algo que é necessário. A guerra tem uma função cultural quando se desenrola de uma maneira em que seus participantes consideram-se uns aos outros como iguais ou antagonistas com direitos iguais⁸⁹. A guerra é manipulada por Galo Anônimo para construir uma tradição de honra – glória baseada no desempenho militar de seu patrocinador –, fundando um mito político no mesmo patamar dos personagens clássicos do mundo latino ou da contemporaneidade de Bolesław III. Assim, o Piaste ganha sua primeira figura, a do militar. Figura esta que faz parte da formação da dinastia piaste, como um elemento de tradição, direito e hegemonia sobre seus pares polanos. Na parte seguinte abordaremos como o monge começa a edificar mais uma figura importante do monarca polano: a figura do rei cristão, que é não somente protetor da fé, mas também o legítimo introdutor desta fé em seu território, sendo os Piastes os donos do monopólio da “*Dei Gratia*” em solo polano.

⁸⁸ *Apparuit namque quidam super album equum Pomoranis armatus, qui gladio eos extracto terribat. (Id.). T.A.*

⁸⁹ HUINZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 102.

3. A FIGURA DO REI CRISTÃO

3.1 O rei: vigário de Cristo

A figura que apresentaremos neste capítulo é a da nomeação do rei como sendo um elemento dotado de todos os parâmetros cristãos que o governante deve apresentar. Mesmo, como citamos no capítulo anterior, que Galo Anônimo diga que não escreve um Evangelho, mas uma crônica dos nobres feitos dos príncipes piastes, veremos que a parte religiosa é imprescindível no texto do autor. A nossa maneira contemporânea de pensar separa em muito a parte religiosa da parte política, no período em estudo, porém, o poder temporal tem a necessidade de apresentar laços firmes com a religião cristã. O poder como algo vindo do Deus Cristão é um traço conhecido do poder medieval. Walter Ullmann mostra em seus trabalhos que a tese do poder é em nosso período algo com uma conotação de ascendência, isto é, influenciado pela maneira como a sociedade via sua própria estrutura de poder: “A teoria ascendente de governo foi fortemente, oficialmente e não oficialmente, proclamada como a única forma de governo compatível com a fé cristã”⁹⁰. O poder deve ser advindo da figura divina e ser distribuído aos agraciados, os quais na terra poderão utilizar, guardar e distribuir para seus demais pares aqueles que não possuíam esse vínculo direto com Deus. Sendo assim, a primeira condição do grupo que tenta ter autoridade é ser o representante de Deus. Essa preocupação formou o ideal de “O Vigário de Deus” em terra, que tem uma ressonância nos escritos de Galo Anônimo. A Ascendência do poder é parte integrante do pensamento do monge, sendo seu trabalho convergir o “*Dei Gratia*” para a história e o corpo de seu comitente. Como colocamos, não existe a preocupação do autor em fazer uma “História Universal”. A história dos Polanos tem um ponto inicial bastante curioso, o momento em que seu ancestral camponês, Chościsko, recebe a providência em sua casa humilde.

Passamos à análise da narrativa da chegada da Providência à família dos Piastes. A ascendência do poder tem nos primeiros quatro capítulos do primeiro livro da *GpP* sua gênese. Essa narração faz a descrição de eventos que aconteceram em Gniezno, na época em que a dinastia dos Popiel⁹¹ era a família dominante. Nesse tempo imemorial para

⁹⁰ ULLMANN, W. **Principio de gobierno y política en la Edad Media**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1991. p. 159.

⁹¹ O nome da dinastia apresenta duas variações: *Popiel* e *Pumpil*. A primeira, segundo Andrej Bańkowski, é uma derivação da palavra polonesa *papyl*, a qual significa “bolhas na pele”, que para o

eslavos e latinos, o monge conta a noite da “tosa” do filho do Duque Pumpil, o que veremos mais concentradamente no tópico seguinte.

3.2 O rei predestinado Piaste

A cena que o autor monta é a da cidade Gniezno, em um tempo não descrito, somente faz referência a que nessa cidade existia o duque Popiel, que naquele momento preparava a festa de apresentação de seu filho à comunidade. O livro mostra que todos os nobres foram convidados. Logo, ao narrar isso, ele comenta: “Aconteceu, porém, que por um plano secreto de Deus até ali dois estranhos chegassem”⁹². Os dois estranhos não são recebidos para o banquete e têm de fugir dos habitantes da cidade, acabando por se refugiar na parte agrícola da comunidade. Neste local, encontraram “pela fortuna” uma cabana de um humilde camponês do Duque. O camponês também estava preparando um banquete para a tosa de seu próprio filho. O discurso do autor mostra, então, que o ato do humilde camponês plano de receber os estranhos e depois dividir suas poucas provisões, as quais deveriam ser guardadas para o banquete de seu filho, o caracterizará como um homem pobre que “oferece com prazer seus presentes”⁹³. E os estranhos dizem: “Você pode verdadeiramente estar contente com nossa vinda, e talvez nossa chegada traga abundância de fartura, de honra e de glória para a sua linhagem”⁹⁴. Eles começam a comer e beber junto do camponês e, neste momento, um milagre ocorre. O “maravilhoso trabalho de Deus”⁹⁵ faz a refeição se multiplicar, parece que o símbolo da fartura cai sobre a família que Deus ajuda porque é sua vontade “exaltar a humildade dos pobres”⁹⁶. Destacamos que, enquanto a fartura surgia no casebre do camponês, os convidados do duque Pumpil passam a ver seus pratos e copos esvaziarem-se. O fazendeiro daquela humilde casa terá um filho

autor é um símbolo de governo sem prestígio. A segunda será a base da construção do texto de Mestre Wincenty Kadłubek que liga essa família ao mundo romano em sua crônica do final do XII e início do XIII. As informações sobre essa dinastia ainda são escassas. **N do A.**

⁹² *Contigit autem ex occulto Dei consilio duos illuc hospites advenisse.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.16). **T.A.**

⁹³ *Ille vero bone compassionis pauperculus hospites illos ad sum domuculam invitavit, suamque paupertatem eis begnissem presentavit.* (*Ibid.*, p. 18). **T.A.**

⁹⁴ *Bene, inquiunt, nos advenisse gaudeatis et in nostro adventu bonorum copiam et de sobolo honorem et gloriam habeatis.* (*Id.*). **T.A.**

⁹⁵ *Dei Magnalia.* (*Ibid.*, p. 20). **T.A.**

⁹⁶ *Pauperum humilitatem aliquociens exaltar.* (*Id.*). **T.A.**

de nome Siemowit⁹⁷. Tudo isso ocorre, segundo Galo Anônimo, num instante em que o ducado da Polônia não era ainda tão grande e poderoso.

Siemowit é o abençoado filho do camponês, que se desenvolve em todas as suas habilidades até avançar ao cargo de duque, como está escrito na crônica: “Cresceu em idade e força, e sua excelência aumentou dia a dia, até que o rei dos reis e o duque dos duques harmoniosamente o fez duque da Polônia, e ele libertou de uma vez por todas o reino de todos os Pumpils”⁹⁸. O grupo anterior é expulso para terras distantes onde sofre uma morte horrível, devorado por uma horda de ratos. Os Pumpils não merecem ser contados em detalhes para o autor, que, em seguida da narração do final “vergonhoso” do duque, comenta: “Deixe-nos passar sobre essa história dos feitos dos homens manchados por erros e idolatrias, perdida a memória no esquecimento das épocas, e contemos de volta sobre aqueles dos quais as memórias foram preservadas na fé”⁹⁹.

O Piaste que inaugura a posição de autoridade no texto de Galo Anônimo tem características necessárias à legitimidade latina de seu momento. Mesmo sendo da época pagã, ele tem o mito fundador de sua família acontecendo em paralelo à sua apresentação à comunidade. Podemos ver nisso uma artimanha do autor para colocar a Divina Providência aparecendo antes do batizado histórico dos polanos. Seu destino traça um perfil diferente do de seus antecessores, pois os Pumpils tinham o erro da idolatria, mas Siemowit não o tem, mesmo sendo tão pagão quanto Pumpil. A cristandade flui nas veias piastes junto com as virtudes, utilizando uma frase idêntica à que aparecerá nas páginas seguintes: “Siemowit tornando-se príncipe não perdeu sua juventude nos prazeres, mas por seus esforços ganhou tanto fama marcial e a glória da honra”¹⁰⁰. Sendo o primeiro descendente após o milagre da “revelação de seu destino”, fazendo dele o Piaste que inicia a expansão do reino, assim, uma ação mais recente, que foi a expansão do século X, é monumentalizada na

⁹⁷ Alekanser Brückner aponta que seu significado pode ser “a Cabeça da Família”. **N do A.**

⁹⁸ *Hiis itaque peractis puer Semouith Filius Pazt Chossistconis viribus et etate crevit et die in diem in augmentum proficere probitatis incepit, eotenus quod rex regnum et dux ducum eum Polonie ducem concorditer ordinavit et regno Pumpils sobole radicitus extirpavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.22). Segundo o professor Paul Knoll, o significado de “concorditer”, é proveniente de uma origem que faz esta palavra ser uma marca de temporalidade do texto, pois é utilizada em obras para demonstrar ascensão divina de figuras – como no caso Siemowit –, sendo uma palavra comum em textos religiosos do século XII. **N do A.**

⁹⁹ *Sed istorum gesta, quorum memoriam oblivio vetustatis abolevit et quos error et ydolatria defedavit, memorare negligamus et ad ea recitanda, que Fidelis recordatio.* (*Ibid.*, p. 24). **T.A.**

¹⁰⁰ *Semouith vero principatum adeptus non voluptuose vel inepte iuventutem suam exercuit, sed usu laboris et militie probitatis famam et honoris gloriam acquisivit.* (*Id.*). **T.A.**

crônica, como uma situação mais antiga, legitimando a situação de “donos” dos territórios conquistados nos períodos posteriores. A Divina Providência é, para Galo Anônimo, a distribuidora dos direitos, graças a ela Siemowit torna-se o novo guarda das obrigações dos duques. Leszke e Siemomysl¹⁰¹ terão suas qualidades iguais e idênticas às de Siemowit, sendo que o segundo foi um importante membro por expandir a memória de seus antecessores tanto na nobreza quanto na dignidade. Todas essas qualidades inseridas no passado são exemplos da montagem de um ideal de herança e continuidade dos Piastes sobre os eslavos polanos e sobre os grupos conquistados mais tarde pela diplomacia e pelas armas.

Termina o autor o período da “*dark age*” dos Polanos, quando passa da mágica da chegada de Deus para um período histórico: o momento de Mieszko I, o qual será um personagem em quem o monge construirá uma aura de magia envolva em símbolos, como por exemplo, ao descrever o jovem rei como sendo uma pessoa que vai ficar cega por sete anos até que em um banquete volta a enxergar. Aqui a voz dotada de autoridade aparece mais uma vez para mostrar que algo era especial naquela família. A volta da visão do garoto após um número de anos tão simbólico para o cristianismo ocorre em uma noite de festa e é explicada pelo sábio como sendo um presságio, mais um dos inúmeros que circundam os antepassados de Bolesław III. O importante dessa passagem é que, depois de curado de sua cegueira, o menino cresce e se torna hábil nas capacidades nobres, um artifício que já vimos como sendo necessário para apresentar o personagem como uma figura a qual convença o leitor da diferença e importância do indivíduo em relação ao resto da sociedade. Passamos, então, para o ponto que nos interessa na análise dos trechos sobre Mieszko I. A cristianização aparece no capítulo intitulado “Como Mieszko tomou Dąbrówka como sua esposa”¹⁰². Nessa parte do texto, vemos, como sendo uma maneira de o autor introduzir a conversão dos Piastes, a figura da mulher devota que muda o hábito do personagem, o qual deixa de ter o costume de tomar sete esposas e desiste do paganismo, recebendo os sacramentos da fé. Como coloca:

Esta senhora vem à Polônia com um grande séquito de seguidores cristãos, tanto seculares quanto eclesiásticos. Mas ela não irá concordar com o casamento até o momento em que ele tome total cuidado com as

¹⁰¹ Ambos são reis com algumas aparições em outras fontes medievais. Com relação ao primeiro, seu nome tem o significado de “sábio” e o segundo de “aquele que pensa em sua família”. **N do A.**

¹⁰² *Quomodo Mesco recepit dobrowcam sibi in uxorem.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.28). **T.A.**

observações da cristandade e com as ordens religiosas feitas pela Igreja e coloque seus erros pagãos de lado, descansando no colo da mãe igreja.¹⁰³

A chegada do cristianismo de Galo Anônimo esquece os missionários imperiais e passa a dar credibilidade à conversão realizada pela “mulher santa”¹⁰⁴. O rei, que será o primeiro a receber a “graça do batismo”¹⁰⁵, tem a função de gerar um filho dentro de um casamento envolto ainda na magia da conversão. A predestinação em Galo Anônimo é aquela válvula de escape dos Piastes; toda a montagem ao redor da ligação da família com Deus retira, em parte, a subordinação dos membros a outros poderes que também possuem essa conotação de ascendência do poder. A apologia de Anônimo passa pela utilização da comparação: Imperador e rei piaste são comparados em vários momentos do primeiro livro. A menção à superioridade do poder imperial, apesar de conhecida, é deixada de lado, pois coloca-se, simbolicamente, o Imperador dizendo que o rei dos polanos tinha maravilhas que ele nunca tinha sido levado a imaginar, firmando um discurso que usa o imperador como uma baliza da montagem dos reis polanos como elementos semelhantes ao poder laico mais importante. O acordo da Divina Providência faz dos Piastes reis latinos da cristandade, mas não os prende a nenhum outro poder temporal cristão. O tempo de ouro sucede aos imemoriais, Mieszko e Bolesław surgem aos contemporâneos para criar o reino cristão, que será maculado pelos erros dos descendentes antes de Bolesław III.

Durante o reinado dos dois personagens mais ilustres da crônica, Mieszko I e Bolesław I, os dois têm essa posição de destaque por serem aqueles que realizaram atos concretos para a dinastia, por meio de feitos militares, os quais são devidamente ilustrados pelo autor. Montando a argumentação da ascendência do poder, produz, assim, uma apologia cronológica que começa a entrar no sentido de “História”, passando dos tempos míticos à concretude dos feitos de homens que devem ser lembrados e respeitados por seus descendentes. Passaremos a analisar a descrição da vida desses dois membros da primeira monarquia polana, para vermos a maneira como o rei cristão vai se desenvolvendo até o seu ápice, que seria a transformação da crônica de uma “narração” para uma “narrativa”.

¹⁰³ *Illa domina cum magno seculari et ecclesias religionis apparat Poloniam introivit necdum tamen thoro sese maritali fedreravit, donec ille paulatim consuetudinem christianitatis et religionem ecclesiastici ordinis diligenter contemplant, errorem gentilium abnegavit, seque gremio matris ecclesie conuivit. (Ibid., p.30). T.A.*

¹⁰⁴ *Benedicta femina. (Id.). T.A.*

¹⁰⁵ *Baptismi gratiam pervenit. (Id.). T.A.*

3.3 A figura de Santo Adalberto

Santo Adalberto¹⁰⁶ faz parte da própria criação do rei piaste e os motivos disso estão na situação em que o martírio do bispo de Praga acontece. O patrono do reino piaste tinha o nome de Adalberto de Magdeburgo, monge beneditino que teve sua formação em Wessenburgo. Tinha esse religioso uma proximidade com o imperador Otão III, ao que indica Czajkowski. Primeiramente, vamos retomar alguns pontos sobre a situação que cerca a transformação desse missionário de origem Bohemia em uma peça chave na edificação do reino polano.

Após a morte de Mieszko I, ocorre um ressurgimento das antigas divisões tribais. Até por isso, podemos ver que Galo Anônimo dá tanta ênfase à situação de Bolesław I, filho de Mieszko, de ser alguém gerado por uma mulher santa. Há também a ênfase dada às suas virtudes, as quais iluminariam toda a Polônia, evitando que esse momento de perda – pelo fato de a morte do último líder elevado pela comunidade tribal por meio de aclamação ter colocado a sociedade polana em uma encruzilhada – afetasse a confiança nos Piastes. A hereditariedade era algo que parecia agradar ao corpo interno dos Piastes, mas não era algo facilmente aceito por outros grupos, que teriam uma relação mais ligada à pessoa de Mieszko do que a uma idéia de clã ou família monárquica. Estes grupos superiores começavam naquele momento a ter mais afinidade com o poder monárquico do que com seus antigos grupos de *Wieć*. Galo Anônimo comenta, em uma passagem do livro primeiro, os feitos do jovem Bolesław, que em pouco tempo expandirá, como seu antecessor, o seu poder, como diz o texto: “Não foi ele que conquistou a Morávia e a Bohemia e venceu colocando o ducado de Praga, definindo-o com seu sufrágio?”¹⁰⁷. O autor coloca essa passagem para lembrar que Bolesław conquistou a Bohemia por volta do ano 1002, destituindo Boleslav III, o ruivo. Porém, em 1004, após a recusa do Piaste de homenagear o Imperador pela Bohemia, os Polanos são expulsos. Bolesław apoiava o príncipe de Libice, da dinastia dos Slavnikovic, o qual era rival dos Premyslids, família que representava a autoridade na Bohemia. Santo Adalberto pertencia à família a qual os Piastes tinham como aliados desde as batalhas contras as Obodritas em 994, campanha que serviu para alertar ao Império dos riscos que os Polanos poderiam trazer para a idéia de serem os eslavos

¹⁰⁶ Também conhecido como Wojciech, bispo de Praga e depois Kraków. **N do A.**

¹⁰⁷ *Nunquid non ipse Morauiam et Bohemiam subugavit obtinuit, suisque eam suffraganeis depuravit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.31). **T.A.**

apenas mais uma parte do Império. Vale lembrar que o rei era soberano não somente das terras polanas, mas era também responsável pelo território da Bohemia.

A expulsão dos Slavnikovic para o reino Polano fez ocorrer a aproximação dos Piastes à figura de Santo Adalberto, o qual retorna a Praga mesmo depois dos conflitos ocorridos com sua família. Não consegue, porém, permanecer muito tempo em sua diocese por conta de conflitos e em 995 o futuro santo passa a viver em Roma. Em sua estadia na cidade passa a entrar em contato com Otão III, então jovem Imperador do ano mil¹⁰⁸. A historiografia polonesa apresenta a vida de Santo Adalberto como a de um homem de alta posição na hierarquia eclesiástica e de grande influência na região eslava. Adalberto parece ter conseguido uma grande proximidade com o Imperador e o que ocasionou este interesse foi a posição do imperador de tentar parecer um monge, algo que Otão III cunhou durante sua vida. Sabemos que o Imperador teve grande ligação com o mundo eslavo, pois suas ações nesses territórios são bem descritas pelas fontes. A afinidade com Adalberto pode ter sido fomentada pelo interesse do Imperador em trazer aqueles grupos humanos da Europa Central para perto de sua guarda, tanto que Santo Adalberto será conhecido como padroeiro dos eslavos, por conta de sua menção nas fontes locais.

O importante não são tanto os motivos da aproximação dessas duas figuras, mas sim como isso transformou a imagem desse bispo em uma figura de grande notoriedade no círculo local. Sabemos que, após um tempo junto das autoridades imperiais e papais, Adalberto retorna à Polônia. Esse fato é retratado por Galo Anônimo em uma passagem em que também aproveita para atacar a família que governava a Bohemia, pois esta era contrária aos Piastes. Assim, ele define a Bohemia como uma terra de “rebeldes”, “traidores”, “víboras”, que somente fingiam ser cristãos, para depois trair os verdadeiros seguidores da fé.¹⁰⁹ Essa idéia da Bohemia como um lugar inóspito para os cristãos, ou melhor, para o futuro Santo, elevava a terra dos polanos e denegria os seus vizinhos, aliados do Império. Isso servia para preparar o texto que mostra Bolesław I, o qual recebeu o futuro santo, mencionando antes que é o rei que cria as igrejas e bispados naquela terra, não o Império. A terra eslava que o Santo escolhe, em contrário à sua própria, tem um rei que construiu a Igreja por ter esse ideal em seu sangue. Citamos o trecho para comprovar a maneira pela qual o monge mostra que o rei é fundador das igrejas e aparatos eclesiásticos e que Adalberto tinha contato direto com o piaste:

¹⁰⁸ MANTEUFFEL, T. **Op. cit.** p. 58.

¹⁰⁹ GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.33-37.

Há, então, de listar pelo nome suas vitórias e triunfos sobre as terras dos pagãos, povos sobre os quais alguém pode dizer, pois sobre seus pés esmagou¹¹⁰? Enquanto Selência, Pomerânia e Prússia persistindo na sua perfídia, ou os combateu, ou os converteu à sua fé, de fato estabeleceu ele pelo papa muitas igrejas e bispados nessas terras, ou antes do papa estabelecer elas por ele. Sobretudo, quando Santo Adalberto vem até ele em sua longa peregrinação, após sofrer muitas indignações pelos seu povo rebelde Bohemio, Bolesław recebe-o com grande veneração e presta muita atenção às suas instruções e a seus sermões. Então, mais uma vez, vendo que a fé tinha começado a florescer na Polônia e a Santa Igreja está crescendo, o santo mártir, aceso com o fogo do zelo pelas orações, sem medo entrou na Prússia; e lá encontrou-se com o martírio e consumou sua divina empresa¹¹¹.

A força de um rei evangelizador é um dos traços de Bolesław I. Além do guerreiro, o rei cristão ganha linhas que demonstram suas qualidades práticas. Pela espada ele honra a fé e realiza a construção de Igrejas e bispados; sumindo, assim, com a referência às Igrejas criadas por outras instituições que não fossem a monarquia piaste. Os últimos momentos do mártir são apresentados para suscitar no leitor a ligação do rei com a pessoa do futuro Santo, além de enobrecer a figura do rei, que tinha a chance de ouvir e aprender com uma pessoa que cativava até o Imperador. Mas, o rei piaste escutou e aprendeu com Santo Adalberto num momento especial de sua vida: Bolesław aprende com alguém que estava prestes a chegar ao martírio. Podemos pensar que nem o Imperador teve esse privilégio de ter ouvido sermões de alguém “prestes a consumir sua empresa”¹¹². O autor faz o Santo dos eslavos admitir que pela regência de Bolesław I a fé cristã tinha se desenvolvido e a Santa Igreja crescia na região. Este crescimento estava vinculado à dinastia por meio da idéia de que os Piastes tinham promulgado essa expansão. O acordo com a divina Providência dos tempos imemoriais mais uma vez ganha atualização. Se os anjos de Cristo na noite da tosa tinham confirmado a importância dos Piastes para a comunidade cristã, agora o mártir confirma mais uma vez que na dinastia dos polanos se encontra o guardião da fé e o mantenedor da cristandade local.

¹¹⁰ Cf. Dan. 7:14.

¹¹¹ *Quid igitur est necesse victorias et triumphos de gentibus incredulis nominatim recitasse, quas constate um quasi sub pedibus conculcasse. Ipse namque Selenciam, Pomoraniam et Prusiam usque adeo vel in perfidia persistentes contrivit, vel conversas in fides solidvit, quod ecclesias ibi multas et episcopos per apostolicum, ymmo aposolicus per eum ordinavit. Ipse etiam beatum Adalbertum in longa peregrinatione et a sua rebelli gente Bohemenica suscepit eiusque predicacionibus fedeliter et institutionibus obedivit. Sanctus martir igne Karitatis et zelo, predicacionis accensus, ur aliquantulum iam in Polonia fidem pululasse et sanctum ecclesiam excrevisse conspexit, interpidus Prusiam intravit, ibique martirio suum agonem consumavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.32). **T.A.**

¹¹² *Id.*

A vida de Santo Adalberto ajuda a construir a posição dos Piastes de vigia da civilização cristã, mas é na morte do santo que o poder laico ganha mais vantagens. Galo Anônimo não deixa de lado esse momento importante para o surgimento da monarquia dentro da comunidade polana. Após a morte de Adalberto, Bolesław realiza uma missão de resgate ao corpo do mártir e a custo de muito ouro recupera e sepulta o corpo do bispo em Gniezno¹¹³. Uma carta é redigida a Roma pedindo a construção de uma Igreja no local. O pedido é aceito e em 999 Gniezno ganha uma catedral e se torna a Sé da Igreja autônoma dos Polanos. Otão solicita a canonização de Adalberto e viaja até Gniezno para ver o corpo deste bispo que parecia ter sido um mentor para ele. Otão, na ocasião dessa visita, libera os polanos piastes de obrigações e rompe com os princípios do sistema germânico de tributo ou vassalagem das tribos eslavas¹¹⁴. Factualmente, a figura de Santo Adalberto traz em sua morte a brecha para a monarquia piaste ter mais autoridade em sua área. A reação do imperador após a morte de Adalberto foi a de construir uma capela em Aix-La-Chapelle, em Pereumn, em Subiaco, e nas colinas Sabinas em Roma. E Adalberto foi canonizado por Gregório V imediatamente após sua morte. A figura do Santo foi tão institucionalizada que João Canaparius foi convocado pelo Imperador a escrever a *Vita Sancti Adalberti*¹¹⁵. Por ter esse peso junto ao Império, a recuperação e manutenção do corpo do santo em solo polano foi um ato político importantíssimo para os Piastes.

Galo Anônimo continua sua narração sobre Santo Adalberto, mostrando esses fatos em sua perspectiva de apologia: “Após resgatar o corpo de junto dos Prussianos, a peso de ouro, Bolesław o coloca a descansar na Sé Metropolitana de Gniezno com as honras que ele merece. Algo que para mim tem validade a ser gravado”¹¹⁶. A recuperação do corpo do mártir é um evento que deve ser lembrado, pois com isto o autor grava na memória da comunidade que o rei é o guarda daquele corpo santo e foi por sua ação que uma relíquia importante estava agora em solo polano. A figura de Bolesław no momento da sagração e monumentalização do corpo de Santo Adalberto ganha ênfase, mostrando que os ganhos trazidos por aqueles eventos, na forma de honras ao solo da cristandade polana, foram

¹¹³ Gniezno é uma cidade considerada sagrada desde os tempos tribais. A guarda dela pelos Piastes tem a função de promover a monarquia. Por isso, fatos místicos ou eventos religiosos eram remontados a esta cidadela, daí sua escolha para o sepultamento. **N do A.**

¹¹⁴ Tal como o colocamos, com mais detalhes, na parte deste trabalho referente ao contexto. **N. do A.**

¹¹⁵ CZAJKOWSKI, A. F. The Congress of Gniezno in the year 1.000. **Speculum**. v. 24, n. 3 (Jul. 1949), p.343.

¹¹⁶ *Postea vero corpus ipsius ab ipsis Prusis Boleslauus auri pondere comparavit et in Gnezne metropoli condigno Honore collocavit. Illud quoque memorie commendandum estimamus.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.34). **T.A.**

concedidos pelo poder laico maior, mas que este o fez porque aquela terra tinha algo de superior ou, quem sabe, de igual a outras terras cristãs e latinas. Além da catedral, de um patrono e de uma Igreja como instituição, a visita do Imperador Otão III dará liberdades e vantagens aos Piastes. Santo Adalberto é uma figura chave para a monarquia eslava dos Polanos. Sua morte e vida representaram um ganho factual e um álibi teórico, pois na descrição da visita do Imperador ao santuário de Adalberto mais alguns pontos sobre a importância e atributos dos comitentes de Galo Anônimo são lembrados; utilizando, mais uma vez, a boca de uma autoridade que, como os Piastes, tinha a *Dei Gratia*. O personagem que dessa vez engrandece a dinastia é o próprio Imperador Romano Germânico.

O Imperador chega. E o monge faz questão de descrever a recepção, mostrando que a corte de Bolesław possui grande riqueza e que o Imperador Romano Germânico teve uma recepção repleta de objetos luxuosos e finos. O autor cria o mito de que o reino era um paraíso, rico em tesouros. Havia tanta glória, ouro e poder naquela corte que o Imperador teria dito: “Pela coroa de meu Império, as coisas que vejo são maiores do que os rumores me fizeram acreditar”¹¹⁷. Ele utiliza o espanto do Imperador para promover, além do rei, a corte daquele reino ainda obscuro para a Cristandade. Logo em seguida, mostra que a posição do rei polano é altamente nobre: “Tão grande homem não merece ser colocado com um duque ou listado como um simples duque, mas elevado ao trono real e adornado com o diadema da glória”¹¹⁸. O Imperador admite a condição superior de Bolesław; um símbolo importante, que coloca a monarquia polana em um nível de superioridade. Logo após estas sentenças, teria o Imperador colocado na cabeça de Bolesław o diadema. Assim, foi firmado um ato de fidelidade entre iguais e o braço de Santo Adalberto é trocado pela lança de Santo Maurício. A troca das relíquias mostra a condição de mesmo nível dos poderes, pois os dois tinham relíquias. Daquele momento em diante não se poderia esquecer que: “o imperador declarou-o seu irmão e parceiro no Império, chamou-o de amigo e aliado do povo romano”¹¹⁹. A solidificação do rei cristão passa pela formação dos símbolos próprios para esse tipo de sociedade. A canonização de Santo Adalberto foi agilizada pela necessidade de Bolesław I solidificar a posição de seu reino como sendo cristã. A transformação deste bispo em padroeiro dos polanos produz uma característica importante para diferenciar o seu reino dos demais eslavos, pois, tendo um Santo próprio e uma Igreja independente, os Piastes

¹¹⁷ *Per coronam imperii mei, maiora sunt que video, quam fama percepi. (Ibid., p.36). T.A.*

¹¹⁸ *Non est dignum tantum ac virtum talem sicut unum de principum ducem aut comitem nominari, sed in regale solium glorianter redimitum diademate sublimari. (Id.). T.A.*

¹¹⁹ *Quod imperator eum fratrem et cooperatorem imperii constituit, et populi Romani. (Id.). T.A.*

poderiam construir a sua própria comunidade. O ato de relembrar que o corpo do Santo estava na guarda de um membro daquela família que recebeu a Divina Providência estava atrelado à criação da figura dos Piastes como tendo uma natureza capaz de maravilhar o poder imperial. Santo Adalberto torna-se santo graças às ações dos Piastes. E a monarquia polana, por ter um Santo, consegue iniciar a formação de sua sociedade. Adalberto está envolto em lendas, mas sua morte é um dos elementos que possibilitaram a formação do reino dos Piastes.

Galo Anônimo recupera esse passado que faz parte da gênese do reino piaste, a futura Polônia – que os livros trarão como sendo *antemurale christianitatis* – a qual abraça sua posição de cristã para poder se defender. E, quando os grupos superiores veem que a condição de possuir uma comunidade cristã distinta era imprescindível para a manutenção de seus direitos e vantagens, aproveitam a conjuntura para obter a autonomia religiosa. Esta poderia ter sido esquecida caso a pena do monge não a tivesse recuperado e fomentado a imagem de seu comitente como rei cristão, além de relembrado a condição de superioridade terrena dada por Otão III aos Piastes. A apologia de Galo Anônimo mostra como os Piastes e a cristandade têm laços fortes de respeito, pois o corpo do padroeiro está sob a tutela monárquica. O guardião da fé arrebatou para si a fundação da Igreja e da tradição cristã. Os livros da *GpP* criam uma cronologia cristã própria para o reino. Iniciam com o passado remoto no qual o sopro de Deus aparece e demonstram como ele, pelas mãos dos herdeiros dessa revelação, vai construindo a cristandade até a definitiva aceitação da fé, a qual funda o reino da Época de Ouro que terá Bolesław I como seu rei. E a imagem da Polônia nesse momento começa a ser apresentada como um paraíso terrestre, onde todos tinham respeito à figura da instituição monárquica, que era o representante de uma instituição completa, a qual possuía a guarda espiritual e terrena da sociedade.

3.4 Do paraíso de Bolesław I ao renascimento da *Dei Gratia*

Entramos na parte da cronologia em que o autor firma o contrato do povo com o rei piaste, criando em sua história polana uma explicação para os anos de obscuridade e interregno que findaram com o surgimento de Bolesław III, o qual terá uma posição de herdeiro dos laços, tanto terrenos – com a comunidade –, quanto com a espiritualidade de seus antepassados. As passagens que se seguem à vida de Bolesław I apresentam um clímax no final do primeiro livro, em que parece haver um rompimento com os tempos de glória, com a narração sobre os reis que vão da substituição de Bolesław I até o pai de Bolesław III. Nesse período os Piastes tinham sofrido feridas no alicerce de sua figura de autoridade, o que é explicado como sendo um castigo causado pela falta de qualidades dos indivíduos, os quais não deixavam de ser pessoas especiais, mas não tinham a totalidade das qualidades que reaparecerão no livro terceiro. Este livro conta o nascimento do comitente do monge, que vem ao mundo em um momento de crise, quase numa metáfora da renovação do contrato de Deus com os Piastes. O salvador nasce no momento em que a crônica passa da “narração” para a “narrativa”. Passaremos a ver a maneira pela qual os Piastes chegam ao seu grande período, a “Época de Ouro”.

O reino paradisíaco dos Piastes é firmado quando Bolesław tem o controle dos territórios e das *Eclesias* locais, como cita o monge, a partir da ida do Imperador peregrino, o qual garantiu a ele e a seus sucessores:

Autoridade sobre qualquer honra eclesiástica junto ao Império em qualquer parte do reino da Polônia ou outro território o qual ele tenha conquistado ou possa conquistar entre os bárbaros, e um decreto sobre este acordo foi confirmado pelo Papa Silvestre¹²⁰ em um privilégio da Santa Igreja de Roma¹²¹.

O Império concedeu autoridade e direitos porque, como vimos, o rei não parece um rei aos olhos do Imperador, mas algo equivalente ao cargo do mesmo. A Santa Igreja é evocada para mostrar os laços legítimos que os Piastes tinham com essa Instituição, os

¹²⁰ Geberto de Aurillac, Papa Silvestre II (999-1003). **N do A.**

¹²¹ *Insuper etiam in ecclesiastic honoribus quicquid ad imperium pertinebat in regno Polonorum, vel in aliis superatis ab eo vel superandis regionibus barbarorum, sue suorumque sucessorum potestati concessit, cuius paccionis decretum papa Silvester sancter Romane ecclesie privilegios confirmavit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.38). **T.A.**

quais tiveram seu momento de criação exatamente com Bolesław. Por volta de 990, um *margrave* de nome Hodo utiliza o apoio dos Obridritas para invadir o território imperial em terras eslavas, Mieszko intercede e vence o *margrave*, ação que alerta o Império sobre os perigos que os polanos poderiam causar a sua hegemonia. Por conta disso, Mieszko é chamado para tomar juramento em Quedlinburg em 991. Logo em seguida, volta-se para outra instituição, a Igreja de Roma, à qual envia um tufo do cabelo de Bolesław ainda menino, pedindo ao papado a sua proteção¹²². Essa posição de proximidade à Igreja evidencia durante o texto a maneira de o autor manter viva a condição da guarda terrena das decisões espirituais dos Piastes. No próprio livro terceiro, Bolesław III responderá a Henrique IV dizendo que somente entregaria tropas e recursos para defender a Santa Igreja¹²³. A idéia de protetor e protegido de Roma foi importante nos tempos de seu antepassado e na contemporaneidade do autor e esse argumento continua existindo na figura do rei.

Após essas descrições, o autor coloca: “assim, Bolesław foi gloriosamente elevado ao reinado pelo imperador, que lhe deu um exemplo da nobreza inata dele, quando por três dias após sua coroação¹²⁴ celebrou um festim na forma apropriada a um rei ou imperador”¹²⁵. A festividade abre a nova configuração da corte, o banquete é repleto de elementos de luxo e fartura, indicativo da simbologia da riqueza, como ocorrido no primeiro livro. Após deleitar o leitor com as descrições da corte, as quais fizeram o Imperador achar que todos aqueles presentes e ornamentos eram um milagre¹²⁶, enfatiza que os príncipes vieram até aquela corte, entregaram presentes magníficos e passaram a ser amigos próximos. A troca de presentes encerra e aproximação dos príncipes polanos e inaugura o ideal do reino próspero e rico dos Piastes. O autor fecha o ato falando: “O Imperador

¹²² Lembra-nos essa ação em muito o ritual da tosa, em que um tufo de cabelo era entregue à comunidade. Um traço que reflete a cultura polana tribal presente em Mieszko I. O filho dele é apresentado não mais ao *Wieć*, mas à Cristandade. **N do A.**

¹²³ *Quosi bonitate, non ferocitate pecuniam vel milites in auxilium Romane ecclesie postulo lasses.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.228). **T.A.**

¹²⁴ Essa palavra é anotada pelo professor Paul Knoll como algo que não estaria de acordo com o contexto. Pois, teria Bolesław tomado o título de rei 25 anos depois. Temos a opinião de que o autor prefere transferir o momento para combinar a chegada do imperador com a simbologia da validação da figura do Santo com a congregação da catedral de Gniezno. Monta, assim, sua cronologia de forma a combiná-los para fazer um momento rico em grandes fatos. **N do A.**

¹²⁵ *Igitur Bolezlauus in regem ab imperatorer tam gloriose sublimatus inditam sibi liberalitatem exercuit, cum tribus sue coronacionis diebus convivium regalier et imperialiter celebravit.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.38). **T.A.**

¹²⁶ *Quod imperator tanta munera pro miraculo reputavit. (Id.). T.A.*

retornou para casa, deliciado com os presentes generosos. Bolesław, por sua vez, retornou às tarefas do reino e revive os confrontos com seus velhos e irados inimigos¹²⁷. Passa, assim, a descrever batalhas, as quais não comentaremos, pois a finalidade deste capítulo é a representação cristã da figura do rei. Por isso, passamos ao momento em que o autor promove a condição de o rei ser um construtor de igrejas e fundador de episcopados dentro dessa sociedade, a comunidade polana, na qual a espiritualidade oficial da Europa começa a ser distribuída. Pois, “Bolesław I era rei de poder militar, e não era inferior na virtude da obediência ao espiritual”¹²⁸. O senhor polano mantinha sua figura de cristão e rei, ou seja, construtor da cristandade e, conseqüentemente, construtor da sociedade, pois “promovia a Santa Igreja e honrava seus dons de cavaleiro”¹²⁹. A imagem piaste é presa como aquela a que a instituição eclesiástica deve sua fundação. Essa posição pode ser explicada pela situação que é observada por Piotr Górecki quando analisa a economia local entre os anos 1100-1250. Apesar da escassa documentação que cerca o reino polano em todos os níveis da sociedade¹³⁰, o pesquisador conseguiu trazer à tona a importância que as sedes eclesiásticas tinham no controle das áreas mais afastadas no início do século XIII, período em que a documentação torna-se mais volumosa. Górecki expõe que Mieszko III, o Velho, concede imunidades e vantagens aos mosteiros, os quais constituirão postos de jurisdição sobre os homens da terra. Essa situação que colocará o Abade ou Abadessa como um vigia junto com os Castelãos suscita o fato de que ocorreu a necessidade urgente de o rei polano ter a sua figura edificada de forma a ser respeitado por esses núcleos religiosos, fazendo-se participar de sua administração, o que estabiliza dessa forma sua posição de autoridade.

O papel de promulgador de Cristo faz parte desse “evangelho piaste”, em que o rei é o evangelizador mais importante. A descrição da luta contra os Ruthenios tem como álibi o fato de o rei estar transformando seus “vizinhos bárbaros” em membros da “verdadeira fé”, não sendo apenas uma tentativa de colocá-los sob o poder do rei para receber tributos. Passagens como esta fazem da guerra parte da função do “vigário de Cristo”, que não realiza essas incursões sobre seus antigos inimigos por motivos pessoais, mas por sua tarefa de zelador e divulgador da crença no Deus verdadeiro. O combate ao pagão é uma tarefa do rei, a qual serviu aos Piastes para conseguir tirar vantagens sobre seus vizinhos.

¹²⁷ *Bolezlauus vero egnans in hostes iram veterem renovati. (Ibid., p.40). T.A.*

¹²⁸ *Hec erat Boleslauus Regis magnificencia militares. Nec inferior ei erat virtus obediencie spiritualis. (Ibid., p.48). T.A.*

¹²⁹ *Sanctam ecclesia exaltabat, eamque donis regalibus adornabat. (Id.). T.A.*

¹³⁰ GÓRECKI, P. **Economy, Society and Lordship in Medieval Poland (1100-1250)**. Teaneck: Holes & Meier Publishes, 1992. p. 67.

Galo Anônimo produz a imagem dos vizinhos do rei de Bolesław III como bárbaros, algo interessante pelo fato de que a região toda deveria ser vista como uma terra distante e bárbara pelo ocidente tradicional. O próprio autor aponta, então, no prefácio ao terceiro livro, quando diz: “deveis classificar o reino da Polônia entre os incontáveis povos bárbaros”¹³¹. Para retirar a terra dos Polanos dessa generalização pejorativa do adjetivo “bárbaro”, o monge classifica os antigos rivais de fronteira para fortalecer a posição daquele território sob poder piaste como sendo um reino cristão que deve ser respeitado.

Bolesław I tem grande importância para Galo Anônimo para mostrar um período em que a cristandade é construída por sua espada e sabedoria, sendo o rei aquele que possuía atributos como o senso de justiça, a humildade e a fé, ou seja, um indivíduo que a comunidade não podia esquecer. Este, porém, será sucedido por um período de trevas, o qual findará somente com o nascimento, quase que divino, de Bolesław III. O canto da morte do rei é uma seqüência da narração que participa ao leitor a importância que os Piastes têm na história dos Polanos. A morte do rei serve primeiro como uma saída para o autor apontar que um aspirante a rei teria de parecer com Bolesław I, pois este conseguiu ter um desempenho extraordinário e construiu uma corte que abundava em guerreiros de alta qualidade, sendo, como enfatiza o monge, em número e qualidade muito além de outros reis. Porém, mesmo sendo um reino de grandes guerreiros, subsiste a condição de que o grupo não tem as qualidades para substituir o rei ou a dinastia, como coloca o monge: “Os sucessores de tão grande homem deveriam imitar suas virtudes, assim poderiam chegar aos níveis de glória e poder que ele teve”¹³². A crise que ocorreu logo em seguida ao falecimento do rei começava a se delinear na história do monge. Os indícios da ineficiência dos sucessores são colocados para demonstrar que os reis piastes tinham algum dom, que estava no sangue, mas que se perdeu com a morte do monarca, cuja glória aparecia como parte integrante de seu próprio ser, uma glória que somente poderia estar ali por ele:

Ser valoroso a ser lembrado; deixe seu valor ser contado e recordado, e imitado por aqueles depois dele. Não é por nada que Deus acumulou sobre ele graça sobre graça, não sem razão o colocou antes de muitos duques e reis, mas porque ele amava Deus em todas as coisas, acima de tudo, o amor por seu povo fluía dentro dele, como a afeição de um pai por seus filhos¹³³.

¹³¹ *Regnum Polonie procul dubio quibus libet incultis barbarorum nationibus addicatis.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.212). **T.A.**

¹³² *Quocirca talem ac tantum gloriam et potentiam sublimari.* (*Ibid.*, p.66). **T.A.**

¹³³ *Hec erat magni Boleszlai gloria memoranda, talis virtus recitetur posterorum memorie imitanda. Non enim in vacuum Deus illi gratiam super gratiam cumulavit, nec sic eum sine causa tot regibus ac ducibus antefecit, sed quia Deum in omnibus et super omnia diligebat et quoniam erga suos, sicut pater erga filios caritatis visceribus affluebat.* (*Id.*). **T.A.**

O rei protegia seu povo e cuidava, em especial, da comunidade, como diz Galo: “Pois todos, mas especialmente os arcebispos, bispos, abades, monges e clérigos, os quais ele venerava, e que nunca paravam de recomendá-lo a Deus em suas orações”¹³⁴. A instituição eclesiástica estava do lado do rei, “bem como seus duques, *comites* e outros grandes nobres que sempre desejavam e oravam para que ele sobrevivesse a tudo e sempre fosse vitorioso”¹³⁵. Todos são apresentados no capítulo como tendo essa ligação quase espiritual com o Piaste, ao referenciar a maneira como a coletividade converge no apoio a essa figura que parece ser quase uma “divindade”. Um homem que merece todos os votos espirituais por ter qualidades terrenas, as quais a comunidade necessitava, pois ele:

Quando compreendeu aquilo que tinha de fazer, pagar o débito que toda a carne deve, chamou à sua presença todos os seus príncipes e amigos de todas as partes, e deu instruções em particular sobre a maneira de governar e sobre as disposições do reino. E com a voz da profecia ele predisse que muitas aflições cairiam sobre eles depois de sua ida¹³⁶.

A utilização de uma voz de autoridade, como mostramos, é recorrente no texto, mas agora a autoridade é, pela primeira vez, um Piaste. O rei vira um equivalente do sábio, do Imperador ou do anjo, predizendo as desgraças das gerações futuras. A sua última ação é a do bom pai que instrui seus filhos quando descobre que irá passar para junto de Deus, que sempre o iluminou. Por saber de sua capacidade, pode passar informações, afinal, foi com Santo Adalberto que este personagem aprendeu várias qualidades. Por isso, pode dizer:

Oh, meus irmãos, a quem eu cuidei e nutri como uma mãe ao filho, só a mágoa que vejo à frente em minha grande angústia pode tornar-se algo bom para vocês, e aquele que acende o fogo da sedição não tem consideração para com Deus e os homens! Oh! Oh! Agora como através de um espelho negro eu vejo nossa linha de reis no exílio, vagando longe e implorando misericórdia daqueles muitos inimigos que eu havia colocado sob meus pés¹³⁷.

¹³⁴ *Unde cuncti, sed specialiter quos venerabatur archiepiscopi, episcopi, abbates, monachi, clerici, sedule eum suis precibus Domino commendabant. (Ibid., p.68). T.A.*

¹³⁵ *Duces vero, comites, alique procures hunc vuctorem, hunc sibi fore superstitem exoptabant. (Id.). T.A.*

¹³⁶ *Gloriosus itaque Bolezlauus felicem vitam laudabili fine concludens, cum sciret se debitum carnis universe completurum, tum omnibus suis ad se principibus et amicis undique eisque multas post se mala futura voce prophetic nuntiavit. (Id.). T.A.*

¹³⁷ *Heu, Heu, iam quase per speculum in enigmatem video regalem prosapiam exulantem et oberrantem et hostibus, quos sub pedibus conculcavi, misericorditer supplicantem. (Id.). T.A.*

Nessas sentenças os exílios de Bolesław II e as fraquezas de Władisław, que futuramente mancharão a história recente dos polanos, são colocados na sequência dos fatos que devem acontecer. O rei que pode ter visões é um artifício para trazer a posição de sobrenatural de volta ao círculo de qualidades dos governantes. Os infortúnios são história, mas uma história que deve ser mostrada como parte de uma profecia. O profeta é o rei, que vê ao longe “vindo de meu corpo como um rubi brilhante incrustado no cabo de minha espada, que faz toda a Polônia inflamar com sua luz”¹³⁸. As desgraças e as boas venturas são promovidas pelos Piastes. Os dois extremos vão acontecer para que o tempo corra em seu fluxo previsto. Reis fracos surgirão, mas do seu próprio sangue será gerado também o caminho que a “Polônia” deve encontrar. Passamos ao poema da morte do rei para podermos apresentar melhor a nossa proposta de análise da figura do rei cristão.

Venham homens, mulheres, de todas as idades, de todas as ordens, corram
[a mim;
Oh! Rei Bolesław está morto; venham fazer condolências comigo;
Venham e juntem-se a mim e lamentem, como tão grande homem pode
[morrer?
Ah Bolesław ! Ah Bolesław, Aonde foi toda a sua glória?
Todo o seu valor? Todo o seu esplendor? e todas as suas riquezas e forças?
Afligindo a mim, Polônia, há muito para nós lamentarmos.
Apóia-me, bom senhor, sustenta-me, porque eu posso desmoronar por esta
[aflição.
Viúva estou, lamentando com os meus cavaleiros, junte-se a mim, por favor,
Você, nosso distante e abandonado convidado, responde com sua voz de
[sofrimento!
Oh! Como é grande a dor e a tristeza que os bispos sentem nos corações;
Todos os duques perdem força, senso, raciocínio e descuidam-se por todos
[os cantos
Aflição! Oh, Aflição! Também para os Capelães, aflição para todos, em todas
[as terras.¹³⁹

Como os reis bíblicos, que eram sagrados, Bolesław I falece e as descrições de bonanças e campos verdes desaparecem para os versos mostrarem todos os grupos conhecidos da sociedade recebendo a passagem do rei desta vida para a eternidade como

¹³⁸ *Video etiam de longinquo de lumbi meis procedere quase carbunculum emicantem, qui gladii mei capulo connexus, suo splendore Poloniam totam efficit relucens. (Id.). T.A.*

¹³⁹ *Omnis etas, omnis sexus, omnis ordo currite,
Bolezlaui Regis funus condolentes cernite,
Atque mortem tanti viri simul mecum plangite.
Heu, Heu Bolezlaue, ubi tua gloria,
Ubi virtus, ubi decus, ubi rerum copia?
Satis restat ad plorandum, ve mihi Polonia.
Sustentate me cadentem pre dolore comites
Viduate mihi queso condolete milites,
Desolati responderete: heu nobis hospites!
Quantus dolor, quantus luctus erat pontificibus,
nullus vigor, nullus sensus, nula mens in ducibus. (Ibid., p. 70). T.A.*

sendo um momento em que a própria Polônia torna-se uma viúva. As ordens se vestem de luto, ninguém ousa beber ou festejar, as tabernas fecham. O povo perde seu pai e mentor, as ordens religiosas pedem pela alma do rei cristão. Tudo parece se tornar negro nos versos, que proclamam uma situação que pode ser vista como uma “desencarnação”, uma separação entre o corpo e aquela glória divina recebida no início do livro primeiro. A glória dos Piastes se perde. Perguntam os versos do poema onde ela está e também chamam todos os grupos a compartilhar da dor da terra. Parece existir nas palavras do autor uma metáfora do poder pairando sobre o reino. A glória piaste está, a partir do fim do rei, solta, guardando a terra dos polanos, mas esperando ser recapturada num futuro próximo.

Bolesław, oh nosso pai, você desistiu de nós agora, mas por quê?
 Por que, Oh Deus! Por que permite que tal homem como este deva morrer?
 Por que não nos dá logo uma única morte para todos, oh por quê?
 Toda a terra está agora desolada, viúva de seu nobre rei,
 Como uma casa feita nula e vazia quando seu dono está ausente,
 Todas as pessoas juntem-se comigo e gravem que este grande homem caiu:
 homens ricos, homens pobres, soldados, clérigos, camponeses.
 Povos latinos e eslavos que se encontram neste reino,
 E você que lê estes versos, gentil leitor, eu te peço, deixe seus ouvidos se
 comoverem, deixe suas lágrimas aparecerem novamente,
 É muito inumano se não chorar junto comigo.¹⁴⁰

O poder monárquico encerra sua presença plena no reino polano com o fim da vida de Bolesław I. A partir da morte do rei temos a apresentação da idéia de que a condição divina de rei estava perdida. Parece que um espírito cuida do reino daquele momento em diante, esperando ser capturado por algum indivíduo, que no caso seriam os Piastes. O rei cuidando das pessoas e do reino quase como um “anjo” é a imagem que a fonte passa dele a partir do fim da vida de Bolesław I. Ao passar o sofrimento de todas as ordens comuns ao período, Galo Anônimo apresenta sua concepção de rei. Um rei que tem uma ligação familiar com todos os membros sociais importantes. Conversando com o ouvinte, o autor convence sobre a função do rei junto ao reino. A noção de que o rei representa a “alma da terra” e é o “dono dessa casa” ajuda na montagem que o monge articula para colocar junto ao receptor a noção de que aquele rei piaste tem um contrato espiritual com a terra. E, por

¹⁴⁰ *Heu, heu Bolezlau, cur nos paters deseris,
 Deus talem virum umquam mori cur permiseris,
 Cur non prius unam simul mortem dederis
 Tota terra desolatur tali rege vidua
 Sicut suo possessore facta domus vacua,
 Tua morte lugens, merens, nuans et amigua
 Tanti viri funus mecum omnis homo recale,
 Dives, pauper, Miles, clerus, insuper agricole.
 Latinorum et Slauorum quotquot estis incole
 Et tu lector bone mentis, hec quicumque legeris,
 Queso moto pietae lacrimas effuderis. (Ibid., p. 72). T.A.*

isso, todos que ali estão lembraram a morte do rei e choraram, porque foi sob sua condução que aquela triste senhora Polônia foi edificada como reino. No reino que estava entrando, como diz em sua passagem: “A época de ouro foi sucedida pela de chumbo”¹⁴¹. Avançamos da morte de Bolesław I até o prólogo do terceiro livro para entrarmos na figura viva do comitente de Galo Anônimo.

Bolesław III é filho de Władysław. Como comentamos, seu pai assume o poder após seu irmão Bolesław II ser envolto em uma conspiração que o faz matar um bispo, ocasionando a fuga do rei para a Hungria, local onde morre. O pai de Bolesław III tem uma imagem muito debilitada por ter recuado nos ganhos realizados por seus antecessores. Władysław rompe com a tendência de aproximação dos Piastes com a reforma gregoriana e retorna a ter uma condição de dependência ao Império, o que não existia há muito tempo. Além de passar pela situação de não possuir um filho varão legítimo, sua esposa aproxima-se de paladinos, servindo também de “espiã” para seu sogro, o Imperador Henrique III. A Bohemia, durante o reinado de Władysław, estava prestes a receber o ducado polano sob sua guarda. A situação parecia ser o último suspiro dos Piastes, quando o rei tem dois filhos: um, com uma princesa da Bohemia; outro, com uma nobre da Pomerania. Logo após isso, casa-se com a filha de Henrique III, o que trouxe problemas para o rei. Este esconde seus filhos e coloca-os sob a guarda de pessoas que irão criá-los em territórios Imperiais distantes do reino. O fato é que, durante o combate contra Sieciech, um paladino que quase consegue retirar os Piastes da briga pela hegemonia local, Władysław inicia uma recuperação de sua posição de poder, contudo é a união de seus filhos que derrota a ameaça. Logo em seguida, os dois irmãos têm de lutar contra o próprio pai, que morre misteriosamente. A partir daí, os dois irmãos se dividem: Zbigniew aproxima-se do Império e Bolesław tenta manter a tradição de sua família. O texto passa a ser contemporâneo ao autor, Bolesław deve aparecer como elemento chave da cronologia polana, pois, como frisa o monge em um pequeno verso da apresentação do livro:

Seus e não meus são os méritos aqui contidos,
 Teste o ouro, não o ouvires que o trabalhou,
 Beba o vinho, não a taça que o comporta¹⁴²

Além de servir para passar ao ouvinte a idéia de humildade do monge, o texto define a meta da obra dali em diante: comentar os feitos dessa figura chave na história piaste.

¹⁴¹ *Etas aurea in plumeam est conversa. (Ibid., p. 68). T.A*

¹⁴² *Non mea sed vestra percipite
 Non fabrum sed aurum perpendite,
 Non vasa sed vinum bibite. (Ibid., p. 211). T.A.*

Como comentamos, seu nascimento ocorreu em um momento delicado para o reino. O autor não despreza essa situação, relembra em verso que o pai procurava ter um filho: "Um filho e herdeiro aos pais faltava"¹⁴³. Para pedir que um varão nascesse o rei manda um presente aos monges de St. Gilles e aqui temos um indício da procedência de Galo Anônimo. Um mensageiro leva uma estátua de ouro em forma de criança até as distantes terras da Provença¹⁴⁴. A imagem dos monges recebendo os presentes e iniciando as orações pela vinda do menino, além de reatar os laços com as instituições religiosas, que futuramente serão importantes para os Piastes, mostra que o nascimento não foi apenas algo normal, mas também um ato, como os demais que aconteceram com os Piastes, patrocinado pela ação divina. Nasce a criança pouco tempo depois de o mensageiro deixar os presentes ao monastério. "Como um legado eterno de Deus"¹⁴⁵ o menino vem salvar o reino que passava pela situação explicitada acima. Aproveitando até para enfatizar a missão de "salvador" do garoto, o monge questiona: "Judite era o nome de sua mãe (um sinal do destino?)"¹⁴⁶. Logo em seguida, menciona que foi Judite que salvou o povo de Israel cortando a garganta de Holofernes. É uma comparação com o rei salvador, que nasce pela oração das vozes legítimas, fazendo, assim, a Divina Providência retornar aos Piastes no texto. Aquele acordo feito em Siemowit continua vivo no corpo de Bolesław III. O *corpus mysticum*, que é absorvido pelos monarquistas, juristas e acadêmicos na Cristandade medieval como forma de criar realidades políticas concretas, tem seu aparecimento no pensamento de Galo Anônimo. Podemos com isso mostrar que não é somente com Barba-Ruiva em seu *Sacrum Imperium*, o qual remonta ao Direito Romano¹⁴⁷, que o poder laico torna-se religioso. Esta tendência parece ser fruto da própria prática política. Afinal, religiosos moldavam as discussões sobre os poderes. Seria equivocado não observar que a formação religiosa agiria na elaboração de seus discursos tanto sobre o poder laico como sacro. A sacralização de um rei sem o direito da unção foi um dos objetivos mais complexos que o autor realizou em seu texto. A unção era uma arma do poder régio, pois com ela os reis ficavam marcados por um sinal divino¹⁴⁸. A marca polana da divinização era borrifada de maneira a tornar intrínseca à família o ato da unção, sendo ela uma espécie de parte da predestinação ocorrida na história.

¹⁴³ *Relatum est parentibus successores carentibus. (Ibid., p. 07). T.A.*

¹⁴⁴ *Per terras, quae noverant pretereuntes Galliam perveneunt Prouinciam. (Ibid., p.09). T.A.*

¹⁴⁵ *Dux, sicut Deus voluit. (Id.). T.A.*

¹⁴⁶ *Genitrix Iudith nomine. Fatali forsitan omnie. (Ibid., p.07). T.A.*

¹⁴⁷ KANTOROWICZ, E. H. **Os dois corpos do rei**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.133.

¹⁴⁸ BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p.165.

Encerramos essa parte do trabalho ponderando que a figura do rei cristão fundamentou as bases teóricas da sociedade medieval, possibilitando aos polanos desenvolverem sua própria tradição monárquica. O poder ascendente que os Piastes recebem não somente os permite se apresentarem como os guardas da “civilização” polana cristã, mas também como os inventores de tudo que esteja ligado à idéia de uma comunidade latina. A Polônia é uma célula política moldada como tendo um traço fundamental a presença Piaste. O grande elemento de montagem das comunidades no medievo, pelo menos na Cristandade latina, foi a condição de cristão, que conseguia criar uma teoria de unidade – a Cristandade. Os territórios eslavos receberam a Cristandade, mas a formação de seus reinos dependeu da forma com que cada grupo deu a sua especificidade aos princípios novos trazidos pelos latinos. As figuras do rei são criadas por Galo Anônimo para moldá-lo espiritualmente e temporalmente em uma comunidade que se formava em bases latinas e cristãs. Numa sociedade que, como o rei, está se definindo como sujeito, o rei é reflexo da sociedade, mas ele também impõe a sua imagem a seus membros em processo simétrico de construção.

Os Piastes procuram o que a sociedade vê como necessária e tentam colocar nesse círculo a cultura de sua família como base, cabeça e guarda da comunidade em formação. Por isso, veremos um pouco das possibilidades de avaliação dessa sociedade polana em formação. A comunidade política nascente é nosso tema para o último capítulo de nossa dissertação. A História tinha suas bases na leitura dos livros bíblicos, pois não era uma arte liberal que poderia utilizar totalmente os clássicos greco-latinos para discutir suas bases. A leitura dos evangelhos históricos mostrava não somente o passado, mas também o presente e o futuro, adequando a história à teologia moral¹⁴⁹, fazendo assim do texto de história um *exemplum gratia* do passado, que constrói o futuro e mantém o presente. O livro de Galo Anônimo tentava criar uma história baseada nos livros bíblicos para tornar-se um instrumento da manutenção de um princípio histórico para os grupos que recebem esse texto no século XII. O ponto que deve permanecer na cronologia dos polanos é que a comunidade depende e deve honrar e obedecer aos Piastes.

¹⁴⁹ MURRAY, A. **Razón y sociedad en la Edad Media**. Madrid: Taurus, 1982. p.152.

4. A SOCIEDADE POLÍTICA

4.1 Para uma sociedade política polana

Iniciamos a última parte de nossa análise sobre a figura do rei, discutindo um ponto importante para a compreensão da política. Passamos a refletir sobre como se estrutura a Sociedade Política polana medieval. A obra de Galo Anônimo mostra em seus prefácios que a fonte tem receptor devidamente declarado. Isso nos ajuda a definir quem eram os elementos importantes do círculo social que envolvia os Piastes. Podemos observar que no texto de Galo Anônimo existem três tipos de receptor: o primeiro é o grupo de religiosos, que nesse momento histórico tem uma grande participação na teoria e construção política; o segundo seria a corte militar; e o terceiro os grupos estrangeiros à sociedade eslava. Todos estes tinham de ser acolhidos nas páginas de Galo Anônimo pela necessidade, ao que vemos, de aproximar as ordens ao círculo piaste. A monarquia, que ganha forma no reinado de Boleslaw III, tem uma ligação com a maneira de administração existente no Império Romano Germânico, pelo fato de que o reino polano era visto, pelo prisma imperial, como sendo um ducado. Este fato contribui para a análise dos traços da monarquia piaste. A condição imposta pelo Império Romano Germânico parece diminuir a posição do reino dos Piastes frente ao resto da Cristandade, mas é exatamente a concessão de importância, e não-hierárquica, dentro do Império que Galo Anônimo vai aproveitar. O fato de ser um poder validado pelo poder laico universal transforma a condição dos Piastes em uma posição privilegiada dentro desse sistema em formação, que era a sociedade política polana. Por mais que o Império fosse elaborado para ser universal, ele não podia estar próximo de todos os grupos. Percebemos a proximidade como um elemento que firma a autoridade legítima. Se o poder no medievo tem uma relação com a pessoalidade, é quase impossível não admitir que um poder local instituído por um poder quase mítico, como o do Imperador, poderia ser mais aglomerador do que um poder distante fisicamente.

O simples duque, para o Ocidente, poderia torna-se o poder local mais importante e, quem sabe, até com a vantagem de ser mais facilmente identificado e seguido do que um poder universal. A localidade é um fator que a história política deixou de lado por algum tempo devido a filosofias que procuravam o macro e o universal. Os olhos dos pesquisadores têm diminuído essa escala de procura desde finais do século XIX. O Império Romano Germânico é a fonte de transferência de modelos, mas estes dependem da maneira prática e concreta como o cotidiano os transforma em novos padrões. Os padrões

adotados no território de Bolesław III nos interessam pelo fato de o rei ser apresentado ao mesmo tempo como sendo guarda do místico e do jurídico, ou seja, as funções sociais estão atreladas em vários níveis à figura de um grupo. As funções citadas das figuras do rei como cristão e como guerreiro mostram que o Ocidente, o qual chega com o Império, cria padrões que deveriam existir nos Piastes. A base das atividades e da intelectualidade era o Império Romano Germânico. O momento de Bolesław, porém, não permitiu que fosse afrontado em demasia, pois era uma força política real, na qual existiram brechas para a monarquia utilizar a figura e os movimentos do Imperador em seu proveito, mostrando que a fama deste, quando ruim era explorada e quando boa, também. Sinal de que os indivíduos, membros de grupos superiores, tinham conhecimento do que ocorria distante de suas terras. Obras como as de Galo Anônimo faziam, porém, a notícia distante ganhar contornos locais. O “poder citadino” parece criar uma via importante no mundo eslavo para realizar o que as aristocracias fizeram em outros pontos da Cristandade. Para tornar-se nobreza, o grupo polano dos antigos habitantes da cidade de Czerwień, no caso eslavo, passa a tentar estruturar os clãs, os quais se transformavam em linhagens. Porém, como a função das linhagens ainda estava em aberto nesse século XII – ou seja, a posição de família real não tinha um dono propriamente dito –, a corrida pela posição máxima acabou sendo liderada pelos Piastes.

Os Piastes, que eram apenas um poder circunscrito nesse mundo citadino, utilizaram a cultura como instrumento político para conseguir formatar no pensamento latino as linhagens recém-criadas, atribuindo a si a função maior entre as linhagens das comunidades, que agora ultrapassavam as paliçadas das “opolis” eslavas. A comunidade política tem uma hierarquia, isto é, tem um elemento com preponderância dentro do sistema. A cabeça dessa hierarquia, na teoria de Galo Anônimo, eram os Piastes. A figura do germânico é explorada, dela se retira o que é necessário, transformando em atributos dos Piastes. Muito dessa prática, realizada por Galo Anônimo, cria uma aura, que é explorada por autores modernos, como M. Luzscienski¹⁵⁰, o qual procurou nessa ação contra o Império Romano Germânico uma aspiração de “nacionalidade” dos reis polanos. Não devemos julgar essa posição historiográfica, mas conversar com ela para conseguirmos montar um possível horizonte sobre o qual estavam assentadas as relações políticas no século XII, sem cairmos em anacronismos e trabalhando para mostrar como os atributos da *GpP* serão incorporados pelos discursos políticos no decorrer da história. Os Piastes são responsáveis pela criação de uma moral e de um aparato intelectual que os colocava no centro das decisões, direitos e obrigações da comunidade de duques. A idealização da unidade política

¹⁵⁰ Cf. LUZSCIENSKI, M. **Historia de Polonia**. Barcelona: Editora Serco, 1969.

para os Piastes ultrapassou o seu período. Um exemplo imediato é a transformação que mestre Wincenty Kadłubek¹⁵¹ faz das construções de Galo Anônimo. O bispo irá ligar as narrações “míticas” do monge a um passado Romano direto. As cidades polanas mais recentes e até as conquistadas muito tempo depois da época tribal como Gniezno, passam a ser fundadas por elementos clássicos, no caso da mencionada cidade essa fundação mítica teria se dado pelos Gracos. À medida que o tempo corria, os princípios feitos na crônica vão sendo transferidos de geração em geração, convertendo aquilo que deveria ser uma estratégia de cooptação de vantagens de um grupo em uma idéia principal de unidade política dos grupos dessa região da Europa Central. Isso é algo que os Piastes desenvolveram por ter uma organização mais sólida no momento da chegada do Ocidente e por conseguir obter os meios culturais de propagação de suas idéias, criando uma unidade importante que nos próximos séculos formará a base da organização da monarquia nacional. A “Polônia” nasce como um corpo teórico da unidade dos membros latinizados dos polanos em uma tentativa concreta de manter a hegemonia adquirida no século X pelos Piastes. A figura do germânico não era uma afirmação de identidade nacional, mas apenas um jogo político contemporâneo para convencer os grupos daquele momento da igualdade ou superioridade dos Piastes entre os duques locais.

¹⁵¹ WINCENTY KADŁUBEK. **Regnum et principium Poloniae**. trad. para o espanhol: Raúl Lavalle. Buenos Aires: Instituto de Estudios Grecolatinos Profº. F. Nóvoa, 2008.

4.2 A unidade política polana

O elemento que traz os instrumentos administrativos, econômicos e religiosos são os indivíduos que faziam parte do Império Romano Germânico, os quais a partir do século XI passam a migrar para o território polano. Por isso, observamos como a estrutura senhorial e feudal, que encontramos nos ducados germânicos, tem uma migração para dentro da comunidade. Chamada de direito germânico pela historiografia polonesa, esta forma de administração vai ser combatida pelos grupos, como o foi a monarquia hereditária¹⁵². As normas sociais que esse direito carregava parecem, num primeiro momento, ter batido de frente com o sistema tribal, mas os grupos começam a incorporá-lo lentamente e suas diretrizes acabam criando uma situação, denominada por Tadeuzs Manteuffel como sendo o período da lei de *seniorate* – elaborada por Kazmierz I por volta de 1058 –, a qual denominará as normas da suserania para os futuros Piastes. A feudalidade estava normatizada para os Piastes, a monarquia polana tentava criar em seu reino uma condição que podemos apontar como sendo uma “Monarquia Feudal”. O ponto a destacar é que, ao mesmo tempo em que se tenta firmar a monarquia, ela já começa em um contexto de debilidade do poder central em alguns pontos da Cristandade. A centralidade procurada pelos Piastes parecia quase deslocada de uma parte da Cristandade, que, em muitos locais, passava a se fragmentar em feudos.

Georges Duby aponta que, entre o ano mil e a metade do XII, encontra-se em decadência o poder dos condes, os quais passavam nesse período pelos mesmos males de que os poderes maiores sofriam¹⁵³. Bolesław III está exatamente dentro dessa conjuntura em que a feudalidade começa a ganhar suas linhas gerais. Os Piastes tentavam agregar em si mesmos as ordens medievais, evitando que se tornassem apenas mais um ducado entre os vários ducados daquele território. Os Piastes tinham vários rivais cujos nomes são conhecidos pela fonte de Galo Anônimo: Magnus¹⁵⁴, Skabimir¹⁵⁵ e a figuração da antítese dos Piastes, Sieciech¹⁵⁶. Eles são citados como sendo pessoas capazes, fortes e que, como

¹⁵² ARNOLD, S.; ŻYCHOWSKI, M. **Esbozo de Historia de Polonia**. Varsóvia: Ediciones “Polônia”, 1963. p.17.

¹⁵³ FOURQUIN, G. **Senhorio e feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 2000. p.66.

¹⁵⁴ GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p. 125, 207.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 173-5, 179, 217-9, 225, 263, 267.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 119, 123-7, 135, 141-51, 157.

o duque Pumpil no começo do primeiro livro da crônica, poderiam ter sido grandes pessoas, mas caíram nos vícios do desejo e da ganância. Essas figuras são o exemplo dos problemas internos que o autor deve resolver. A explicação total sobre suas origens e atributos antes do momento que levantassem contra o rei não são importantes, a sua meta é demonstrar como agem errado ao se precipitarem contra aqueles que seguram as virtudes e a cristandade nas mãos, servindo de exemplo para os demais. A feudalidade tem como um preceito conhecido a relação entre pessoas. Porém, por mais que exista a condição de iguais, os Piastes queriam o direito de sua condição de ter sido o primeiro braço do ocidente cristão na área. Por isso, a feudalidade, que chega junto com a monarquia, tenta ser uma feudalidade que restringe o suserano maior à casa do comitente da *GpP*. Todos são teorizados como tendo laços firmes com aquele que detém os laços com o divino e com as instituições importantes. A prática, como indicada na figura dos paladinos, não era a da unidade passada. Os grupos que tentam ter a condição semelhante aos Piastes, por algum motivo ainda perdido das fontes, não conseguem produzir meios para divulgar suas ideologias como Bolesław III.

A personificação do poder pedida pela feudalidade explica, como vimos, os motivos da exaltação da personalidade na fonte. Julgaríamos, em nosso tempo, a construção da figura do rei como uma ação “narcisista”, mas mergulhando no contexto, vemos que ela é atitude necessária para captar a coletividade. A valorização de Bolesław III e sua linhagem caminha junto com passagens que mostram sua importância e sua dedicação para com os seus próximos. Afinal, como coloca: “O rei ama seus duques, *comites* e príncipes como se estes fossem seus irmãos e seus filhos”¹⁵⁷. E, em batalha, aquele que o acompanha é capaz de, em uma emboscada que acaba em uma situação perigosa, dizer: “Não meu senhor, não retorne à batalha mais uma vez. Salve-se, salve a terra, monte em meu cavalo; é melhor que eu morra aqui do que você e a salvação da Polônia pereça”¹⁵⁸. Todo o discurso em torno do rei é uma imagem refletida dessa sociedade que começa a se estruturar. Para os Piastes continuarem a ser representantes dignos de serem seguidos, deveriam mesmo inventar uma sociedade em que sua figura fosse mais que a base, fosse a própria criadora da comunidade. Para canalizar um conjunto tão vasto como o da sociedade polana, foi preciso construir a voz de legitimidade que vimos nas figuras do rei. A pequena cristandade nascente do século XII vai sendo o foco de trabalho do autor. O trecho mencionado tem uma

¹⁵⁷ *Duces vero suosque comites ac principes acsi fratres vel filios diligebat. (Ibid., p.59). T.A*

¹⁵⁸ *Noli, inquit, domine, noli iterum prelium introire, parce tibi, parce patrie, equum ascende, eum, melius est hic me mori, quam te ipsum, Polonie salutem interire. (Ibid., p.178). T.A*

força simbólica, mas as palavras usadas têm uma eficiência prática interessante. A “Polônia”, palavra que evitamos mencionar no texto nos outros capítulos, aparece na frase do guerreiro. Esta palavra tem relação, em nossa perspectiva, não com um ideal de etnia ou nacionalidade, algo que futuramente representará, mas, no contexto do autor, este substantivo trabalha na conceitualização de uma unidade que dimensionamos como uma forma análoga à “*polis*”¹⁵⁹ dos gregos ou à “*civitas*”¹⁶⁰ romana. É uma unidade jurídica e cultural a qual tem mais um modelo a ser seguido, o da “Cristandade” latina, um modelo que é propagado por um grupo: no caso, os Piastes.

A Polônia de Galo Anônimo é mais que uma cidade, é a ligação entre conceitos agregadores, como o de cristandade, o de guerreiro e toda a forma de identificação de indivíduos com o que seria a comunidade real e plena. A “Polônia” é a comunidade, idealizada, guardada pelos Piastes. É uma célula cristã que é difundida nos textos do monge. A leitura da crônica era pelo autor recomendada em palácios e escolas. A sua função didática era a de propiciar a aproximação dos nobres para dentro da “Polônia”. Uma vez incutida a ligação com a ela, a provável idéia do grupo piaste era aproximar e firmar uma relação com o máximo possível de elementos importantes da região. Destacamos que dentro da proposta de Galo Anônimo, Bolesław III, como aparece no capítulo referido, é lembrado como a esperança da “Polônia”. O interessante é que Bolesław é esperança de algo do qual ele mesmo patrocina a formação. O sistema de cronologia ajudou a lançar a unidade política polana no passado, como vimos com relação à morte de Bolesław I. Ela se firma na História, funcionando como um agregador. Os nobres, os guerreiros, os cristãos, todos eram convidados a se imaginar parte desse conceito.

A vantagem dessa situação era que junto com todos os princípios vinha a homenagem aos Piastes e, por conseqüência, a Bolesław III, que, como rei vivo, deveria estar aguardando que está ideologia o apoiasse durante seu governo e fosse forte o suficiente para desenvolver junto aos eslavos da região um contrato para que seus

¹⁵⁹ Claude Mossé apresenta em seu *Dicionário da civilização grega* a palavra *pólis* como sendo um termo grego que representava algo além do sentido de território, sendo mais que um simples aglomerado urbano, era uma comunidade humana composta por cidadãos. Além disso, era composta por poderes autônomos que compartilhavam das mesmas instituições, mas tinham a singularidade no que tange às divindades e às leis que regiam o corpo social. Cf. MOSSÉ, C. **Dicionário da civilização grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 240-241.

¹⁶⁰ Outro termo que transpassa o ideal de uma simples maneira de organizar uma cidade. O núcleo do sistema romano de civilização também se estruturou nessas células, que foram imitadas e espalhadas. Cada uma delas possuía as instituições que eram legítimas para considerar-se parte do aparato Romano. Sobre esse sistema e suas instituições cf. BLOCH, L. **Instituciones Romanas**. Barcelona-Buenos Aires: Editorial Labor, 1930.

descendentes conseguissem manter a hegemonia sobre os grupos no futuro. A crônica efetiva o que outros parecem não ter conseguido: incorporar a sua figura ao ambiente cultural e político que envolvia os demais grupos superiores. Por causa disso, os paladinos, os quais citamos, acabam sendo conhecidos mais pela visão de Galo Anônimo, que possui uma situação, ao que sabemos, privilegiada. Pois, além de poder edificar uma monarquia em todos os sentidos, o autor está imerso em uma sociedade que não tem suas bases totalmente organizadas, fazendo, assim, de sua figura um verdadeiro “fundador” da teoria do reino e do rei para os Polanos. Os vários banquetes de que o rei participa em lugares distantes, os convites para consagrar Igrejas e realizar casamentos são exemplos da montagem de sua figura como algo importante para os demais. As festas estão ligadas com campanhas de fronteira, sendo sua figura o organizador desses banquetes em várias cidades¹⁶¹. As cerimônias importantes tinham sua participação. A narração dos banquetes e a proximidade do rei com seus pares denotam uma condição ritualística de personalidade, algo bem necessário em uma relação tradicional de feudalidade. Zbigniew Dalewski apresenta a obra de Galo Anônimo como um texto político que em sua ritualística trabalhou na hierarquização da sociedade.

No caso, o autor mostra como a simbologia das cerimônias que envolveram Bolesław III e seu irmão Zbigniew trabalhou na legitimação da retirada de Zbigniew da corrida pela posição mais alta no sistema social. Mostrando os rituais de vassalagem do irmão de Bolesław a ele, o monge demonstraria que os dois estavam juridicamente em acordo, mas o irmão do comitente do monge teria traído o juramento, não somente uma, mas duas vezes, e logo depois que rompe o contrato com Bolesław, este, mesmo traído, por ser virtuoso, refaz um acordo com o irmão. A segunda traição, porém, não é perdoada, Zbigniew é cegado e morre aprisionado. Essa morte custou muito para o rei polano. Por isso, o autor relembra que Zbigniew não era digno de ter poder e cometeu atos terríveis: como o de falso juramento¹⁶². Até a crise após a morte do irmão recebe uma simbologia interessante. Bolesław aparece arrependido e faz uma penitência que lembra muito a penitência que outros imperadores e reis já haviam feito para pagar seus erros. Vestido de farrapos e distribuindo valores, Bolesław teria andado descalço por estradas lamacentas até a Catedral de Gniezno, mostrando que sua situação perante Deus e o Homem estava quitada. Mesmo o irmão tendo problemas, a morte dele era algo vexatório. A imagem do assassino do irmão

¹⁶¹ *Solebat quoque Magnus Boleslauus in finibus regionis ab hostibus conservandis multociens occupatus, suis villicis ac vicedominis, quid de indumentis in festis annualibus preparatis, quidve de cibis et potibus in singulis civitatibus fieret interrogantibus.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.64). **T.A.**

¹⁶² DALEWSKI, Z. **Rytuał i polityka**. Październik: Instytut Historii PAN, 2005. p 47.

é substituída pela do rei pio; sacrificado e renovado, mais uma vez, por sua ligação com as forças maiores de Deus. Porém, uma montagem simbólica como esta tinha a pretensão de livrar o rei não da ira de Deus, mas da ira dos homens que tinham laços com o seu irmão.

A legitimação da morte também está atrelada à relação pessoal, pois Zbigniew tinha aliados no território. Por esse motivo, a ação contra ele é uma ação realizada com muito peso nos ombros, não sendo uma vingança, afinal as virtudes faziam parte da personalidade do rei e este não poderia cometer algo nesse sentido, mas somente a justiça, que mesmo para seu irmão, não poderia ser diferente. A pessoalidade é utilizada por Galo Anônimo quando usa frases que relembram a proximidade do rei com os grupos mais importantes. Um exemplo que podemos colocar são as frases indicando que aqueles que lutam são seus companheiros e aprenderam junto com ele a lutar. No capítulo intitulado “sobre a audácia e a providência de Bolesław”¹⁶³, diz o rei:

Ó meus jovens, sou grato por suas qualidades! Vocês que aprenderam na guerra comigo, e que comigo conheceram as privações. Sem medo, agüentaram firme, e na iminência deste dia de alegria, pelo dia de hoje, que é o dia em que iremos ser coroados com a honra do triunfo¹⁶⁴.

Convidar os outros a participar é recorrente no texto, como vimos no poema da “morte do rei” o convite a juntar-se àquele que tem no sangue a condição de defensor de todos. A proteção militar é ímpar na relação pessoal polana. Como vimos, a figura do guerreiro tem muito a relação divina da proteção. Como diz a voz do monge: “Ele é o verdadeiro pai de nossa terra, nosso defensor, nosso senhor – não destrói o dinheiro dos outros, mas é um rei honesto que distribui os ganhos da comunidade”¹⁶⁵. Defender e administrar de forma virtuosa aproxima os reis piastes da comunidade, dando ao espírito medieval da proteção do guerreiro um lugar importante dentro da sociedade polana. Afinal, vimos que o guerreiro também defende o seu próximo, proteção que é realizada perante uma reciprocidade de obrigações.

Tudo lembra o coletivo para direcionar os grupos à figura dos pretendentes ao reino, usando como canal a própria história dos polanos, a qual é, para Galo Anônimo, praticamente sinônimo do nome dos Piastes. Como mencionamos, a posição de rei estava

¹⁶³ *Capitulum de audacia Boleslay et Providentia*. (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.261). T.A

¹⁶⁴ *O iuventus inclita moribus et natura, mecum semper erudita bello, mecum assueta labore; securi sustinete, pariter expectate leti diem hodiernum, quis vos triumphali coronabit honore. (Id.). T.A*

¹⁶⁵ *Hic est vere pater patrie, hic defensor, hic est dominus, non aliene pecunie dissipator, sed honestus rei public dispensator*. (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.64). T.A

em aberto no sistema da sociedade latinizada dos polanos. A feudalidade que aparece nos textos historiográficos é vista como um fenômeno posterior a Bolesław III¹⁶⁶. O testamento do rei polano tem sido interpretado como uma carta que “criou” o momento da fragmentação do poder na metade do século XII. Porém, observando que o reinado de Bolesław foi uma tentativa de criar o mínimo de sociedade, além de inaugurar a escrita culta oficial¹⁶⁷, o período de regência de nosso personagem é ímpar para a solidificação das ligações entre os grupos nobres e reais que no século XIII formará a monarquia nacional. Essa posição fez parecer que o rei Bolesław foi responsável por dismantelar os “Poloneses”¹⁶⁸. Nosso trabalho não tenta redimir o rei polano, pois não devemos de forma alguma julgar. Entretanto, gostaríamos de acrescentar que, segundo nossas leituras, a teoria de Galo Anônimo não mantém o reino unido, pois este se desmancha em 1138. Porém, o que se rompe, não é mais um agrupamento tribal, mas uma proto-monarquia e não um clã, mas uma dinastia que tem História e argumentos jurídicos pertinentes ao contexto medieval europeu. A teoria de reino sob a jurisdição piaste é vista como sendo fraca no período anterior ao século XII, mas levantamos a questão de que ela não era fraca, estava apenas em situação de construção.

O sistema ducal que organiza os eslavos polanos foi discutido por muito tempo, pelo fato de existir a relutância dos pesquisadores em admitir que a feudalidade, ou melhor, a inexistência de uma “nação medieval” dos poloneses, era algo concreto, isto é, o poder central não era algo que existia desde os primórdios do reino. Pois, como vimos, os Piastes eram apenas senhores de uma unidade simples de território. A historiografia tradicional refutou toda a idéia de dar características de feudalidade à sociedade polonesa da Idade Média¹⁶⁹. Mas, para refletirmos sobre isso, retornemos aos tempos de Kazimierz I, momento em que a lei de *seniorate* é idealizada como medida estratégica do rei para manter seus aliados próximos a ele. O rei, por criar essa regra de fragmentação de poder, tem atribuído à sua figura certa ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que é considerado como o rei que “restaura” o reino em pouco tempo da “grande calamidade” do século XI, é também conhecido por ter feito uma ação tão contrária à manutenção do poder central de sua própria dinastia. A colocação que podemos apresentar é a de que o rei Kazimierz parece perder

¹⁶⁶ ARNOLD, S.; ZYCHOWSKI, M. **Op. cit.** p.20.

¹⁶⁷ DIMSZEWSKI, B. **An Outline History of Polish Culture**. Varsóvia: Interpress, 1983. p.45.

¹⁶⁸ Cf. MALECZYNSKI, K. **Bolesław III Krzywousty**. Wrocław: Ossolineum, 1975. Nessa biografia histórica podemos observar esse sentimento de que Bolesław teria perdido o reino. **N do A.**

¹⁶⁹ MODZELEWSKI, K. Le système du ius ducale en Pologne et le concept de féodalisme. **Annales**, Paris, n. 1, ano 37, p.164-185, jan./fev. 1982. p. 164.

autoridade, mas também podemos afirmar que com sua lei de *seniorate* ele consegue um ganho estrutural para os Piastes. A divisão do poder nesse reinado foi, na verdade, a remodelação da divisão do poder já existente nas áreas polanas tribais – uma remodelação que conseguiu colocar os Piastes no papel principal do cenário de apropriação da feudalidade dessa parte da Europa Central. A herança que o “Restaurador” deixa não é o reino refeito, pois este não existia, mas sim as bases para que os seus descendentes pudessem cada vez mais conseguir incutir na comunidade de nobres a sua importância. Isso não os transformou em soberanos em um virar de ampolheta, mas iniciou um processo que terá na figura de Galo Anônimo o primeiro representante da idealização culta das funções sociais dos Piastes. Essa função teve continuação com mestre Wincenty, mas retornemos ao pensamento de Galo Anônimo.

4.3 O Pensamento de Galo Anônimo

Entender um autor passa pelo processo de identificação de suas condições pessoais, sem necessariamente se ater ao que poderíamos denominar de análise psicológica, pois tal especulação para o período que trabalhamos é algo passível de equívocos. Por isso, veremos a parte pessoal de Galo Anônimo no sentido de estabelecer suas prováveis ligações com o mundo intelectual que lhe possibilitou moldar uma teoria de governo e de organização social dentro das especificidades e debilidades que sua situação apresentava. A região em que inicia seus trabalhos é um local relativamente desconhecido e fora das linhas tradicionais da confecção de obras da mesma espécie da tratada em nossa pesquisa. Inserido em um contexto de formação monástica, ao que indica o texto e a historiografia polonesa, sua procedência é a do mosteiro de Saint-Gilles na Provença¹⁷⁰. A sua influência de pensamento não pode ser desarticulada das maneiras com que se deu seu estudo, dentro de um sistema desenvolvido sob a luz do pensamento monástico. Os mosteiros suprimiram as cortes européias de homens que possuíam a capacidade de construir artesanalmente objetos de luxo valiosos para os grupos interessados em definir sua posição dentro das comunidades. O Renascimento carolíngio foi um passo no processo de formação do instrumental intelectual do ocidente medieval¹⁷¹. Essa instrumentalização dependeu em muito dos grupos de clérigos que traziam às cortes um objeto de luxo que ia além das sedas e tapeçarias: eram os textos que passam a servir como ferramentas de aumento do prestígio e como maneiras de instruir e de realizar a administração dos domínios régios.

Esse eco do ocidente tradicional passa às cortes eslavas, que, como as cortes “bárbaras” dos séculos VI e VII, recebiam os homens da *Ecclesia* em suas comunidades para que estes ajudassem na adaptação de seus grupos às mudanças que a desagregação

¹⁷⁰ A devoção ao nome St. Gilles aparece já na introdução do livro, mas é no capítulo trinta do primeiro livro que o autor explica porque deveria se mandar para lá as preces para que Waldyslaw obtivesse o filho varão. Citamos o trecho: “*Ad hec presul: Est, Inquit, quidam in Gallie finibus contra austrum iuxta Massiliam, ubi Rodanus intrate mare, terra prouincia et sanctus Egidius nominatur, qui tanti meriti apud Deum existit, quod omnis, qui in eo devotionem suam ponit et memoriam eius agit, si quid ab eo petierit, indubitanter obtinebit*”. (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.104). Traduzimos da seguinte maneira essa passagem: “Existe um santo no sul da França, próximo a Marselha, onde o Reno entra no mar, em terra denominada de Provença, seu nome é Santo Egidio (St. Gilles), e foi fundado com tanto mérito por Deus que aqueles que demonstrarem sua devoção a ele e o lembrarem, irão sem dúvida obter aquilo que procuram”. **N do A.**

¹⁷¹ LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. p. 167.

do Império Romano Ocidental trouxe em seu tempo. As condições do mundo polano não são as mesmas do ocidente do V ou do VII, mas os instrumentos intelectuais para aproximar o grupo tribal dos padrões aceitáveis no Ocidente são os mesmos e os monges serão no mundo eslavo os mentores intelectuais das monarquias. O monge que escreve a fonte de nossa análise tem sua formação provavelmente dentro de um círculo intelectual que observava as crises entre o Papado e os poderes imperiais. Isso contribuiu para a capacidade de entender a diferença entre os poderes e com isso conseguir argumentar favoravelmente ao lado que acolhesse de forma sustentável seu trabalho. Cluny, ao que indica, era a ordem com que Galo Anônimo deveria ter uma ligação mais próxima por causa de sua procedência. As ordens monásticas promoveram uma “*translation cultural*” de dentro de suas escolas para o restante das sociedades européias, a produção e o ensino de conhecimentos é um “ramo” que os monges seguirão. A capacidade de usar tanto o conhecimento clássico quanto a observação dos costumes locais nos mostra que Galo Anônimo tinha uma formação de missionário. Os eslavos, que atualmente chamamos de eslavos latinizados, receberam indivíduos que coletavam dados e contavam a história dessas terras, como Cosmas de Praga ou Magister Anônimos, os quais confeccionaram crônicas na Europa Central, trabalhando na procura da origem e virtude dos “povos”, destacando também a monarquia de seus comitentes. Porém, a idéia de uma história dos povos, tal como foi elaborada na *Gesta Hungarorum* e na *Chronica Bohemorum*, da autoria dos acima citados respectivamente, não apresenta um eco no texto de Galo Anônimo. O autor não liga como eles à história dos povos polanos. Estes são definidos como representados pelos Piastes, não tendo ligação com nenhum momento universal da história. O autor, como vimos nos capítulos sobre a figura do rei, faz uma construção própria, dando a concepção dos Polanos, como a concepção do povo bíblico, que é escolhido por Deus para representá-lo. O poder natural faz dos Piastes os genitores da sociedade. Este pensamento faz de Galo Anônimo um elemento singular na historiografia eslava.

A idéia de uma família como a gênese talvez tenha sido concebida por uma tentativa do autor de espelhar o mundo polano como sendo uma paráfrase dos livros bíblicos. Ao invés de citar os livros propriamente ditos, Galo anônimo utiliza elementos e frases que são parte dos livros que deseja suscitar no leitor. A qualidade de ser um reino em construção influenciou a sua decisão de optar por uma montagem que parece ser altamente controversa para o que existia naquele meio: abordar a história polana como uma história que seguia os passos dos membros da família de Bolesław III. Esse objetivo do autor demonstra que a multiplicidade de poderes menores que o território sob a proteção dos Piastes apresentava fazia com que o autor procurasse ficar em uma distância segura da mitologia local e dos caminhos “universais” do Império Romano Germânico e contar a

mesma história que os livros sagrados do Velho Testamento, sem citá-los em totalidade, mas colocando as expressões corretas nos momentos certos. A condição de grupo escolhido que deveria ser o guia de uma comunidade é o fio condutor da vida histórica dos Piastes, que deveria lembrar a Bíblia. Havia pessoas que eram eleitas por Deus para guiar suas comunidades no decorrer de sua peregrinação hereditária como guardas do contrato com Deus. Estes indivíduos vão se tornando cabeças de instituições mais sólidas, transformando-se, ao final, em soberanos divinos. O álibi da soberania que a família possuía era o de ser o conector das tribos com a Cristandade. A família, por isso, é concebida com uma entidade que passa, no pensamento do autor, por um estado de predestinação semelhante àquele que ligou os descendentes dos patriarcas ao Deus do Antigo Testamento. O Deus verdadeiro que já espreitava a região dos polanos se manifesta pelos anjos que anunciaram o futuro do clã nos tempos pagãos. Um futuro ligado ao Deus e não a poderes terrenos envolve a obra. Em sua cabeça, o autor tinha a proposta de um poder local que tivesse a idéia de salvamento, algo que foi meticulosamente arranjado nos capítulos do texto.

Temos nos períodos do texto uma seqüência que prova o conhecimento das escrituras por parte do monge. O início de seu texto apresenta a iluminação dos Piastes, utilizando uma estrutura narrativa que lembra o livro do Gênesis, na parte que traz o início do tratado de Deus com Abraão. Neste livro, anjos de Javé aparecem na tenda de Abraão e este os recebe como hóspedes da maneira mais acolhedora possível, oferecendo tudo de melhor a eles, os quais profetizam o futuro da linhagem de Abrão¹⁷². Depois, firma o contrato com a Igreja Cristã através do batismo obtido pela devoção da esposa de Mieszko I, como na epístola aos Coríntios, em que Paulo coloca que a mulher santifica o marido não-cristão e, o mais importante, santifica os filhos da união como cristãos¹⁷³, fazendo daquele momento o da santificação dos escolhidos pelos anjos, que passam, assim, à condição de família dentro dos princípios e realidades latinas cristãs da futura Europa. A época de ouro dos Reis em um reino mítico, possuidor de um rei que, além de próximo de Deus, era um juiz justo como Samuel e também Saul, que tinha realeza no sangue, graças a Javé que o havia abençoado com esse dom¹⁷⁴. Todavia, pelas tentações o reino se divide, como no livro dos reis, que narra a divisão em dois reinos do povo de Israel¹⁷⁵. Os dois livros mostram

¹⁷² Gen. 18:1-15.

¹⁷³ 1 Cor. 7:14.

¹⁷⁴ 1 Sam. 9:1-27; 10:1-8

¹⁷⁵ 1 Rs. 12:1-24

como, por causa dos desvios, todos acabam subjugados. Mas, por estar guardado pelo espírito da aliança piaste com o Divino, o reino se recupera na figura de Bolesław III, que pode representar o “Novo Testamento” desse reino. Galo Anônimo constrói uma “História Universal” para os povos subjugados pelos Piastes, a qual é destinada aos grupos eslavos que estavam no raio de ação de seu comitente.

A regionalização pode ser uma universalização quando tem o sentido de conjugar os grupos em volta de uma ideologia. Os Piastes montavam uma forma de universalidade para convencer os demais duques de sua preponderância naquelas terras, seja no que se refere ao direito, seja no que compete ao religioso. A procura pelo Império universal passou pela construção de símbolos, direitos e tradições que fossem assimilados pelos cristãos de forma a persuadir os grupos de que tal indivíduo tinha a condição de ser o guia da cristandade nos espaços territoriais conhecidos da Europa Central. A abrangência que o poder Imperial alcançava é maior pelo fato concreto de o Império Romano Germânico ter uma rede diplomática e uma tradição política e histórica maior do que as monárquicas regionais. O poder piaste era desconhecido de muitas partes da Cristandade, sua teoria de existência era determinada e direcionada para o interior de seu grupo, que era uma cristandade distante da esfera diplomática direta de muitos reinos da Europa latina tradicional. A formação da comunidade era, como mencionamos, o alvo dos textos da *GpP*. No raciocínio do autor, a comunidade deveria ter seus laços firmados com aqueles que estavam próximos e presentes nos momentos em que a sociedade precisou.

Por ser dotado de uma educação sobre o ofício da escrita, Galo Anônimo habilmente valoriza o elemento local retirando de sua obra até mesmo o peso da condição de sua pessoa de ser um forasteiro. A não divulgação de seu nome entra em uma tópica da retórica, que associada à falsa modéstia, produz o desvencilhamento do autor de algo que pudesse pesar na aceitação de sua obra. Estes dois artifícios da tópica são conhecidos dos escritos clássicos ciceronianos¹⁷⁶. Cria-se essa aura de doação com o que o texto tem o propósito de desviar o pensamento de que aquilo é a reconstituição idealizada de um passado, um texto encomendado como se fosse apenas um produto mundano. O plano discursivo começa com a colocação da suas limitações, como Tácito o faz em seu *Agrícola*, para valorizar seu trabalho¹⁷⁷. Pede o monge que sua linguagem e a falta de sua eloquência “fossem perdoados pelo leitor, pois afinal um assunto tão profundo, não faria dele apenas

¹⁷⁶ CURTIUS, E. **Op. cit.** p. 126.

¹⁷⁷ *Id.*

um pobre garoto de poucos dons”¹⁷⁸. A metáfora pela qual ele compara seu trabalho à missão de um pequeno barco em uma tempestade, além de demonstrar humildade, liga a obra aos grupos que a patrocinavam, colocando que ele era um marinheiro navegando em águas turbulentas e sua embarcação era algo frágil e que graças aos arcebispos e bispos, que eram seus instrumentos de navegação, conseguiu realizar a tarefa tão honrosa e complexa de escrever sobre os feitos dos reis polanos¹⁷⁹. A produção do texto é atribuída também aos grupos eclesiásticos locais por meio dessas palavras que iniciam os livros, mostrando que o “pobre estilo” do escritor foi ajudado pelos veneráveis membros eclesiásticos, os quais em sua maioria faziam parte das famílias antigas que estavam naquelas terras no início da cristianização. Isso era um meio interessante de promulgar o poder religioso próximo de Bolesław III e a saída para montar o álibi sobre os motivos de sua estadia na região. Em uma expressão que lembra muito a idéia beneditina de trabalho e oração, o monge comenta: “não comerei o pão polonês em vão”¹⁸⁰. A idéia de trabalho digno é introduzida junto com a explicação de que aquele texto não era visto pelo autor como uma jornada que ele fez para valorizar seu pobre espírito ou exaltar sua terra natal ou mesmo sua parentagem¹⁸¹. Tudo era válido para demonstrar que a redação do texto não era uma maneira de adquirir proficiência na língua, mas realizar a atividade que os reis polanos mereciam, que era a de serem imortalizados na História do Mundo. As sentenças que encerram o primeiro livro mostram essa situação:

Caridosos Pais, por meio deste modesto trabalho em honra a sua terra e a seus príncipes, que está escrito na maneira pueril de meu pobre estilo, pode sua mente cheia de autoridade e benevolência aceitá-la e comentá-la. Que o todo poderoso Deus possa graças a vocês incrementar todas as coisas temporais e eternas¹⁸².

¹⁷⁸ *Sed cur mutus fari nititur de fecundi, vel ingenii puer parvi cur implicat se tam profundis. Parcat tamen ignorantie, parcant et benevolentie.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.112). **T.A.**

¹⁷⁹ *Ni vestra auctoritate suffultus, patres pretitulati, vestraque opitulatione fretus fierem, meis viribus in vanum tanti ponderis onus subirem et cum fragili lembo periculose tantam equoris immensitatem introirem. Sed nauta poterit in navicula residens per undas sevientis freti navigare, qui nauclerum habet peritum, quis scit eam certam ventorum et syderum moderamine gubernare.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.02). **T.A.**

¹⁸⁰ *Et ne frustra panem Polonie manducare.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.210). **T.A.**

¹⁸¹ *Primus omnium vos scire volo fratres karissimi, quia tantum opus non ideo cepi, ut per hoc fimbrias mee pusillanimitatis dilatarem, Nec ut patriam vel parentes meo exul apud vos et peregrinus exaltarem, sed ut me quase ceteris preferendo, vel quase facundiorum in sermone referendo, hunc laborem suscepi; sed ut otium evitarem et dictandi consuetudinem conservarem [...]. (Id.).*

¹⁸² *Igitur opusculum, almi patres, stilo nostre pusillanimitatis, ad laudem principum et patrie vestre pueriliter exaratum suscipiat et commender excellens auctoritas et benivolentia vestre mentis, quatenus Deus omnipotens bonorum temporalium et eternorum vos amplificet incrementis.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.114). **T.A.**

Um trabalho inspirado por Deus, mas que possui inimigos, os quais o autor provoca ao dizer no final do segundo livro: “Caso meu trabalho for julgado pelas pessoas de sabedoria como algo bom e útil à honra desta terra, e sem valor e sem cabimento caso certas deliberações pessoais pensem que o ourives deveria ser privado do preço de seu trabalho”¹⁸³. Simon Tópik discutiu a situação de Galo Anônimo no que se refere aos ganhos com o seu trabalho. Ao que indica, ele recebeu uma *merces* em troca da confecção da *GpP*¹⁸⁴. As indicações de ter oponentes demonstram que a situação do autor é a de um elemento forasteiro inserido num conflito de grupos e o texto deve ter representado ameaça a uma parte dos membros da comunidade. Assim, temos passagens que mostram Galo Anônimo falando de inimigos e provavelmente sua situação foi bem instável, já que, como sabemos, seu texto não foi concluído. Observamos que a introdução das passagens que mencionam o filho de Bolesław III, o capítulo XL do segundo livro, diz: “Contudo, ao mesmo tempo em que goza do triunfo da vitória, outra grande alegria surge quando um filho nasce da linha real. Mas vamos deixar o menino crescer e ganhar as virtudes e as boas atitudes, e que seu pai baste a nos manter no tema que começamos”¹⁸⁵. Isto aponta para que a obra tivesse uma extensão maior, mas não foi concluída, por motivos ainda obscuros para a historiografia. A idéia da crônica, sendo primeiramente uma História que tinha feito um passado e revelava o presente piaste, teria a meta de incorporar um “espelho de príncipe” ao texto, de maneira a colocar os sucessores do rei em acordo com o que era proposto por Galo Anônimo. O nascimento de Wladysław II em 1105 é introduzido para mostrar que a linhagem teria continuidade, preparando o leitor para a provável ascensão desse personagem no lugar de Bolesław.

Conectar grupos germânicos, latinos, eslavos latinizados, eslavos ainda tribais e duques que tinham uma mentalidade muito distante da idéia de monarquia; estar entre a disputa de paladinos que deveriam ser respeitados e anulados, essa é a massa de objetivos que Galo Anônimo teve de versar dentro de seu texto para satisfazer uma sociedade que ainda não apresentava laços sólidos com o Ocidente e que faz da *GpP* um exemplo da

¹⁸³ *Nam si bonum et utile meum opus honori patrie a sapientibus judicatur, indignum est et inconueniens, si consilio quorundam artifici merces operis auferatur.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.216). **T.A.**

¹⁸⁴ Cf. nota 1 da página 216 da edição da fonte.

¹⁸⁵ *Sed cum isto Gaudio de Victoria triumphali exortum est maius gaudium orto filio preogenie de regali. Puer autem eate crescat, probitate proficiat, probis moribus augeantur, de patrie autem nobis sufficat, si cepta materia teneatur.* (GALLUS, Anonymus. **Op. cit.** p.193). **T.A.**

maneira pela qual os grupos sociais utilizavam a cultura para modelar os princípios políticos dos grupos circunscritos em sua área. A discussão política é uma ação que visa criar ordenação dentro das comunidades. Porém, vários discursos são criados nos hábitos sociais, era preciso, pois, organizar um que se tornasse eficiente e também sincronizado com o ambiente intelectual, o que é uma tarefa árdua, mas o monge ensaia uma teoria para apaziguar sua comunidade, trazendo-lhe dois valores importantes para a estabilidade política do reino polano. O tempo e a História são confeccionados para ligar todos aos Piastes e os Piastes a toda a comunidade. Esses dois elementos foram elaborados pelo monge dentro de uma perspectiva cristã. Etienne Gilson nos fala da maneira por que o tempo e a história eram interpretados pelos homens de saber:

Sabemos que o cristianismo havia fixado na Idade Média o fim do homem além dos limites da vida presente; ao mesmo tempo, havia afirmado que um Deus criador não deixa nada de fora de seus desígnios da sua providência; precisava, pois admitir também que tudo, na vida dos indivíduos como na vida das sociedades de que eles fazem parte, devia necessariamente se ordenar com vistas a esse fim supraterrrestre. Ora, a primeira condição para que tal ornamento se estabeleça é que haja um desenrolar regado dos acontecimentos no tempo¹⁸⁶.

O tempo polano é concebido também como algo divino, afinal seu autor tem uma formação religiosa que o colocava em posição de não poder escapar dessa realidade de forma alguma. A ordenação é dada por Deus, o qual define o papel dos Piastes no tempo. O tempo polano era um tempo em aberto para seus contemporâneos pelo fato de que o passado ainda não tinha sido exposto de forma sólida na comunidade; ainda não existia uma tradição monárquica, nem um reino e muito menos uma História condizente com o pensar medieval. Galo Anônimo tem o privilégio de poder estabelecer esse tempo que ainda não estava preenchido, dando às descrições de batalhas, cartas oficiais e poemas mais que uma simples preservação diplomática, mas uma monumentalização que serviria de argumento para os reis. O monge apresentou teorias de unidade que conseguiram ter laços firmes nas gerações que sucederam Bolesław III. A crônica, que é uma montagem de preceitos distantes dos eslavos, ganha tanta força nos séculos seguintes que vai ser considerada um documento legal¹⁸⁷. Destacamos que não somente a parte legal, mas o próprio conhecimento sobre o reino tem muito a merecer a tentativa de nosso autor de solidificar o espaço político que o recebia. Passagens da crônica são em vários casos os únicos vestígios de fatos políticos da região, como a doação de Mieszko I ao Papa, que não tem mais o registro material no atual estado do Vaticano, mas está registrada na crônica.

¹⁸⁶ GILSON, E. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.447.

¹⁸⁷ GÓRECKI, P. **Op. cit.** p.125.

Documentos importantes dessa época tiveram em Galo Anônimo seu último leitor antes de desaparecerem para sempre.

Encerramos este capítulo colocando que a situação dos Polanos como reino é um processo que não pode ser visto de maneira simplória, como existe em trabalhos que colocam a unidade política polana surgindo apenas da conversão de Mieszko I. Podemos colocar que a conversão poderia até ter se perdido junto com os documentos eslavos mais antigos se este relato não tivesse uma importância no momento de Galo Anônimo. A expansão de Bolesław I também é um evento importante para a construção do discurso sobre o reino no texto do monge. Todas as crises foram aproveitadas para refinar a cronologia, dando um sentido real ao trabalho. A restauração de Kazimierz, como vimos, não foi uma restauração, mas uma junção entre os ganhos dos primeiros reis e a possibilidade de conseguir aproximar-se pela organização do direito às antigas tribos. Galo Anônimo é parte dessa escalada na formação da comunidade política dos Polanos. Seu texto também não é o marco da unidade política, porém uma refinação intelectual da conversão de Mieszko I, uma afirmação dos direitos ganhos nas batalhas de Bolesław I, uma organização dos princípios feudais realizados por Kazimierz. E ainda, um texto político-cultural que foi aproveitado por Kazimierz II, o qual espelhara o sistema desenvolvido por Bolesław III para firmar a sua sociedade por meio do objeto cultural que teve ressonância também na estruturação de todo aparato jurídico, cultural e político no qual se transforma a futura monarquia nacional polonesa.

O medievo eslavo dos polanos tem sido nosso alvo de estudo por ser um momento fascinante por apresentar o processo histórico que uma sociedade molda, não somente, em seus princípios religiosos ou políticos, mas como um exemplo da transformação dos homens no tempo e espaço concretos. A batalha dos Piastes para continuar tendo representatividade transformou aquele grupo tribal em criadores das bases políticas, sociais, culturais, religiosas e históricas. Todos esses conceitos nasceram pelo caminhar dos indivíduos e de suas necessidades imediatas, não sendo especulações filosóficas etéreas, mas uma combinação das necessidades, das ideologias e dos recursos intelectuais das pessoas envolvidas na organização do reino polano, sob o reinado de Bolesław III, entre os anos 1112-1116.

5. REFLEXÕES FINAIS

Como observamos, a obra de Galo Anônimo traz a montagem do rei dentro dos aspectos mais importantes para a sociedade de seu momento. A corte dos polanos ainda não estava plenamente desenvolvida, porém já funcionava como outras cortes cristãs, que eram círculos, como em outras cortes medievais, nos quais existia um aparato de exaltação do príncipe¹⁸⁸. A questão maior não era exaltar o príncipe, mas sim, qual príncipe exaltar. Essa necessidade está muito bem suprida em sua construção teórica nas páginas vistas da *GpP*. Todas as figuras que visitamos ao longo do texto mostram similitudes com tendências da época de Bolesław III. Porém, o que essas representações do rei trazem de peculiar em relação às suas matrizes cristãs? É exatamente o fato de serem as alegorias que celebram a introdução da ideologia medieval cristã latina em terras que eram antes ocupadas por um pensamento local, o qual denominaremos de pagão, mas tendo a total consciência de que o pagão também não era um sistema universal. A passagem do medieval para o moderno é uma tema conhecido dos historiadores. O caso que apontamos neste trabalho é a possibilidade de demonstrar que existe nas áreas eslavas o fenômeno da passagem do eslavo para o medieval cristão. Juntamente, a temática de como a monarquia se torna Estado Moderno é algo a que temos acesso facilitado nos meios acadêmicos.

A obra de Galo Anônimo nos adverte sobre a existência de locais em que a monarquia é a novidade, pois não é a época que define a existência de algo, temos de levar em consideração que a monarquia poderia ter chegado lá durante os séculos XIII, XIV. O que temos de observar é a situação individual da comunidade que produz os traços materiais que coletamos. Polanos não eram medievais porque estavam no século XII, mas o eram porque começam a praticar as formas de pensamento vindas dos elementos trazidos pelos grupos com que tinham de conviver a partir do século X. Eram um grupo que não se deslocou geograficamente para dentro de outro sistema, como os germânicos, mas foram apresentados ao medieval por força da conjuntura dos imperadores, os quais realizavam a ação de expandir-se para manter seu sonho de representar um Império Romano anacrônico. Comunidades que se desenvolveram em épocas imemoriais recebiam os princípios que regeram em período passado as estruturas político-culturais da *pólis* e da *civitas*, fazendo, como em outras sociedades medievais, uma transposição de suas “formas de vida”, tendo

¹⁸⁸ VERGER, J. **Cultura, ensino e sociedade no ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001. p. 163

limites certos de aplicação para cada uma dessas comunidades¹⁸⁹. O caso polano vai usar todos os dispositivos capazes de criar a comunidade ao redor dos Piastes.

Acreditamos que são estes encontros das práticas das comunidades em situações de mudança, os ourives das novas atitudes praticadas pelos grupos. Lembramos a importância que tem o encontro de sociedades, ou melhor, de sua cultura intelectual, para a construção das formas culturais que mais tarde serão consideradas como nossa cultura moderna. Para isso recordamos Arnaldo Momigliano, que estudou o surgimento da historiografia. O autor observa como as historiografias de persas, gregos e judeus acabam se encontrando por motivos de convívio e não por um esforço ideológico de algum “universalista”. A montagem da linguagem historiográfica ocidental foi retirada de cada uma dessas tradições para montar uma base da futura tradição historiográfica que utilizamos agora. A *construção histórica* passa por essa interação, que ocorre de forma espontânea e também por meios planejados. Como os gregos, os persas e os judeus, fizeram a futura maneira de o historiador agir.¹⁹⁰ Os polanos e os germânicos cristãos latinos acabam tendo de conviver e por isso vão construindo a sua sociedade, a qual é em muito a visão daqueles que a registram de alguma forma. Como vimos o reino polano sofreu com vários paladinos, mas nenhum deles conseguiu manter sua figura viva, pois, além de perderem no campo de batalha, perderam no campo da história e intelectualidade para Bolesław III, o qual também conseguiu firmar seus antepassados que não puderam desenvolver sua própria tradição, pois ainda estavam envoltos nos mecanismos eslavos tribais que não contemplavam as estruturas que faziam dos textos armas atemporais de sobrevivência dos direitos recebidos durante os anos de migração do cristianismo para aquelas terras.

A condução do texto mostra como foi necessário trazer os elementos externos mais distantes para dentro dos grupos polanos. A função por excelência do rei é, para muitos, a do rei que combate, mas isso é algo que não diferenciaria Bolesław de seus inimigos. Por isso, vemos que a síntese das figuras é a divinizada. Nela o autor cria algo que torna os eslavos polanos algo diferente perante os membros importantes das comunidades eslavas. Falar da guerra é importante, mas não bastava, se isso fosse apenas colocá-lo entre seus pares. Contudo, falar de um rei divino era colocá-lo além da simples hierarquia local. A posição dos Piastes era junto de reis importantes para “toda a cristandade”, sua função no

¹⁸⁹ BURNS, J. H. **The Cambridge History of medieval Political Thought. Ca. 350-1450**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p.7.

¹⁹⁰ MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 21-51.

mundo terrestre era a de torná-lo preparado para ser parte do daquele que era guiado pelo criador das coisas visíveis e invisíveis.

O artista não é apenas um decorador. O trabalho de confecção de sua obra esconde tudo que ele passa, tudo que aprendeu; tudo que deve fazer e tudo que é obrigado a introduzir. A aprendizagem mostra os meios, bem como os exemplos de como proceder, mas somente no momento de criação é que é possível conhecer suas pretensões. Procurar nos manipuladores dos artefatos da cultura a sua especificidade foi uma meta desse trabalho: tentar procurar no texto de Galo Anônimo a sua especificidade, observando nas minúcias as pistas da solução dos motivos de suas escolhas dentro do texto. Aby Warburg proporcionou-nos a perspectiva de que devemos observar a concretude das relações entre os elementos sociais – o artista e o comitente –, a partir dos quais os detalhes de qualquer forma de expressão intelectual passam a ser inteligíveis em seu próprio tempo. Advertimos que devemos combinar as idéias que circulam em um mesmo espaço intelectual para tecermos posições que não caiam em especulações incorretas.

Warburg, quando combina os hinos homéricos que circulavam no tempo de Botticelli com o quadro do “Nascimento de Vênus” do pintor, consegue observar como funcionava a cabeça deste¹⁹¹. E faz de seu trabalho sobre o Renascimento não apenas uma procura de uma minúcia que representava uma tendência da pintura da época. Suas observações, porém, mostram o que era a vida no momento da execução da obra, a política que cerca as pinturas, os gostos os quais se fixavam nas comunidades a que a obra foi destinada. Há ainda a reflexão que o autor nos traz de que as obras não somente impõem atitudes, mas eram também recebidas por aqueles que a praticavam ou a conheciam, dando à pesquisa histórica não a meta de produzir grandes especulações sobre o que é o homem, o que é a violência etc. Acreditamos que devemos procurar no caso a base para a pesquisa histórica, a maneira de aprender a resolver os problemas que as situações nos trazem não somente pela procura da resposta dos “*por quês?*”, mas também dos “*comos?*”. Pois, aprendemos, como Jacob Burckhardt, que: “*A definição rígida de certos conceitos pertence à lógica, não à História, já que nesta tudo existe em permanente fluxo, em permanentes transições e fusões com outros elementos*”¹⁹².

¹⁹¹ WARBURG, A. **O Renascimento do Paganismo Antigo**. Tradução livre de Cássio da Silva Fernandes – Universidade Federal de Juíz de Fora. Texto original contido em: *La rinascità del paganismo antico*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1996.

¹⁹² BURCKHARDT, J. **Reflexões sobre a História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. p 87.

Visitamos os textos de Galo Anônimo procurando a sua visão dos conceitos de monarquia. Descobrimos com isso que aquilo que o autor criava não era a concepção universal de rei, mas aquilo que pudesse ser formatado nos parâmetros coerentes para que seus receptores fossem “capturados” pelos Piastes de Bolesław III. O conceito de rei muda pouco, mas muda para ser o conceito correto para aquele período, dentro da vida daqueles personagens. Procurar o “*teor da vida*”, isto é, aquilo que cerca a produção das idéias de Galo Anônimo é essencial, pois para compreender bem a arte é muito importante ter noção da função da arte na vida¹⁹³. O cotidiano de Galo Anônimo estava carregado pelo dilema de elaboração de uma posição coerente com aquela região modificada pela cristandade de forma tão rápida – o que cria as figuras do rei que apontamos anteriormente em nosso trabalho –, numa junção das necessidades que não feriam a individualidade do artista no sentido de ir além de seus conhecimentos com aquilo que o estudo deu a este como instrumentos de trabalho.

A procura pela relação entre o artista e o político mostrou que a Idade Média tem teoria política. Qualquer momento em que os indivíduos devam se relacionar em uma comunidade forma a política, pois o homem não convive somente por ser animal, mas porque é uma criatura dotada de características intelectuais que o fazem ter necessidades além das biológicas. A política medieval tem bases na espiritualidade, pois esta existe como elemento de movimento da sociedade. A vida medieval pede a simbologia, a representação e a espiritualidade da fé cristã em seus termos de relacionamento, como a tecnologia é atualmente inseparável da nossa idéia de relação humana. A hierarquização polana foi montada dentro das diretrizes de que a política medieval precisava. A procura pela política mostra que a história não é feita de cima nem de baixo, mas de cada conjunto de pessoas e daquilo que elas trazem consigo em suas vidas. Quando suas bagagens culturais entram em conflito com o momento ocorre a produção daquilo que é novo. As sociedades são filhos que se parecem com seu tempo, mas nunca deixam de querer ser a glória de seus pais. Bolesław III pede que Galo Anônimo mostre sua origem de forma a parecer com seu tempo, mesmo que isso afrontasse a realidade, não sendo isso um erro, mas uma política que ajudava a manter a estabilidade da vida de vários grupos.

Galo Anônimo parou de escrever em 1116 de forma abrupta, seu trabalho não foi continuado e Bolesław III morre em 1138. A terra dos Polanos é dividida e o mito da Polônia começa a ganhar mais força e a cultura política dos reis piastes tem já em quem se espelhar. A partir de Bolesław III os Piastes não poderiam mais pensar a política e a cultura

¹⁹³ HUINZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. Braga: Ulisseia, 1924. p.250.

de sua família como um polano do *Wieć*, mas sim como híbrido da cultura e política cristã latina. A terra dos Polanos se dividiria mais uma vez, mas as sementes da nova política de Galo Anônimo estavam enterradas em solo eslavo¹⁹⁴.

Encerro colocando que as fontes eslavas ainda estão sendo pesquisadas e editadas por universidades norte-americanas e européias, constituindo um *corpus* textual que auxilia no conhecimento de como a cristandade tem facetas distintas em cada centro a que sua maneira de pensar a vida chega. Produzidas por “homens de saber” de diversos períodos, elas mostram como Galo Anônimo é um exemplo de singularidades que contribuem para o entendimento de cada espécie de momento histórico. Convidamos os pesquisadores por meio deste trabalho a se aventurarem nas pesquisas sobre os eslavos medievais para enriquecer o conhecimento histórico sobre esses grupos que ficaram obscurecidos por causa das políticas contemporâneas.

¹⁹⁴ ROMANOWSKI, P. R. **A figura do rei na Gesta principum Polonorum: Bolesław III da Polônia (Séc. XII)**. Monografia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005. p.26.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

GALLUS ANONYMUS. **Gesta principium Polonorum**. The Deeds of The Princes of the Poles. trad. para o inglês de Paul W. Knoll & Frank Schaer. Budapeste/New York: Central European University Press, 2003.

WINCENTY KADŁUBEK. **Regnum et principium Poloniae**. Trad. para o espanhol: Raúl Lavalle. Bueno Aires: Instituto de Estudios Grecolatinos Profº. F. Nóvoa, 2008.

Fontes Secundárias:

MAGISTER ANONYMUS. **Gesta Hungarorum**. Trad. para o espanhol: Raúl Lavalle. Buenos Aires: Instituto de Estudios Grecolatinos Profº. F. Nóvoa, 2004.

KOSMAS VON PRAGA. **Chronica Boemorum**. Trad. para o espanhol: Raúl Lavalle. Bueno Aires: Instituto de Estudios Grecolatinos Profº. F. Nóvoa, 2005.

Bibliografia Básica:

ANDRADE FILHO, R. de O. (Org.). **Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Solis, 2005.

ARNOLD, S.; ŻYCHOWSKI, M. **Esbozo de Historia de Polonia**. Varsóvia: Ediciones "Polônia", 1963.

ARISTÓTELES. **Física**. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

_____. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BARDFORD, P. M. **The Early Slavs: Culture and Society in Early Medieval East Europe**. New York: Cornell University Press.

BÍBLIA. 45.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOCH, L. **Instituciones Romanas**. Barcelona-Buenos Aires: Editorial Labor, 1930.

BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Cia das letras, 2005.

BOULHOSA, P. P. Sagas Islandesas como fonte de história Escandinava medieval. **Signum**, Porto Alegre, n. 7, p.25, 2005.

BRÜCKNER, A. Pierwsza powieść historyczna. **Przegląd Humanistyczny**, n.3, p. 116-36, 1924.

BURCKHARDT, J. **Reflexões sobre a História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

BURGUIÈRE, A. **Dicionário das Ciências Históricas**. Tr. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Editora. p. 599-611.

BURNS, J. H. **The Cambridge History of medieval Political Thought**. Ca. 350-1450. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CURTIUS, E. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: EDUSP, 2001.

DALEWSKI, Z. **Rytuał i polityka**. Październik: Instytut Historii PAN, 2005.

DAVIES, N. **God's Playground: A History of Poland (The origins to 1795)**. New York: Columbia University Press, 2004. v.1.

DIMSZEWSKI, B. **An Outline History of Polish Culture**. Varsóvia: Interpress, 1983.

DUBY, G. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUMÉZIL, G. **Heur et malheur du guerrier**: aspects mythiques de la fonction guerrière chez les indo-européens. 2. ed. rem. Paris: Flammarion, 1985.

CZAJKOWSKI, A. F. The congresso of Gniezno in the year 1.000. **Speculum**, v. 24, n. 3, p. 339-356, jul. 1949.

FRANÇA, S. S. L. **Os reinos dos cronistas medievais (século XV)**. São Paulo: Annablume, 2006.

FOLZ, R. **The Concept of Empire in West Europe**. Londres: Edward Arnold Ltd, 1969.

FOURQUIN, G. **Senhorio e feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 2000.

FRANCO JR, H. **Peregrinos, Monges e Guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela Medieval**. São Paulo: HUCITEC, 1990.

GILSON, E. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOIFFON, E. **Bullaire de l'Abbaye de St Gilles**. Nimes: Comitê de l'arte chrétinne, 1882.

GÓRECKI, P. **Economy, Society and Lordship in medieval Poland (1100-1250)**. Teaneck: Holes & Meier Publishes, 1992.

GUILLEMAIN, B. **O Despertar da Europa do ano 1000 a 1250**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.

GUIMARÃES, M. L. **Estudo das Representações de Monarcas nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV): O espelho do Rei: "Decifra-me e te devoro"**. Tese. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

HUINZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. **O declínio da Idade Média**. Braga: Ulisseia, 1924.

HITA JIMÉNEZ, J. A. Sobre los Orígenes de Rusia y La Crônica de Néstor. **Stvdia Histórica**. Salamanca: Ediciones Universidade de Salamanca, 18-19, 2000-2001.

JAKUBOWSKI, S. **Bogowiesłowan**. Kraków: Drukarnia, 1933.

KANTOROWICZ, E. H. **Os Dois Corpos do Rei**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KRZYŻANOWSKI, J. **Historia Literatury Polskiej**. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1963. p. 17

LECLERCQ, J. **Cultura y Vida Cristiana**. Salamanca: Sígueme, 1965.

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. V I e II.

LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2002.

LOYN, H. G. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAUWERS, M. "Religion Populaire", Culture folklorique. **Revue D'Historie Eclésiastique**. Université Louvaine. LXXXII (1987)

LUZSCIENSKI, M. **Historia de Polonia**. Barcelona: Editora Serco, 1969.

MAGOSCI, P. R. **Historical atlas of Central European**. Seattle: University of Washignton Press, 2002.

MALECZYNSKI, K. **Bolesław III Krzywousty**. Wrocław: Ossolineum, 1975.

MANTEUFFEL, T. **The Formation of the Polish State: the period of ducal rule (963-1194)**. Detroit: Wayne State University Press, 1982.

MIETHKE, J. **Las Ideas políticas de La Edad Media**. Bueno Aires: Editorial Biblos, 2007.

MODZELEWSKI, K. Le système du ius ducale en Pologne et le concept de féodalisme. **Annales**, Paris, n. 1, ano 37, p.164-185, jan./fev. 1982.

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: EDUSC, 2004.

MOSSÉ, C. **Dicionário da civilização grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MUCENIECKS SZCZ WALINSKI, A. **Virtude e conselho na pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)**. Dissertação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008.

MURRAY, A. **Razón y sociedad en la Edad Media**. Madrid: Taurus, 1982.

ORTON-REVITÉ, C. W. **História da Idade Média**. Vol III. Lisboa: Martins Fontes, 1980.

PEREIRA, M. H. da R. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

ROBISON, D. The Slavic version of liturgy of St. Peter. **American contributions to the tenth international congress of slavist**. Colombus: Slavica Publishers, Inc., 1988.

ROMANOWSKI, P. R. **A figura do rei na Gesta principum Polonorum: Bolesław III da Polônia (Séc. XII)**. Monografia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.

SANCHEZ GALÁN, P. J. **El género historiográfico de la *Chronica***. Cácers: Universidade de Extremadura, 1994.

SIEWIERSKI, H. **História da Literatura Polonesa**. Brasília: Editora UNB, 2000.

SILVA, M. C. da. Autoridade pública e violência no período Merovíngio: Gregório de Tours e as *Bellas Civilia*. In: **Instituições, Poderes e Jurisdições**. Curitiba: Juruá, 2007.

SCHLAUCH, M. Geoffrey of Monmouth and early Polish Historiography: A supplement. **Speculum**. Cambridge: Medieval Academy of America. v.44 , n 2 (Apr., 1969).

SOUZA, J. A. de C. R.; BARBOSA, J. M. **O reino de Deus e o reino dos homens**. Porto Alegre: EDIPUCS, 1997.

TOURS, G. **The history of the Franks**. New York: Penguins Books, 1974.

ULLMANN, R. A. **A universidade medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ULLMANN, W. **Principio de gobierno y política en la Edad Media**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1991.

_____, **Medieval Political Thought**. Nova York: Penguin Books, 1979.

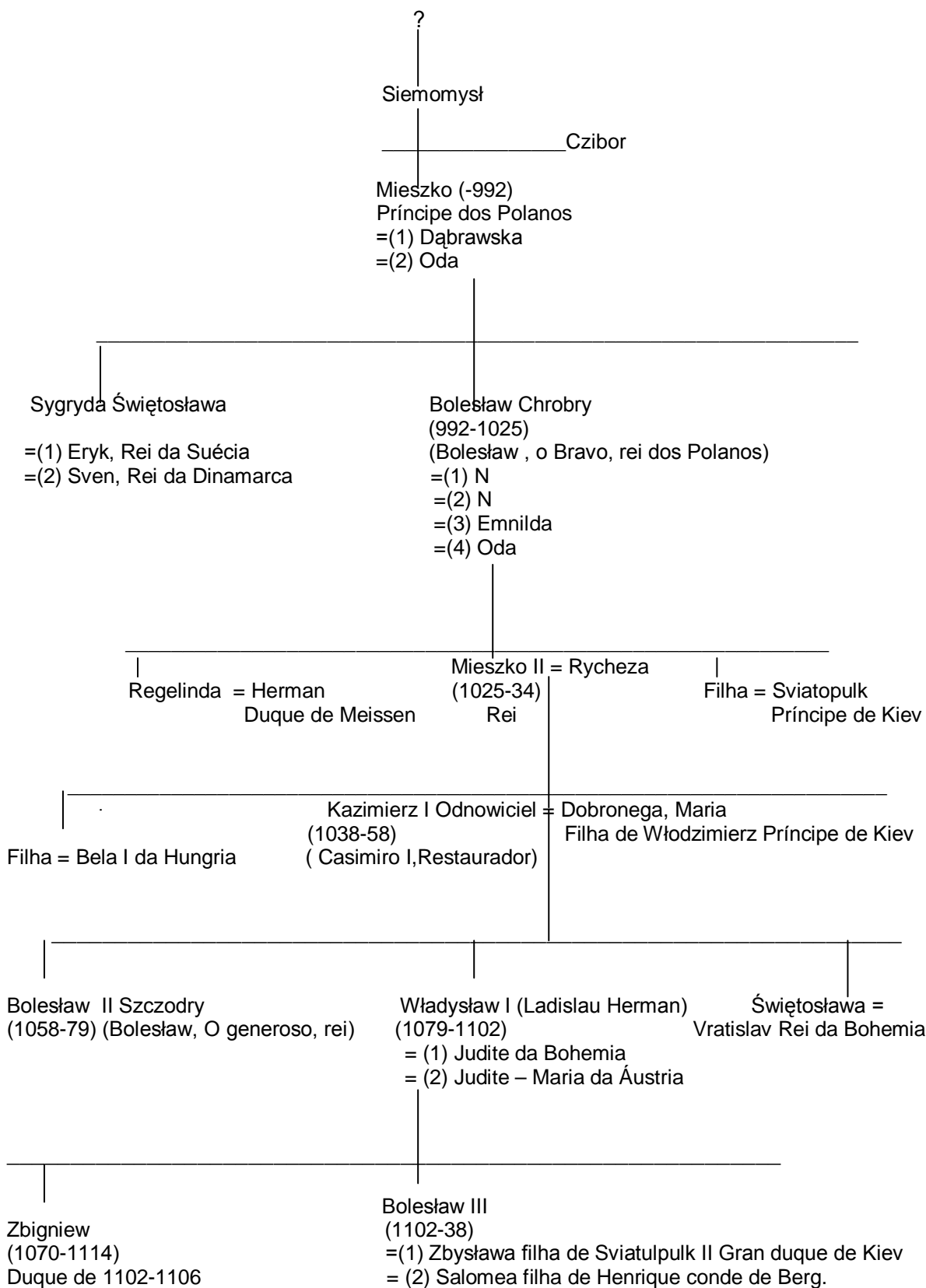
WARBURG, A. **O Renascimento do Paganismo Antigo**. Tradução livre de Cássio da Silva Fernandes – Universidade Federal de Juíz de Fora. Texto original contido em La rinascita del paganismo Antico. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1996.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999.

_____. **Cultura, ensino e sociedade no ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001.

ANEXOS

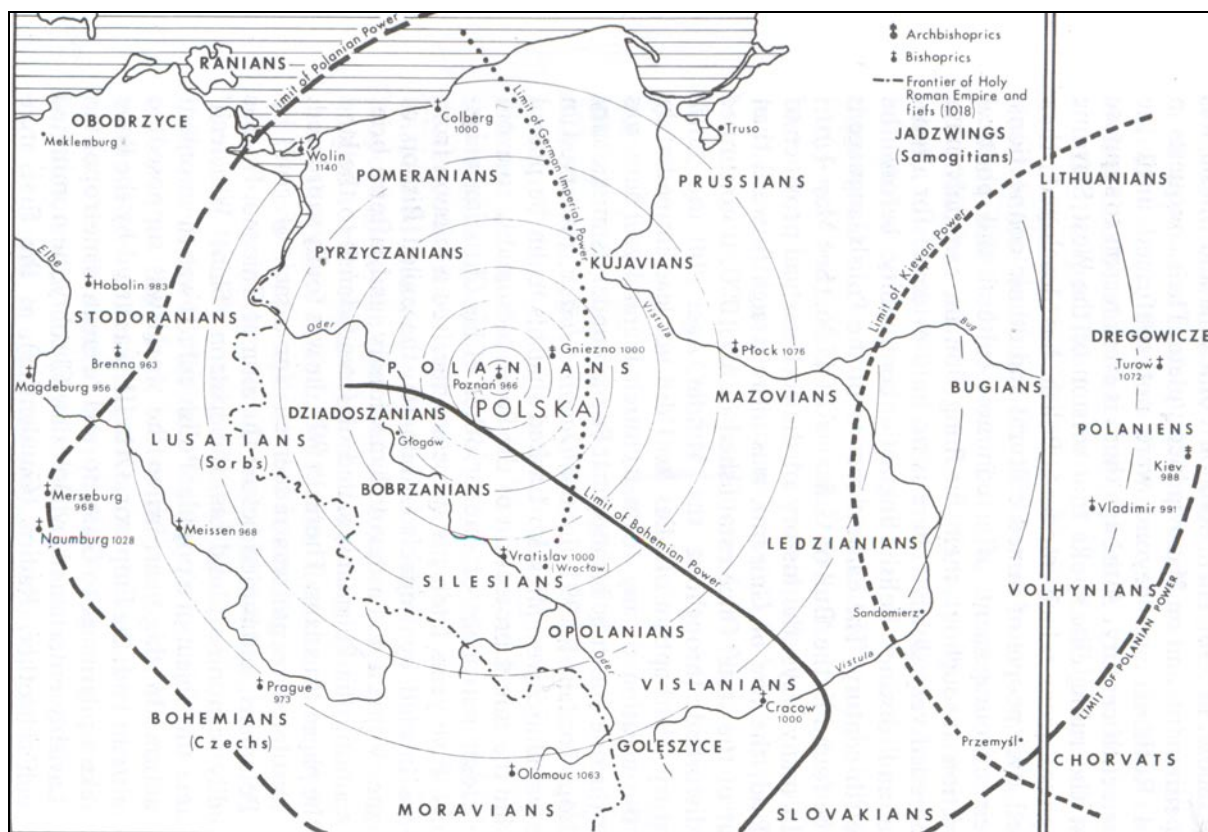
1. Genealogia da dinastia dos Piastes até 1138. A dinastia dos Piastes é a primeira a ser registrada por esse motivo não temos a árvore da família Pumpil, que pode ser totalmente mítica. Somente conhecemos Pumpil por narrativas como as de Galo Anônimo.



2.Lista de Imperadores do Sacro Império Romano Germânico de 962 a 1125.

Imperador	Período
Otão I	962-973
Otão II	967-983
Otão III	996-1002
Santo Henrique II	1014-1024
Conrado II	1027-1039
Henrique III	1046-1056
Henrique IV	1084-1105
Henrique V	1111-1125

3.2 O reino dos primeiros Piastes e seu círculo de influência (séculos X e XI)



Fonte: MANTEUFFEL, T. **The Formation of the Polish State: the period of ducal rule (963-1194)**. Detroit: Wayne State University Press, 1982.

3.3 Reino polano no período de regência de Bolesław I



Fonte:MANTEUFFEL, T. **The Formation of the Polish State: the period of ducal rule (963-1194).** Detroit: Wayne State University Press, 1982.

3.4 Organização regional da Igreja durante o período medieval na Europa Central.



Fonte: BARDFORD, P. M. **The Early Slavs: Culture and Society in Early Medieval East Europe**. New York: Cornell University Press.